

A POESIA DO **SER SUPREMO**

UMA TRADUÇÃO EM VERSOS
DO BHAGAVAD-GITA

BHAGAVAN DASA

A POESIA DO **SER SUPREMO**

UMA TRADUÇÃO EM VERSOS
DO BHAGAVAD-GITA

BHAGAVAN DASA

1ª Edição

Autor:

Bhagavan Dasa (Thiago Costa Braga).

Revisão:

Prana-vallabha Devi Dasi (Celeste Gomes dos Santos);
Prema-varadhana Devi Dasi (Flávia Acácio Reis).

Projeto Gráfico:

Sankirtana Books.

Capa:

Narada Muni Dasa (Mateus Dias).

Diagramação:

Krishna-kripa Devi Dasi (Laura Dias).

Curta a página deste livro no Facebook: A Poesia do Ser Supremo

B575p Bhagavan Dasa

A poesia do ser supremo / Bhagavan Dasa (Thiago Costa Braga). - São Paulo:
Sankirtana Books, 2014.

224p.

ISBN: 978-85-64775-19-0

1. Hinduísmo. I. Título.

CDD: 294.5

CDU: 299

Ficha catalográfica elaborada por Gláucia Grossi de Faria CRB-6/1318 de acordo com o AACR2



RELIGHARE

© 2021 Relighare

Rua Estados Unidos, 340, Bela Vista - Pindamonhangaba - SP - Brasil (12) 3522-8148

Visite-nos na internet:

www.bbt.org.br

www.sankirtana.com.br

www.harekrishna.com.br

www.voltaaosupremo.com

*Todos os direitos reservados. O texto desta obra não pode ser reproduzido
todo ou em parte, por qualquer meio, sem prévia e
formal autorização dos proprietários dos direitos autorais.*

Sumário

Prefácio	9
Introdução.	19
Capítulo Primeiro No Campo de Batalha	23
Capítulo Segundo A Essência da Canção	33
Capítulo Terceiro A Arte da Ação Desmotivada	47
Capítulo Quarto O Conhecimento Transcendental	57
Capítulo Quinto Ação em Consciência de Krishna	67
Capítulo Sexto Meditação e Superconsciência	75
Capítulo Sétimo O Conhecimento acerca do Absoluto	85
Capítulo Oitavo Alcançando o Supremo	93
Capítulo Nono O Conhecimento Mais Confidencial	101
Capítulo Décimo A Opulência do Absoluto	109
Capítulo Décimo Primeiro A Visão da Forma Universal	119

Capítulo Décimo Segundo	
O Serviço Devocional	133
Capítulo Décimo Terceiro	
A Natureza, o Desfrutador e a Consciência	139
Capítulo Décimo Quarto	
Os Três Modos da Natureza Material	149
Capítulo Décimo Quinto	
A Pessoa Suprema	157
Capítulo Décimo Sexto	
As Naturezas Divina e Demoníaca	163
Capítulo Décimo Sétimo	
As Divisões da Fé.	171
Capítulo Décimo Oitavo	
A Perfeição da Renúncia	179
Posfácio	197
Sobre o Autor	207
Glossário	209

Feito com carinho para os alunos e alunas de
Giridhari Das

Prefácio

A sabedoria védica, ou a sabedoria da Índia antiga, não é algo novo no mundo ocidental. Houve buscadores, escritores, poetas, filósofos e pessoas de todos os níveis que apreciaram a profundidade, inspiração e *insights* do pensamento védico há muitos anos. Por séculos, o interesse pela Índia, onde a literatura védica se originou, foi principalmente por razões comerciais. Bens como condimentos, joias e tecidos finos tinham destaque. Mesmo Marco Polo escreveu sobre as grandes riquezas da Índia que vira e a descreveu como um dos países mais ricos do mundo. Cristóvão Colombo leu as descrições de Marco Polo e fez um plano para encontrar uma nova rota para a Índia.

Esse interesse pela Índia continuou, mas, no começo do século XIX, aqueles que adquiriram bens da Índia também começaram a levar consigo livros em sânscrito. A literatura sânscrita começava a se tornar popular. Até o fim da guerra civil na América, a influência do pensamento védico continuou a se difundir. Isso foi especialmente notório em locais como Concord, Massachusetts, onde personalidades como Henry David Thoreau, Ralph Waldo Emerson, Amos Bronson Alcott, James Freeman Clarke e outros começaram a expressar em seus escritos uma visão filosófica diretamente influenciada pela literatura védica. Emerson, em particular, era conhecido por ter lido o *Bhagavad-gita* e outros textos védicos. Uma citação sua é esta: “Devo um dia magnífico ao *Bhagavad-gita*, o primeiro dos livros, que é como um império que nos fala; nada pequeno ou indigno, muito pelo contrário, majestoso, sereno, consistente, a voz de uma inteligência antiga que em outra época e clima examinou e se debruçou sobre as mesmas perguntas que nos inquietam na atualidade”.

Henry David Thoreau também é bastante conhecido por sua escrita influenciada pela filosofia oriental. Foi um ávido leitor da literatura védica e expressou abertamente sua admiração pelo pensamento védico. Durante sua estadia no lago Walden, lia com regularidade o *Bhagavad-gita*. Thoreau certa vez comentou: “Os excertos dos *Vedas* que li caem sobre mim como a luz de uma luminária mais alta e mais pura, a qual descreve um curso mais sublime ao longo de um *stratum* de maior pureza”. Também: “Pela manhã, banho meu intelecto na filosofia estupenda e cosmogônica do *Bhagavad-gita*, desde cuja composição anos dos deuses se passaram e, em comparação com o que, nosso mundo moderno e sua literatura parecem insignificantes e triviais”. (Walden, capítulo XVI)

Thoreau ficou tão impressionado com o *Bhagavad-gita* que disse também: “Em nenhum outro texto, o leitor é elevado e mantido em uma região de pensamento tão grande, pura ou rara quanto no *Bhagavad-gita*. A sanidade e excelência do *Gita* impressionam até mesmo a mente de soldados e mercadores”. Ele também expressou sua opinião de que “a religião e a filosofia dos hebreus são de uma tribo mais selvagem e rude, aguardando a civilidade, refinamentos intelectuais e sutileza da cultura védica”. A leitura de obras sobre a Índia e os *Vedas* por parte de Thoreau foi ampla: ele estudou seriamente. Mesmo Mahatma Gandhi respeitava-o e aceitou-o como seu professor.

Outros escritores respeitáveis que foram influenciados pela filosofia védica foram T.S. Eliot, Paul Elmer More e Irving Babbitt, todos os quais haviam estudado em Harvard com o grande professor de sânscrito Charles Rochwell Lanman, que lecionou por mais de quarenta anos e também publicou livros sobre sânscrito e filosofia hindu. Assim como Harvard teve uma sucessão de destacados professores de sânscrito, teve Yale, porém até mesmo antes. Com efeito, Elihu Yale tinha profundo apreço pela filosofia védica.

Parte do motivo para introdução do estudo de sânscrito e filosofia oriental em universidades se deu em virtude da influência de organizações como a American Oriental Society, que foi fundada em 1842. Ao longo dos anos, houve muitos grandes sanscritistas e indólogos americanos que ajudaram a apontar quão ímpar é a filosofia védica. Entre esses eruditos, figuraram Edward Elbridge

Salisbury, que foi para a Índia e continuou lá seus estudos; Fitzedward Hall; William Dwight Whitney; Edward Washburn Hopkins; James Bradstreet Greenough, e muitos outros.

Não foram só americanos que se debruçaram sobre a cultura védica, no entanto, senão que muitas personalidades de destaque em outros países ocidentais também o fizeram. Muitos poderiam ser citados, como o britânico Philip Rawson, que, em *The Art of Southeast Asia*, escreveu: “A cultura da Índia é uma das forças civilizatórias mais poderosas do mundo. Países do Extremo Oriente, incluindo China, Coreia, Japão, Tibete e Mongólia, devem muito do que têm de melhor em suas próprias culturas à inspiração de ideias importadas da Índia. O Ocidente, igualmente, tem suas dívidas. O mais fascinante é que não houve qualquer conquista ou invasão; nenhuma conversão forçada”.

Victor Cousin, o notável filósofo francês, era ciente da preeminência da filosofia védica anos antes da mesma de fato chegar à Europa. Ele disse: “Quando lemos com atenção os monumentos poéticos e filosóficos do Oriente – em especial todos aqueles da Índia, que estão começando a se difundir pela Europa –, descobrimos que há muitas verdades, e verdades deveras profundas, e que em muito se contrastam com a baixeza dos resultados em que alguns gênios europeus algumas vezes param. Diante disso, sentimo-nos compelidos a dobrar nossos joelhos perante a filosofia do Oriente e ver nesse berço da raça humana a terra nativa da filosofia mais elevada”.

Posteriormente, Romain Rolland, o famoso romancista, biógrafo, dramaturgo e musicólogo francês, também prestou tributo à terra indiana: “Se há um lugar na face da Terra onde todos os sonhos dos homens viventes encontraram um lar desde os mais antigos dias em que o homem começou o sonho da existência, esse lugar é a Índia”.

Como muitos sabem, o filósofo alemão Schlegel foi um grande admirador da filosofia védica. Há muitos dizeres dele expressando seu apreço. Nestas palavras, de sua obra *História da Literatura*, ele fala acerca da grandeza da natureza do pensamento indiano em comparação ao pensamento encontrado na Europa então: “Até mesmo a filosofia mais ativa dos europeus, o idealismo da razão, como

é propagada pelos filósofos gregos, parece, em comparação com a luz abundante e vigorosa do idealismo oriental, como uma fagulha fraca e prometeica na completa inundação da glória celeste do Sol do meio-dia – hesitante e fraca e sempre pronta para se extinguir”.

Bjornstjerna também diz em seu *Theogony of the Hindus*: “Os hindus eram muito mais avançados do que os filósofos dos gregos e romanos, que tinham dúvidas sobre a eternidade da alma”.

A maioria dos estudiosos concorda que a origem da filosofia espiritual mais profunda, e até mesmo os ensinamentos centrais dentro da maioria das religiões, podem ser encontrados dentro da tradição védica, que foi a primeira a apresentar muitas das visões do entendimento espiritual que mais tarde viajou ao redor do mundo. Por exemplo, Dr. Enfield, em seu *História da Filosofia*, expressa: “Vemos que a Índia foi visitada por Pitágoras, Anaxarco, Pirro e outros com o propósito de se obter conhecimento. Esses e outros, posteriormente, tornaram-se eminentes filósofos na Grécia”. Pocke, em seu *A Índia na Grécia*, também diz: “Certo é que Pitágoras visitou a Índia, o que, eu acredito, tornarei autoevidente”. Nessa mesma visão, Schlegel aponta em seu já citado *História da Literatura*: “A doutrina da transmigração das almas era inerente à Índia e foi levada para a Grécia por Pitágoras”.

A londrina Annie Besant foi profunda apreciadora da cultura védica. Como declarou em seu *India: Essays and Lectures*, “entre os impagáveis ensinamentos que podem ser encontrados no grande épico indiano *Mahabharata*, não há nada tão raro e inestimável quanto o *Bhagavad-gita*. Trata-se da Índia da qual eu falo: a Índia que, como eu disse, é, para mim, a Terra Santa”. Posteriormente, Annie Besant disse em uma palestra no Grand Theatre, em Calcutá, em 15 de janeiro de 1906: “A Índia é a mãe da religião. Nela estão combinadas ciência e religião em perfeita harmonia, e essa é a religião hindu, e é a Índia que será novamente a mãe espiritual do mundo”. Com efeito, o filósofo polonês Schopenhauer também disse acreditar que a sabedoria védica um dia seria aceita como a religião mundial.

Aldous Huxley foi outro grande apreciador do *Bhagavad-gita*, livro este descrito por ele como “a declaração mais sistêmica de

evolução espiritual pela outorga de valores à humanidade. O *Bhagavad-gita* é um dos resumos mais claros e abrangentes dos pensamentos espirituais”.

Max Muller, apesar de seu objetivo inicial de facilitar a propagação do cristianismo na Índia, foi mais um a enaltecer grandemente a sabedoria védica. Próximo ao fim de sua vida, disse estas palavras: “Defendo que a todo aquele que se importe consigo, com seus ancestrais, com sua história ou com seu desenvolvimento intelectual, um estudo da literatura védica é indispensável, e que, como um elemento de educação liberal, é muito mais importante e mais aprimorada do que os reinos babilônios e dos reis persas, e até mesmo do que os tempos e feitos de muitos dos reis de Judá e Israel”.

Tolstoy, da Rússia, e o alemão Deussen estão entre outros não americanos que demonstraram profundo respeito pelo conhecimento da Índia antiga.

Assim como houve grandes pensadores nos Estados Unidos e em outros países anos atrás que estavam tentando ampliar seu entendimento em relação à filosofia védica, houve também aqueles na Índia que estavam ávidos por enviar livros para o Ocidente. Em 1896, o destacado vaishnava Bhaktivinoda Thakura enviou muitas cópias de seu livro *A Vida e os Preceitos de Chaitanya Mahaprabhu* para o Ocidente. Alguns deles chegaram à biblioteca da Universidade McGill, no Canadá, e à biblioteca londrina da Royal Asiatic Society. Apesar de ser um livro pequeno, foi bastante admirado pelos estudiosos ocidentais. Mais tarde, A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, discípulo do filho de Bhaktivinoda Thakura, fundaria a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON) e, através dessa sociedade, tornar-se-ia o maior propagador do conhecimento védico de toda a história, sobretudo na esfera do *bhakti-yoga*.

Vimos até aqui um pouco da grandeza da cultura védica e de como não é menos relevante para o público do Ocidente. A sabedoria védica, no entanto, é muito ampla. Apresentemos agora especificamente o *Bhagavad-gita* e onde se situa dentro do corpo literário da Índia antiga.

No princípio, há os quatro *Vedas* originais, a saber, *Rig*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva*, dos quais o *Rig Veda* é o mais antigo. A partir dos quatro *Vedas* principais, há ramos ou apêndices chamados *Brahmanas*, que discutem rituais e cerimônias. A partir desses, derivam-se os *Aranyakas*. As *Upanishads* são os apêndices (o segredo e o conhecimento esotérico) dos *Aranyakas*. Os *Itihasas*, por sua vez, ou a literatura védica suplementar, ajudam a explicar os rituais dos *Vedas* e a filosofia altamente comprimida do *Vedanta-sutra* e das *Upanishads* mediante o uso de eventos históricos e discursos de grandes sábios e reis.

Incluso nos *Itihasas* está o *Mahabharata*, escrito por Srila Vyasadeva. Trata-se de um épico histórico sobre o grande reino de Bharatavarsha, ou a região da Índia. Contém 110.000 parvas de versos, o que o torna o maior poema e épico da literatura mundial. É dividido em 18 seções chamadas *parvas*, como *Adi-parva*, *Vana-parva* e assim por diante. Trata-se de um tesouro da sabedoria indiana e carrega em si um código de vida para relações éticas, sociais e espirituais. Através desse grande épico, toda sorte de situação humana é descrita e todo tipo de emoção é despertado. Há um ditado que afirma que, se algo não está no *Mahabharata*, não será encontrado em nenhum outro lugar.

O *Mahabharata* lida com as atividades dos Pândavas e seu relacionamento com Krishna, bem como com tópicos que incluem a criação do mundo, a história dos sábios, darma, política, estratégias militares, o comportamento apropriado de um rei e caminhos de espiritualidade e devoção a Deus. Inclui a essência das *Upanishads* e dos ensinamentos védicos e, é claro, o famoso *Bhagavad-gita*.

O *Bhagavad-gita* aparece nos capítulos de 25 a 42 do *Bhisma-parva* do *Mahabharata* e consiste em 18 capítulos e 700 versos. Trata-se de um clássico da literatura indiana e uma *Upanishad* de leitura obrigatória, além de um importante manual ou guia para quem deseja trilhar o caminho espiritual que conduz à consumação de um relacionamento com Deus. É especialmente útil para aqueles que não têm muito tempo para ler ou que não são aptos a se aprofundarem muito no estudo da literatura védica. Apresenta conhecimento acerca da alma, lei do *karma*, reencarnação, como alcançar o Supremo, conhecimento sobre Deus e sobre o propósito essencial

da vida. Revela derradeiramente a supremacia do caminho devocional, *bhakti-yoga*, como o melhor processo para redespertar nossa consciência da relação que temos com o Senhor Supremo. O *Mahabharata* destina-se especialmente a atrair a atenção das pessoas para o *Bhagavad-gita* através de um texto com uma aventura histórica e empolgante, o que o *Mahabharata* certamente possui.

O *Bhagavad-gita*, que significa “a canção de Bhagavan”, ou “a canção do Ser Supremo”, é considerado por muitos como a escritura védica mais importante. Todo aquele interessado no mais significativo da filosofia oriental deve ler o *Bhagavad-gita*. Se todas as *Upanishads* fossem ser comparadas a vacas, o *Bhagavad-gita* se compararia ao leite.

O *Bhagavad-gita* lida com todos os tipos de *yoga*, ou caminhos para a autorrealização, e tem o formato de um diálogo muito vívido entre o príncipe guerreiro Árjuna e seu amigo e quadrigário Krishna. Foi falado quando a grande guerra do *Mahabharata* estava prestes a ter início no campo de batalha de Kurukshetra, como descreve o primeiro verso da obra. Cabe no escopo deste breve prefácio um resumo dos eventos que levaram até esse conflito de grandes dimensões.

Os cinco irmãos Pândavas, nascidos do rei Pându, eram os legítimos herdeiros ao reino da Índia. Porém, quando os Pândavas ainda eram jovens, Pându morreu prematuramente, e Dhritarastra, o cabeça da família Kuru, assumiu o controle até que os Pândavas crescessem. Devido à sua afeição por seus próprios filhos, todavia, Dhritarastra envolveu-se em várias tramas e intrigas de modo a eliminar os Pândavas a fim de que seus filhos, os Kauravas, pudessem herdar o trono. Após muitos anos de tribulações, situações de quase morte e quatorze anos de exílio, os Pândavas retornaram para reivindicar seus direitos ao trono. Os Kurus, porém, não estavam inclinados a honrarem os Pândavas de maneira alguma. Mesmo depois de solicitado a dar-lhes apenas cinco vilas, uma para cada Pândava governar, Duryodhana, o líder dos Kauravas, disse que não lhes conferiria nem mesmo terra o bastante para espetarem uma agulha.

Depois que se frustraram todas as negociações de paz, os Pândavas concordaram que não havia outra escolha senão lutarem.

Até mesmo o Senhor Krishna foi pessoalmente ter com os Kauravas e tentar solucionar tudo de maneira passiva, mas o destino mostrou que não seria assim. Cada lado, então, reuniu grandes exércitos de toda a Índia e também de terras estrangeiras. Com efeito, os Kurus tinham um exército muito maior e constituído de guerreiros mais poderosos do que os Pândavas. Porém, o maior aliado dos Pândavas era sua grande moral e seu caráter espiritual, bem como seu amigo Sri Krishna, a mais poderosa personalidade.

Quando se fez chegado o momento dos dois grandes exércitos se confrontarem no campo de batalha de Kurukshetra, havia imenso número de guerreiros, cavalos, quadrigas e elefantes prontos para o embate. Antes da batalha, Krishna, que estava servindo como quadrigário e conselheiro de Árjuna, conduziu a quadriga de Árjuna para entre os dois grandes exércitos. Ao ver o grande número de amigos e parentes de ambos os lados prontos para se matarem, Árjuna hesitou lutar e experimentou grande aflição. Considerou que era inútil lutar, achando preferível retirar-se para a floresta e viver em reclusão e dedicado a práticas meditativas. Foi nesse contexto que Krishna se valeu da oportunidade de falar o *Bhagavad-gita* a Árjuna a fim de mostrar-lhe que a ação em serviço devocional e com o propósito de proteger o darma eterno é um padrão superior a evitar uma situação pessoalmente desconfortável. Ali mesmo no campo de batalha de Kurukshetra, um local que ainda pode ser encontrado em Madhyadesha, a três horas de trem ao norte de Délhi, transcorreu todo o diálogo. Ao fim, Árjuna aceitou os conselhos de Krishna, guerreou e venceu uma guerra deveras furiosa.

Há muitas versões do *Bhagavad-gita*. A primeira tradução do *Bhagavad-gita* para a língua inglesa foi feita por Charles Wilkins em 1785, com uma introdução de Warren Hastings, o então governador-geral britânico da Índia. Uma das traduções mais populares foi feita por Sir Edwin Arnold, sob o título de *The Song Celestial*. Uma das traduções mais descritivas e precisas do *Bhagavad-gita* vem da pena de A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que é a base para esta edição poética em língua portuguesa.

O *Bhagavad-gita* tem respostas a todos os problemas que um homem possa ter de experimentar na vida. Krishna jamais comanda

alguém a fazer algo, senão que, em vez disso, discute os elementos favoráveis e negativos em toda ação e pensamento. Ao longo das centenas de versos do *Bhagavad-gita*, não encontramos nenhuma linha começando com ordens categóricas de mandamentos dogmáticos, daí o *Bhagavad-gita* ser tão amado por milhões de buscadores da verdade em todo o mundo. Dando-se a estas páginas, temos por certo que o leitor se tornará mais um de seus tantos amantes.

– Stephen Knapp

Indólogo, palestrante internacional
e autor de *O Coração do Hinduísmo*,
Os Ensinamentos Secretos dos Vedas
e outros vinte livros sobre
cultura védica e história da Índia



Introdução

Uma preocupação justa por parte de quem tem este livro em mãos é: “Esta é uma versão poética preocupada em ser fiel ao texto original do *Bhagavad-gita* ou é mera paráfrase do *Bhagavad-gita* com ampla liberdade criativa?”.

Na produção deste livro, tivemos por intenção apresentar o *Bhagavad-gita* integralmente, em seus setecentos versos, e com fidelidade ao texto original. A transposição para uma língua diferente do original sânscrito, e sobretudo em versos, é claro, não é algo que se possa fazer com facilidade sem comprometer o teor da mensagem multifacetada expressa no diálogo entre Krishna e Árjuna. Na tentativa de chegarmos o mais próximo possível disso, restringimos nossa criatividade a três técnicas, que consistiram em tentar criar versos diretamente do original sânscrito, pegando tanto sua mensagem objetiva como elementos poéticos; parafraseando a tradução inglesa da maior autoridade no *Bhagavad-gita* do século XX, A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada; desdobrando termos técnicos ou esotéricos do texto em nova redação. Apresentaremos um exemplo de cada caso.

No verso 12 do capítulo primeiro, nossa tradução diz: “Rugindo o rugido de seu imponente búzio”, que é uma tradução diretamente do sânscrito, que também usa a mesma raiz duas vezes, como usamos em “rugindo o rugido”. Em sânscrito, o texto diz *nadam vinadya*. O restante do verso foi traduzido literalmente e em prosa com a ajuda de dicionários especializados e a chicha de *O Bhagavad-gita Como Ele É*, do já mencionado A.C. Bhaktivedanta Prabhupada, e, em seguida, versificado.

O verso de número 2.54 exemplifica uma paráfrase em verso diretamente da tradução em prosa de Prabhupada, que é: “Ó

Krishna, quais são os sintomas daquele cuja consciência está absorta nessa transcendência? Como fala, e qual é a sua linguagem? Como se senta e como caminha?“. Em nossa paráfrase em verso, em que usamos o nome original de Krishna do verso sânscrito, Kêshava, o resultado foi:

Quais são os sintomas daquele cuja consciência
Nessa transcendência, absorta está?
Ó Kêshava, como fala e como é seu falar?
Como se senta e como é seu caminhar?

O terceiro caso, em que um termo sânscrito é desdobrado, pode ter por exemplo o verso 1.6, no qual aparece o termo *maharatha*. No militarismo védico, existem os termos *ardharatha*, *ratha*, *atiratha* e *maharatha*. Um *ardharatha* é o combatente heroico capaz de lutar com menos de mil soldados. O *ratha* é competente o bastante para enfrentar mil. Um *atiratha*, mais raro, é o herói em cujo poder está matar de mil a dez mil homens. O *maharatha*, por sua vez, é tão excepcionalmente poderoso que pode lutar contra dez mil arqueiros. Esse único termo *maharatha*, então, tornou-se três linhas de verso em nossa tradução:

Fica sabendo: sobre suas quadrigas
Cada um destes guerreiros pode
A dez mil arqueiros mostrar a morte

Assim, o leitor não deve pensar que o nosso desejo de fazer uma versão poética do *Bhagavad-gita*, por todas as qualidades próprias de um texto em verso – como o despertar de emoções profundas, musicalidade etc. – foi feito com negligência para com o texto original. Isso não nos seria possível, haja vista a natural reverência que temos pelo diálogo tão cultuado.

Neste livro, também desejamos propiciar ao leitor o início de um estudo sistemático do *Bhagavad-gita*, para o que disponibilizamos um resumo de cada capítulo antes da apresentação dos versos em si. O resumo divide os capítulos em seções temáticas, como se fossem parágrafos dentro dos capítulos. A partir do capítulo segundo, cada resumo também começa expondo como o capítulo que tem início se conecta com o anterior. Esses resumos baseados em seções

temáticas foram elaborados com base nos estudos de Bhurijana Dasa disponíveis em seu livro *Surrender unto Me, An Overview of Bhagavad-gita*; nos comentários ao *Bhagavad-gita* de Visvanatha Chakravarti Thakura; no material didático do Seminário Hare Krishna de Filosofia e Teologia, onde tivemos a graça de estudar, e fontes similares.

Ao fim do livro, ainda é possível ler um posfácio escrito por Stephen Knapp, o erudito indólogo que foi muito gentil em nos apresentar também com um prefácio. Um glossário também está disponível ao leitor com informações referentes aos termos sânscritos e personagens que aparecem ao longo do poema.

A você que tem este em mãos, nosso sincero desejo de uma leitura ao máximo proveitosa e edificante.

– Bhagavan Dasa



No Campo de Batalha

O *Bhagavad-gita* tem início no *Bhisma-parva* da obra maior *Mahabharata*, obra esta que, como discorrido no prefácio, descreve em detalhes as intrigas políticas que culminam na batalha de Kurukshetra, onde então se encontram Krishna e Árjuna.

Sanjaya é o secretário pessoal do rei cego Dhritarastra, que está muito ansioso por saber como se desenrolará a batalha no campo de Kurukshetra – desejoso de que seu filho perverso, Duryodhana, seja vitorioso sobre seu sobrinho de grandes virtudes, Árjuna. Assim, Dhritarastra pede a Sanjaya que descreva os acontecimentos no campo de batalha valendo-se do poder místico que seu secretário possuía devido a uma bênção de seu mestre espiritual. Sanjaya, deste modo, torna-se narrador do diálogo *Bhagavad-gita*, entre Krishna e Árjuna, que acontece momentos antes do início da batalha.

Este posicionamento da grande canção é estratégico. Toda a atenção do leitor, após a leitura de muitos capítulos com intrigas, combates e romances, está indesviável agora no clímax da obra na guerra: o momento perfeito para introduzir o mais importante de toda a narrativa, o *Bhagavad-gita*. O estado mental induzido em Árjuna também é providencial, pois, desorientado diante de sua obrigação de aplicar sobre seu primo Duryodhana e seus cúmplices Dronacharya, Bhisma e outros parentes e entes queridos a pena apropriada pelo insulto de ordem sexual a uma mulher inocente e outros delitos, Árjuna faz o papel de nós almas confusas em relação a quais são nossos deveres, qual é a nossa posição neste mundo, qual é nossa relação com Deus e outros assuntos de grande importância.

Assim, os primeiros vinte e sete versos do *Bhagavad-gita* ainda nos introduzem ao contexto histórico onde ocorrerá o diálogo.

A partir do verso vinte e oito, Árjuna apresenta as razões por que deseja não lutar, as quais são em número de cinco: compaixão por aqueles contra quem tem de lutar; o egoísmo de saber que não desfrutará após a guerra caso vitorioso, uma vez que não terá seus parentes para comemorarem consigo; temor das consequências da destruição da família; medo de incorrer em pecado e ter de sofrer reações adversas em decorrência disso; e a indecisão de não saber com toda a segurança se é melhor vencer ou ser derrotado.

Apresentados seus argumentos, Árjuna deixa de lado suas armas e se senta em sua quadriga tomado de angústia.



1

Dhritarastra disse:
O que os meus, Sanjaya, fizeram eles
Reunidos junto aos dele – de Pându?
A luta, quando, sei que desejo deles.
Meu desando: sagrada Kurukshetra

2

Sanjaya disse:
Ante Duryodhana a força disposta
Contempla o rei a grande formação.
A seu instrutor dirige-se então
Comentando-lhe a força oposta

3

Duryodhana disse:
Vê mestre meu
Quão fabuloso
Dos filhos de Pându
O exército belicoso

Discípulo teu
Inteligência astuta
Filho de Drúpada
O autor da feitura

4

Ferindo nossa estima
Como Árvjuna e Bhima
Arqueiros lutarão

Yuyudhana, também Virata
Empecilhos em nossa monocrata
Drúpada e muitos outros são

5

Ainda há Dhristaketu, ó brâmana
Kashiraja, Purujit, também Chekitana
Igualmente contra nós: Shaibya
Também Kuntibhoja, o grande xátria

6

Também a nós irá guerrear contra
Uttamauja, possuidor de grande poder
Com os cinco de Draupadi, ó Drona
Nesta guerra, dificilmente vá refecer
E Abhimanyu, o filho de Subhadra
Também em esquadra já se encontra

Fica sabendo: sobre suas quadrigas
Cada um destes guerreiros pode
A dez mil arqueiros mostrar a morte

7

Não obstante, ó melhor dos brâmanes
Deixa-me falar-te acerca doutros
Acerca daqueles, todos doutos, prontos
Qualificados a liderar as tropas minhas

8

Além, obviamente, de ti, Dronacharya
Neste lado da nava, estão Bhisma, Karna
Estes a quem a vitória é sempre solidária
Kripa, Bhurisrava, Asvatthama, Vikarna

9

Por mim abandonam os heróis sua vida
Todos peritos na ciência da guerra
Exímios no grande somante de armas letais
Daí tais mostrarem mais durante nossa alarida

10

Nossa força é incomensurável, imensamente,
Estando protegida por Bhisma, o venerável.
É certo de Bhima proteger os Pândavas
Bhima, nada obstante, não é de todo respeitável

11

A partir de vossos respectivos postos
Para que tocar nele a fadiga não se atreva
Enquanto adentrais a falange inimiga
Deveis vós todos apoiar Bhismadeva

12

Sanjaya disse:
Então, Bhisma, o avô dos combatentes
O valente ancestre da dinastia Kuru
Rugindo o rugido de seu imponente búzio
O rei Duryodhana tornou ele contente

13

Sucedentes a essa leonina vibração
Búzios e tambores e trombetas
Tumultuosamente: clarins, cornetas
Formidável tocar se fez então

14

No outro lado, sobre uma quadriga reluzente
Dotada de imponentes cavalos brancos
Responderam francos: Krishna e Árjuna
Soprando seus búzios de natureza transcendente

15

Seu búzio, Panchajanya, Krishna soprou
Vrikodara, com alor, vibrou Paundra
Seu búzio mui imensamente aterrador.
Árjuna, não diferente, o seu, Devadatta

16

Enquanto o céu mirava, Yudhisthira
O filho de Kunti, soprou o Anantavijaya.
Quando sopraram também Nakula e Sahadeva
Sugosha e Manipuspaka ouviram-se dalém

17-18

Sopraram os deles também o rei de Varanasi
E Shikhandi, aquele em batalha desenvolto
Dhristadyumna, Drúpada, Satyaki, Virata
Os filhos de Subhadra, de Draupadi e outros

19

O soar de todos somou-se estrondeante.
Daqueles de Dhritarastra, o coração a pedaços
Ante o som do ameaço, partiram-se todos
E no céu e na terra, ouviu-se o grande soante

20

Então, Árjuna, na quadriga cuja flâmula
A grandeza anuncia o servo de Rama
Pegou de seu arco, nas costas a aljava.
Vendo os de Dhritarastra em formação militar
Ao Senhor Krishna dirigiu então a palavra
Agora, mais que nunca, prestes a guerrear

21-22

Árjuna disse:

Para que neste veja eu daqueles a vinda
Entre os exércitos, coloca a quadriga minha.
Sem revinda, afora, lutar é-lhes o intento
Neste empreendimento cruento e belicoso

23

Mostra-me, por favor, quem lutarei agora:
Mostra-me o exército em todo desejoso
De o filho de Dhritarastra agradar, ó infalível
Embora a mente dele terrível certo seja

24

Sanjaya disse:

Ó descendente de Bhárata, aquele que inspira
Devoção mesmo em Vishnu, Brahmá e Shiva
Choferado foi pelo Senhor de todos os sentidos
E entre os exércitos bifendidos, posicionado

25

Em presença dos regentes do mundo todo
Como Bhisma, Drona e outros armidoutos
O Senhor disse: “Observa, ó caro Parta
O agrupamento Kuru neste local disposto”

26

Destarte, ver então pôde o filho de Prita
Nos discordantes exércitos tomando parte
Seus avós, pais, mestres, irmãos, netos
Filhos, amigos, sogros, tios maternos

27

Com a visão de toda sorte de amigos e parentes
Para que o Senhor Krishna assim o ouvisse
Palavras a isto atinentes, Árjuna então disse
Enquanto dominado por indizível compaixão

28

Árjuna disse:

Ver amigos e parentes diante de mim
Procelosos à guerra neste campo copioso
Faz minha boca secar, meu querido Krishna
E o tremer de meu corpo não encontra fim

29

Outrossim, arrepia-se o meu corpo todo.
Incapaz eu sou de segurar o meu arco Gandiva
E minha pele, ilativa, queima como fogo

30

Indizível é o porquê de eu estar aqui exatamente
E de mim mesmo agora estou deslembrando.
Girando minha mente está, ó Krishna, ó Kêshava
Tudo é desdita, precisamente o que tentei evitar

31

Da morte de meus próprios parentes
Algum bem decorrente ver não posso
Tampouco posso, meu querido Krishna
Aspirar êxito, reino ou gozo subsequentes

32-35

De que nos vale felicidade ou reinância, Govinda
Ou ainda, que relevância existe no próprio ar vital
Quando aqueles pelos quais desejamos estes, afinal
Têm neste campo de batalha a vida próximo à finda?

Ó Madhusudana, se mestres, avós, filhos e pais
Netos, tios maternos, cunhados, sogros e demais
Prontos a abandonar suas vidas e posses estão.
Embora por algum adarme matar-me venham
Deveria eu querer matá-los por qual razão?

Para com eles travar em guerra
Pronto não estou por todo o universo
Inda menos por esta pequena terra

À morte levando os de Dhritarastra
Seremos nós venturosos, ó Janárdana?
Ou nos restará tolerar o inverso?

36

Se mortos tais agressores, pecadores seremos nós.
Atroz é o predicado de tamanho, imenso errar.
Matar os de Dhritarastra e nossos amigos não convém.
Levando à destruição nosso próprio meio familiar
O que ganharíamos, ó esposo da deusa da fortuna?

37-38

Com seus corações dominados pela cobiça
Ó Krishna, mantenedor de toda vivência
O erro de matar a própria família
Consciência: não os possui

Por que deveríamos nós
Por nossa vez, muito contudo
Cientes do absurdo, irmos na insensatez
De destruir a família em tamanho desculto?

39

Da dinastia a completa destruição
Sem terem de quem seguir os passos
A não-religião ganha, assim, espaço
E a tradição da família inexistente enfim

40

Quando é o ambiente familiar irreligioso
Poluem-se as mulheres em busca de gozo
E a classe feminina sua prole abomina

41

Da sucessão de tais crianças indesejadas
Decorre a todos uma vida de todo infernal:
Àqueles que tornam a família anormal
Àqueles que tais famílias tornam habitadas

Sem oferenda de arroz ou mesmo de água
Dessas famílias corruptas, caem os ancestrais
Pois a seus rituais, continuidade não é dada

42

Aqueles que destroem da família a estrutura
Destruição que procede crianças não queridas
Levam à extinção também o sistema social
Dado tornar-se habitual, entre as castas a mistura

43

De tais destruidores, é a residência o inferno.
De conhecimento superno, minha nascente.
Porque a sucessão discipular não se vê negar
Ó mantenedor dos viventes, eu embasado cerno

44

Ó desgosto! Movido pela ânsia
Vertido à felicidade palaciana
A matar nossa própria gente, ó Krishna
Agora nosso ser tornou-se disposto

45

Tal qual uma cortesia
A mim certo seria
Se os filhos de Dhritarastra
Em mãos, suas armas
Matassem a mim
No campo de batalha
Sem que qualquer represália
Oferecesse eu

46

Sanjaya disse:
O arqueiro Árjuna, em seu coração partido
Após assim ter dito, em sua quadriga sentou-se.
Ali no campo de batalha; sua flecha, seu arco
Pôs ele de lado, tomado por uma mente anárria

A Essência da Canção

Krishna rejeita de modo contundente os argumentos de Árjuna para não cumprir seu dever como guerreiro. Árjuna, por fim, admite estar confuso e aceita Krishna como seu mestre espiritual, pedindo-Lhe que diga definitivamente o que lhe é melhor. Krishna, então, prossegue instruindo Seu amigo, agora também discípulo.

Nos versos de onze a trinta, Krishna introduz o conceito de eternidade da alma, distinção do corpo e transmigração da mesma por diferentes corpos.

Do verso trinta e um ao trinta e oito, então, dedica-Se a defender que Árjuna deve lutar porque esse é o dever a ele prescrito e não há pecado em cumprir o dever conforme prescrevem as escrituras, mesmo se esse dever for matar.

Uma vez que Árjuna respaldou seus argumentos nas escrituras e na tradição da sucessão discipular, Krishna comenta, do verso trinta e nove ao cinquenta e três, como as escrituras sagradas, embora de fato reveladas, têm seções menos do que conclusivas, assim expondo que seus argumentos não eram baseados na conclusão dos *Vedas*.

Quando Árjuna pede por mais esclarecimento, Krishna conclui o capítulo explicando mais elaboradamente as características de autocontrole e outras daquele cuja consciência está absorta na transcendência e encerra dizendo que quem atinge semelhante estado de pureza pode entrar em Sua morada eterna, além do ciclo de nascimentos e mortes.



1

Sanjaya disse:

Vendo Árjuna deprimido, tomado de enternecimento
O conhecimento da alma Krishna lhe tornará conhecido.
Dirigido a Árjuna foi então, de Krishna ímpares palavras
Para tirar dos olhos do guerreiro o trepidar de lágrimas

2

Krishna, a Divindade Suprema, disse:

Como foi que tal confusão, Meu querido Árjuna
Tomou então tua consciência, tua boa razão?
Semelhante perturbação não deve ser experimentada
Não por alguém conhecedor do darma

Não condizem a ti, amigo ário, tais lamentações:
Em vez da morada celestial, alcançarás o escárnio

3

Não te fica bem tão degradante fraqueza.
Essa incerteza, abandona logo, pois é bastarda
E no discernimento da misericórdia e do darma
Ó conquistador do inimigo, retoma tua clareza

4

Árjuna disse:

Como valer de minhas flechas eu assim poderia
Para a morte de Bhisma e Drona ter a autoria?
Ó matador de Madhu, ó matador do inimigo
Afadigo sinto, caso contra aqueles de deferência dignos
Tenha eu que atirar minhas setas

5

Muito preferiria eu ser um mendicante asceta
A viver às custas das vidas dessas grandes almas.
Se mortos, nossa mente não conhecerá calma
E manchado de sangue estará o que desfrutarmos

Conquanto a fim de riquezas sejam seus esforços
Como superiores nossos, certamente seguem eles

6

Tampouco sabemos dizer, afinal, o que melhor seria:
Vencê-los ou sermos derrotados para a vitória deles.
Mesmo se eu os vencer, isto me é derrota
Dado que no pós-vitória, não querei viver

7

Abandonar a coragem xátria emitente, é minha fraqueza.
Nesta condição deprimente, por favor, com toda a certeza
Dize o melhor para mim, pois sou a Ti uma alma rendida.
Devolve-me a força da vida, com Tua instrução nesta hora
Pois, na complexidade do darma, perdeu-se o intelecto meu

8

Como afastar este pesar, que seca os meus sentidos
Descobrir não consigo aflito, para suprimi-lo, não sei o que pensar.
Nem mesmo que na Terra, ganhe um reino próspero pela guerra
Soberano, como os semideuses doutro plano, alegria há de me visitar

9

Sanjaya disse:
Esse verbo havendo falado
O castigador do inimigo
Ao Krishna consigo, disse: 'Lutar não farei
Govinda', e boa-vinda deu ao silêncio

10

Ó descendente de Bhárata, naquele momento
Entre os exércitos presentes ali, Krishna sorriu.
A fim de erguer Árjuna de seu abatimento
As palavras a seguir, Krishna exprimiu

11

Krishna disse:
Palavras sábias acreditas falar
Mas te lamentas de balde.
Os sábios não se ouvem lamentar
Pelos vivos ou por aqueles na morte

12

Nunca houve um tempo em que Eu não existisse
Ou tua pessoa, estes reis ou outro alguém.
Nunca houve quem se extinguisse
E no futuro, continuaremos também

13

Neste corpo, passa a alma corporificada
Da infância à velhice em sua andança.
Quando este jaz morto, habita outro corpo
E não se enleia o sábio com a mudança

14

O trânsito efêmero de felicidade e aflição
E, no devido tempo, sua desapareição
É como o surgimento e desaparecimento
Das estações do inverno e do verão.
Surge dos sentidos essa percepção
E é preciso suportá-los sem tormento

15

Quem não se vê perturbado
Com a felicidade ou a aflição
E que permanece estável
Em ambos os estados
Está decerto qualificado
Para obter a libertação

16

Concluíram da verdade os videntes
Que não permanece o não-existente
E que a alma eterna
Em nada se altera

17

Aquilo que penetra o corpo
É o indestrutível ser.
Ninguém é capaz do transtorno
De a alma perecer

18

O corpo material da entidade viva
Inabalável, imensurável, inesgotável
Ao fim certamente chegará
E cabe-te por natureza guerrear
Ó homem de linhagem respeitável

19

O pensar de que é o matante a entidade viva
Não é o pensar do verdadeiro conhecedor
Nem o pensar de que é morta em sua lida
Porquanto o eu não é o morto nem o matador

20

Nasce ou perece a alma em tempo algum.
Não começou no passado, agora ou começará no futuro.
Não nascida, eterna e primordial é-lhe o ser comum.
Pode o corpo morrer, mas a alma sempre viverá

21

Como um sabedor
De que é indestrutível, eterna
Imutável e não-nascida
Pode tirar de alguém a vida
Ou dizer que um guerreador
Sua vida tornou perdida?

22

Assim como alguém traja novas vestes
Quando as rotas estão por demais antigas,
Abandonando os velhos, sem mais préstimos
Livre de toda fadiga, novos corpos a alma habita

23

A alma despedaçar
Não pode nenhum armamento
Nem o fogo a pode queimar
Tampouco a alma seca o vento
E molhá-la não pode a água

24

Inquebrantável e indissolúvel é essa partícula consciente
E permanente, e presente em toda parte
E imutável, imóvel e eternamente a mesma.
Queimada nem seca, em tempo algum, pode ela ser

25

A alma, é dito, é invisível
Imutável, inconcebível.
O corpo quando findo
Não te deve entristecer
Ciente de tudo isso

26-27

Se pensas que a alma nasce e morre pelo tempo
Mesmo assim, razão não tens para lamento
Pois certamente morrerá aquele que nasceu
E após a morte, a nascer ele voltará.
No inevitável cumprimento do dever
Te lamentar, ó guerreiro, tu não deves enfim

28

Por que a lamentação tens por adereço
Se todos são imanifestos em seu começo
Manifestos em seu estado intermediário
Imanifestos quando aniquilados?

29

Espantosa, alguns consideram a alma
Maravilhosa, outros a descrevem
Portentosa, alguns sobre ela ouvem dizer.
Outros, mesmo após ouvirem sobre o fragmento eterno
Por completo, não têm sua compreensão

30

Aquele que mora no corpo, então
Nunca pode ser morto.
Devido a isso, afligir-te não precisas
Por ninguém neste desacordo

31

Por teu dever específico da ordem xátria
Sabes que não te existe melhor ocupação
Do que, nos princípios da religião, a peleja devida.
Não te deve ser querida, portanto, a hesitação

32

Para esta oportunidade eleitos
Felizes são tais guerreiros
Abrindo-lhes as portas, ó Parta
Para a morada de nome Svarga

33

Se vacilares no dever divino do combate
Em pecado certamente incorrerás, no entanto.
Por negligenciar teus deveres neste campo
Tua reputação de guerreiro perder-se-á

34

Para alguém respeitável
Pior do que a morte é se desonrar
E pela evitação do embate
Hão de te chamar: covarde

35

Os generais que têm na mais alta estima
O teu nome, a fama que carregas
Pensarão que fugiste da batalha às pressas
Porque o temor te estava muito acima

36

Com muitas palavras indelicadas
Descrever-te-ão os teus inimigos
E tua habilidade não de desdenhar.
O que pior poderia acontecer contigo?

37

Ou morto ao longo da guerra serás
E terás para ti os planetas celestes
Ou terás e gozarás o reino terrestre.
Determinado, pois, levanta-te para lutar

38

Combate pelo combater
Sem considerar
Aflição ou felicidade
Ganhar ou perder
Derrota ou prosperidade.
E nesse proceder
Pecado não haverá

39

Descrevi-te, então
O saber pelo estudo analítico.
O trabalho em devoção
Descrever-te-ei neste agora

Agindo com esta arma
Ó filho de Prita
Do cativo do karma
Te podes libertar

40

Perda ou merma, inexistente neste esforço
E um pequeno progresso neste caminho
Protege contra a queda no medonho poço
Da regressão, um espinho, à vida animal

41

Os viajantes desta estrada
São resolutos em um só objetivo
Ó amado filho dos Kurus
Mas a inteligência dos irresolutos
Encontra muitos atrativos
Em infinitas bifurcações

42-43

Os supostos seguidores dos Vedas
Nada sapientes em seu julgar
Apegam-se à linguagem florida destes
E desejam o gozo e a riqueza
Os planetas celestes e sua beleza
E outros prazeres presentes neles
E dizem que isso é tudo o que há

44

Na mente daqueles por demais apegados
Ao gozo da opulência material
Por tais coisas se tornam embriagados
E por tudo isso se deixam enganar

Em um coração sem calma
Resolução absoluta não há de chegar
Para prestar serviço devocional
Ao Senhor de toda alma

45

Os três modos da natureza material
Dos assuntos dos Vedas, o mais discutido.
Ó Árjuna, torna-te transcendental
Aos três modos referidos

Liberta-te de todos os anseios advindos
Da busca de ganho e segurança
E liberta-te de todas as dualidades
Estabelecido no eu, em liberdade e confiança

46

Todo serviço por um pequeno poço prestado
Pode prestar um grande lago, um lago fecundo
E pode servir-se de todo propósito dos Vedas
Quem é inteirado de seu objetivo profundo

47

Podes cumprir o teu dever prescrito.
Não exige, porém, os frutos do feito.
Sê estrito, também, e não te aches a causa
Das reações de tuas atividades, o efeito.
E o descumprir do dever, não te deve haver

48

O teu dever realiza com estabilidade
Abandonando toda identidade
Com o exitar ou o fracassar

Ó conquistador de riqueza
Essa constância é o yoga, ou sua natureza

49

Ó Árjuna, através do serviço devocional
De toda atividade vil, distancia-te deveras
E, sem espera, rende-te ao Senhor

Não servem o absoluto, em serviço incondicional
Aqueles que querem gozar o fruto:
Avaros é o nome que lhes dou

50

Empenha-te no yoga como descrevi
E das boas e más ações livra-te.
Estar alheio ao resultado é uma mestria
E o benefício se faz presente nesta vida

51

Em serviço devocional ocupados
Grandes sábios apartam-se dos resultados
Do trabalho no mundo material.
Vivem além dos sofrimentos de toda sorte:
Livres do nascimento e da morte

52

Quando teu intelecto cruzar, contudo
A densa floresta do iludir
Tornar-te-ás indiferente a tudo
O que se ouviu e se há de ouvir

53

Quando tua mente não mais se perturbar
Pela linguagem dos Vedas, a linguagem florida
É no samadhi se assentar, ó Árjuna
A consciência divina haverá sido atingida

54

Árjuna perguntou:
Quais são os sintomas daquele cuja consciência
Nessa transcendência, absorta está?
Ó Kêshava, como fala e como é seu linguajar?
Como se senta e como é seu caminhar?

55

Krishna disse:
Quando desiste do gozo egoísta
Ó querido filho de Prita
Que da invenção mental surge
E quando sua mente purificada
Apenas no eu refulge
É imaculada sua consciência
Abrilhantada é sua existência

56

Quem não deixa se perturbar a mente
Mesmo com as três misérias à frente
E não se exulta quando contente
E é livre de apego, medo e ira
É chamado um sábio fixo e consciente

57

No mundo material, mundo de decadência,
Quem não se afeta pelo bem ou mal
A que está destinado
Sem os louvar ou desprezar
Em conhecimento perfeito está situado

58

Quem é capaz de remover
Seus sentidos dos objetos dos sentidos
Como a tartaruga sabe seus membros recolher
Tem consciência perfeita consigo

59

Pode a alma no corpo evitar esse gozo
Embora pelos objetos permaneça o gosto.
Porém, interrompida semelhante vivência
Ao experimentar um gosto além
Ela se fixa em consciência

60

Tão fortes e impetuosos os sentidos
Que arrebatam até mesmo a mente
De alguém de discriminação
Também determinado e prudente

61

Aquele que os sentidos restringe, evidente
Mantendo-os sob controle inabalável
E em Mim fixando sua consciência
É um homem de inteligência estável
Um homem de fato inteligente

62

Aquele meditativo
Nos objetos dos sentidos
Neles coloca seu desejo

No desejo, a ira tem ensejo
Contra tudo e todo
Que lhe seja estorvo

63

Na ira, perde-se a discriminação
Do acertado e do errado.
Nessa confusão, então
Esquece-se o benefício da instrução
Que a escritura nos traz

Daí não há determinação
Para seguir as injunções escriturais.
Ao fundo do poço, então, haverá chegado

64

Por outro lado
Quem não é avesso ou apegado
E é capaz de controlar seus sentidos
Obtém a liberdade pelo amor
Através dos princípios
E da misericórdia do Senhor

65

Para alguém que experimenta essa fêlícia
O sofrimento material se aluta
E nessa consciência que regozija
Se faz resoluta a inteligência sua

66

Quem ao Sagrado não está vinculado
Não pode ter inteligência transcendente
Tampouco terá a mente em firme estado

Como pode, assim, conhecer paz?
E felicidade sem paz
Incapaz por certo é

67

Assim como pode uma ventania
Arrastar um barco pela água
Igualmente, ó melhor de tua dinastia
Mesmo um só dos sentidos com a mente
Pode certamente levar à mágoa
A inteligência de um homem respeitável

68

Ó tu que possuis força formidável
Como pela força o inimigo controlas
Deves também controlar a mente tua
Pois com os sentidos restringidos
A inteligência se torna estável
E por objetos errados não perambula

69

A noite de todos
É o despertar do comedido
E o despertar dos tolos
É noite para o introvertido

70

Quem de modo algum se agita
Com o fluxo de desejos
Pode alcançar verdadeira paz
E não quem luta para satisfazê-los,
Assim como o mar não se perturba
Com os rios que desaguam o ano inteiro

71

Quem obviou dos sentidos todo gozo
Que vive sem mais vontades
Livre do senso de propriedade
E da falsa identificação
A ele tão-somente, então
Há paz de verdade

72

Eis a estabilidade no espírito
E o homem assim centrado
Jamais se confunde ou se vê perdido

Pode entrar no reino de Deus
Se mesmo somente à hora da morte
Situa-se ele nessa posição
E pode, então, residir entre os Meus

A Arte da Ação Desmotivada

No verso de número quarenta e nove do capítulo anterior, Krishna glorificou a prestação de serviço devocional ao Senhor como algo superior às atividades materialmente motivadas. A *Árjuna*, no entanto, isso pareceu ser a sugestão do abandono da atividade de lutar, mas, em aparente contradição, Krishna prosseguia exortando-o à luta. Este capítulo, por conseguinte, começa com o guerreiro perguntando a Krishna o que é definitivamente melhor, o serviço devocional ou o trabalho, o qual, o segundo, *Árjuna* acredita ser sempre frutivo.

Krishna esclarece nos versos de três a nove que o trabalho deve ser combinado com conhecimento e desapego, e seus frutos, oferecidos para a satisfação do Senhor Supremo, desfazendo a suposta contradição entre trabalho e serviço devocional.

Nos versos de dez a dezesseis, Krishna descreve o sistema conhecido como *karma-kanda*, um sistema de respeito às poderosas entidades vivas que possuem cargos administrativos no cosmo e prática de sacrifícios a fim de ser merecedor de prosperidade neste mundo. Esse sistema é considerado inferior a outros sistemas religiosos uma vez que seus frutos são temporários: bom nascimento, saúde, riqueza, gozo dos sentidos. Porém, quem o adota se purifica gradualmente em virtude de se ver forçado a praticar certas regulações, o que conduz a desapego; em virtude desse processo fazer o praticante estudar os *Vedas*, nos quais figuram ensinamentos mais elevados, com os quais o indivíduo terminará entrando em contato; em virtude de que, obtendo os resultados, ainda que materiais, de sua prática a pessoa desenvolve fé nas escrituras como de fato reveladas; e porque faz com que se associe com sacerdotes, os quais

podem ter valores superiores aos seus e transmiti-los. Por tais motivos, Krishna também apresenta esse conhecimento.

Nos versos de dezessete a trinta e cinco, Krishna fala sobre a importância de alguém cumprir seu dever sem apego a fim de que sirva de exemplo para as outras pessoas, sobretudo alguém formador de opinião e influente, como o caso de Árjuna, um combatente muito famoso já em seu tempo.

Do verso trinta e seis até o final do capítulo, Krishna versa sobre por que as pessoas não cumprem seus deveres, inclusive pessoas que conhecem perfeitamente os deveres e possuem o desejo de segui-los. O motivo disso é a luxúria, a ira e outros vícios, os quais, Krishna sugere, devem ser controlados através da conscientização de que somos superiores aos sentidos, à mente e a inteligência e recorrendo à inteligência espiritual a fim de que tenhamos completo autodomínio.



1

Árjuna disse:
Forçando-me a este guerrear
A Teu próprio povo causas dor
Ó controlador de Shiva e Brahmá

Se superior ao trabalho frutivo
Consideras o serviço devocional
Por que me queres nesta guerra terrível?

2

Com Tua instrução incompreensível
Confundiu-se o meu intelecto.
Definitivamente dize-me, portanto
O que me será mais benéfico

3

Krishna disse:
Há duas classes de homens
Que buscam a autorrealização.
Alguns o fazem pelo conhecer e analisar
E outros pelo serviço em devoção

4

Não é evitável a reação
Pela mera inação.
Nem pelo mero renunciar
Pode-se atingir a perfeição

5

Todos são forçados a atuar
Segundo o modo proeminente.
Inerte ninguém pode estar
Nem mesmo brevemente

6

Quem detém os sentidos de irem adiante
Mas não afasta dos objetos sua mente
Decerto se ilude fortemente
E nada é senão farsante

7

Em contrapartida
Se um sincero chefe de família
A mente para dirigir os sentidos utiliza
E sem ansiar pelo fruto
Age segundo as escrituras
Mais próximo está do Absoluto

8

Melhor do que não trabalhar
É executar o dever prescrito
Porquanto, sem fazê-lo
Sequer o homem mantém-se vivo

9

Deve-se atuar em sacrifício a Vishnu
Ou aprisiona neste mundo a atuação.
Ó filho de Kunti, para a satisfação dEle
Executa teus deveres, sempre livre da prisão

10

No início da criação
O pai da população
Muitas gerações enviou
E disse-lhes então:

Com o sacrifício, sede felizes.
Multiplicai a população
E satisfazei vossa ambição
Sob o seu auspício

11

Em decorrência do sacrifício
Os semideuses, assim propiciados
Também vos agradação
E sereis todos abençoados

12

Todas as necessidades virão
– A comida, a chuva e o clima –
Mas quem não paga os deuses
Certamente é um ladrão

13

O devoto livra-se do ciclo pecaminoso
Porque come após a oferta.
A pessoa que cozinha para o gozo
De pecado é coberta

14

Todo corpo subsiste dos grãos alimentícios
Que das chuvas são produzidos.
As chuvas decorrem dos sacrifícios
E estes nascem dos deveres prescritos

15

Os deveres são pelos Vedas descritos
Cujos versos manifestam-se do Senhor.
Portanto, situa-se no ato sacrificador
A Transcendência e Sua onipotência

16

Quem não segue este ciclo
Pelos Vedas estabelecido
Vive uma vida de pecados
E de mero gozo dos sentidos
Sem nenhum objetivo justificado

17

Quem regozija, todavia, no eu
Quem apenas no eu vê prazer
E em cuja vida se autoconheceu
— para ele, não há dever

18

Pela execução de ação
Não há acúmulo de resultados
E pela não execução
Não há causa de agrura
Porque não existe refúgio
Em todos os três mundos
Ao fito daquele de tal cultura

19

Os frutos das ações renunciando
Tem-se de proceder, portanto, por dever
Porquanto, pelo trabalho desapegado
O Supremo pode ser logrado

20

Monarcas tais como o pai de Sita
Com o mero cumprir do dever natural
Auferiram a posição perfectiva.
Portanto, cumpre tua obrigação apelativa
Para educar o povo em geral

21

A conduta de alguém grandioso
Segue o mundo todo

22

Não sinto falta de algo
Tampouco trabalho há-Me
Malgrado, ocupo-Me no dever regulado

23

Se Eu deixasse de assim fazer
Todos seguiriam o Meu caminho
Em grande desprazer

24

Todos os mundos arruinar-se-iam
E destruindo a paz de todos
Gerações aborrríveis surgiriam

25

Assim como os ignorantes
Com apego ao que há de vir
Executam seus deveres
Também podem os eruditos agir
Sem apego, entretanto
Mas com o intento de ser exemplo

26

O sábio jamais para o trabalhador
Que trabalha por pobres resultados
Senão que o instrui no trabalho
Em serviço ao Senhor

27

Pelo falso ego desconcertados
Os seres vivos espirituais
Julgam-se autores dos atos
Pelos três modos atuados

28

Quem conhece a Verdade Absoluta
Ó homem de braços formidáveis
A serviço dos sentidos não se ocupa
Ciente da distinção entre devoção
E trabalho por resultados esgotáveis

29

Confundidos pelos modos materiais
Os tolos dão-se às ações temporais
As quais são ignorantes e inferiores
E, deste modo, tornam-se apegados.
Os sábios, porém, não devem inquietá-los

30

Portanto, todo ato Me ofertando
Com plena ciência de Mim
Sem desejo material, por fim
Sem alegares propriedade
E livre da letargia
Luta em verdade

31

Quem cumpre seus deveres
Para a Minha satisfação
É livre da inveja
E se livra da reação

32

Aqueles que Me rejeitam
E seguem sua própria direção
São iludidos pela necidade
E se privam da perfeição

33

Mesmo um homem sábio
Age segundo sua natureza, certamente.
O que se obtém com a repressão?

34

Nos teus passos redentores
Haverá apego e aversão, alerta a ti
Mas te impedem de divergir
Os princípios reguladores

35

É melhor cumprir o próprio dever
Mesmo que imperfeito
Do que o dever alheio
Perfeitamente exercer

Morre cumprindo teu dever
Pois certamente é tribulatório
Seguir o caminho que não é nosso

36

Árjuna perguntou:
O que impele alguém ao pecado
Mesmo contra a sua vontade
Como se fosse deveras forçado?
Com a luz de Tua candeia
Explica-me, ó Varshneya

37

Krishna disse:
É somente a luxúria
Que nasce do modo da paixão
E se torna o poder iracundo
A grande causa da destruição
A grande inimiga deste mundo
E o símbolo do pecado profundo

38

Cobrem o embrião, o espelho e o fogo
O ventre, a poeira e a fumaça.
Similarmente, ó Árjuna
A luxúria cobre o ser vivente

39

Da entidade viva
A luxúria é sempre inimiga:
Queima como fogo
E jamais se sacia

40

Os sentidos, a mente e a inteligência
São seus lugares de residência.
Através deles, confunde o ser vivente
E obscurece sua pura consciência

41

Portanto, ó melhor da dinastia tua
Refreia por inteiro a luxúria
Regulando os sentidos no viver
E aniquila o inimigo
Da ciência e do saber

42

Os sentidos podem a matéria governar
E a mente os sentidos controlar
– Da audição até o olfato, de fato –
Mas a alma está acima, em maior estima
Pois por ela a inteligência é regida

43

Porque a alma tem a posição mais alta
Centra o eu no eu transcendental
E então, derrota tua mortífera oposição
Mediante a inteligência espiritual

O Conhecimento Transcendental

Diferentemente do capítulo anterior, este não é iniciado com uma pergunta de Árjuna, senão que Krishna o começa espontaneamente. De modo a valorizar a “inteligência espiritual” sobre a qual falou no último verso do capítulo três – mencionada como o recurso para dominar os sentidos, a mente e a inteligência, os locais de assento do egoísmo que nos impede de cumprir nossos deveres, sobretudo como uma oferenda a Deus – Krishna menciona a história desse conhecimento, dos versos de um a dez. Em tais versos, Krishna fala sobre como o conhecimento O tem por origem e como o mesmo descendeu à Terra muito tempo atrás mediante uma linha de mestres e discípulos, ou sucessão discipular. Diz ainda que sempre que esse conhecimento se perde e a irreligião se torna proeminente, Ele restabelece a revelação, a qual tem por objetivo conduzir as pessoas ao desenvolvimento do amor a Ele.

Dos versos de onze a quinze, Árjuna ouve sobre como Krishna reciproca a forma de rendição de cada pessoa e sobre como a perfeição é agir como aqueles que compreenderam a natureza de Krishna como a personalidade que não tem nenhum envolvimento com as ações e reações do mundo material.

Então, do verso dezesseis ao verso vinte e quatro, Krishna discute como a verdadeira liberdade de pecado está em agir livre da expectativa de gozo dos sentidos e em conhecimento, e não na inação negligente.

Nos versos restantes, Krishna apresenta diferentes tipos de sacrifícios e conclui dizendo que o melhor sacrifício é aquele executado com conhecimento. Em conclusão, agir segundo o conhecimento

transcendental, como dito no último verso do capítulo três, é a melhor forma de alguém se ver livre de todas as reações pecaminosas resultantes do agir.



1

Krishna disse:

Ensinei a ciência do yoga ao deus solar
Que a ensinou ao pai da humanidade
Que pôde, então, a seu filho ensinar
Todos de grande santidade

2

O yoga se difundiu por corrente discipular
E os reis santos assimilaram-no, portanto.
Com o passar do tempo, no entanto
A sucessão foi interrompida
E a ciência agora está perdida

3

Esse saber do yoga, então, falo-te agora.
Podes entender o mistério sem demora
Porquanto Me és amigado e devotado

4

Árjuna disse:

O deus do Sol nasceu antes de Ti
Motivo pelo qual Te interrogo:
Como a ele isto transmitiste
Em um passado tão remoto?

5

Krishna disse:

Tu e Eu, ó grande guerreiro
Muitíssimas vidas já vivemos.
Com o rememorar indesfeito
Posso Me lembrar de tudo
Mas não és capaz do mesmo

6

Embora não nascido seja Eu
Embora imortal seja o corpo Meu
Embora, enfim, seja Eu o senhor de todos
– Quer semideus, quer animal –
Mesmo assim, de tempos em tempos
Apareço em Minha forma original

7

Quando a religião está perecendo
E a degradação ganha espaço
Aí se dá o Meu advento

8

Para libertar os piedosos
Frustrar os criminosos em seu empenho
E estabelecer a religião eterna
Pessoalmente Eu venho
Era após era

9

Quem entende a natureza espiritual
De Meu aparecimento e atividades
Não renasce neste mundo de needade
Mas alcança Minha morada pessoal

10

Livres do apego, do medo e do iramento
Absortos em Mim, refugiados em Mim
Muitos se purificaram por esse conhecimento
E desenvolveram amor assim

11

Segundo se rendem a Mim
Reciproco enfim

Ó filho de Prita
Todos seguem o Meu caminho
De amabilidade infinita

12

Todavia, aquele cuja vida é hedonista
Abandona Meu caminho da devoção
E em busca de resultados imediatos
Aos semideuses volta adoração

13

Conforme critérios objetivos
As quatro divisões da sociedade Eu crio.
Embora Eu seja deste sistema o criador
Faço-o apenas indiretamente
Porquanto imutável por certo sou

14

Não há trabalho que Me afete
E não aspiro a frutos da ação.
Aquele que esta verdade aufere
Também não se enreda
Em nenhuma reação

15

Em tempos antigos
Com esta compreensão
As almas libertas agiram
E seus passos seguindo
Deves cumprir tua função

16

Se confundem na definição
Do que é ação e inação
Mesmo os doutos de outrora.
Explicar-te-ei isto agora
O que te livrará de toda aflição

17

Deveras complexa é a ciência da ação.
O que é ação, inação e ação impertinente
Deves, então, entender corretamente

18

Quem vê inação na ação
E vê ação na inação
É são entre os homens, em verdade
E situou-se em transcendência
Embora ocupado em atividade

19

Aquele cuja ação
É destituída do defeito
Do gozo dos sentidos
Queima toda reação
No conhecimento perfeito

20

Embora dado à sua ocupação
Não executa ações frutivas
Pois é satisfeito e independente
E abandona o apego, certamente
Aos frutos das ações em sua vida

21

É ele autocontrolado, em corpo e mente
E com o propósito de manter-se
Pode, sem incorrer em pecado
Aceitar algo, livremente
Mesmo de alguém degradado

22

Quem fica contentado
Com o que vem naturalmente
E é livre da inveja
Também estável no exitar e fracassar
E por completo livre de dualidade
Nunca haverá de se enredar
Embora dado à atividade

23

Aquele desapegado dos modos
Situado em plena sapiência
E cuja ação é sacrifício ao Senhor
Emerge na transcendência

24

Quem está em consciência divinal
Por contribuir nos atos deste mundo
Cujos fazer e oferecer é absoluto
Há de alcançar, afinal, o reino espiritual

25

Ouve-me falar de outros sacrifícios:
Os iogues do trabalho
Adoram os semideuses
Oferecendo-lhes sacrifícios
E os iogues do conhecimento
Também oferecem sacrifícios
Mas ao Brahman Supremo

26

Os celibatários estritos
Sacrificam os sentidos
No fogo do controle mental
E os chefes de família regulados
No fogo dos sentidos
Sacrificam o objeto sensorial

27

Pelo controle sensório e da mente
Outros logram a autorrealização
E oferecem eles a função
Dos sentidos e do alento vital
No fogo do controle mental

28

Tendo feito votos estritos
Alguns se iluminam pela caridade
Outros pelo yoga místico
E outros pelo estudo dos Vedas
Ou por meio de austeridade

29

Outros praticam o controle da respiração
Expandindo a vida a uma longa duração

30

Cientes do sentido dos sacrifícios
Todos estes executores
Purificam-se de todo malefício

Pelo saborear dos frutos do sacrifício
Tanto diretos quanto indiretos
Avançam rumo ao destino último

31

Neste mundo ou nesta vida
Ou em vidas subsequentes
Aqueles que não se sacrificam
Jamais se verão contentes

32

A sua natureza
Faz a opção.
Se aprovado pelo Veda
O sacrifício
Traz a salvação

33

O conhecimento maduro
É a melhor oblação
Porquanto, com sua obtenção
Todas as ações produtoras de frutos
Estão acabadas

34

Encontra uma pessoa abalizada
Um mestre notável
A quem servir e indagar.
Como alguém autorrealizado
O que vivenciou te ensinará

35

Então, jamais recairás em ilusão
Vendo, com esse conhecimento
Que todos são do Senhor Deus
Que todos, finalmente, são Meus

36

Valendo-se do saber sagrado
Como um barco de pureza
Os maiores dos pecadores
– Tem completa certeza –
Podem cruzar o mar das dores

37

Assim como a lenha a arder
Os pecados se consomem
Quando no fogo do saber

38

É incomparável e deslumbrante
O conhecimento transcendente.
No iogue praticante, certamente
Nasce no devido tempo

39

Aquele dado a esse conhecimento
E possuidor de autocontrole e fé
Livra-se rapidamente da maré
De morte e renascimento

40

Não alcança o Absoluto
O inseguro, ignorante ou confuso:
Para a alma que desacredita
Somente há desdita
Neste e no outro mundo

41

Ó conquistador de tesouros
Iogues possuidores do ouro do saber
Que renegam os frutos das ações
Conhecem o eu verdadeiro
E, por inteiro, livram-se das reações

42

O contrassenso no coração
Com a arma da cognição
Deve ser cortado

Armado com o yoga
Ó filho do senhor da Terra
Ergue-te neste instante
E prepara-te para a guerra

Ação em Consciência de Krishna

Ao longo dos capítulos até este ponto, *Árjuna* ouviu tanto sobre a importância de agir no cumprimento do dever quanto sobre o cultivo de conhecimento, o que, em geral, é feito de forma inativa. Porque seu entendimento de como deve proceder ainda não está inteiramente claro, inicia mais um capítulo dirigindo a *Krishna*, desde o capítulo dois seu mestre espiritual formal, uma pergunta: “Caro *Krishna*, por favor, fala-me em definitivo o que é considerado superior: abandonar o trabalho ativo ou trabalhar para o Senhor?”.

A dúvida de *Árjuna* nasce da ideia de que renúncia e trabalho são incompatíveis, mas *Krishna* diz que o trabalho feito com conhecimento e devoção é renúncia. O conhecimento espiritual sem aplicação prática não é suficiente para alguém obter a libertação das garras do ciclo de nascimentos e mortes, senão que a pessoa, uma vez ciente de sua posição como alma espiritual serve eterna de Deus, deve passar a atuar nessa capacidade.

Depois de enfatizar que o trabalho em desapego é mais fácil e superior à inatividade, discorre, nos versos de sete a doze, sobre como semelhante trabalhador não se identifica com seu corpo ou com as atividades realizadas pelo mesmo.

Do verso treze ao dezesseis, *Krishna* fala sobre o conhecimento dos três executores: a entidade viva; os três modos da natureza material, mencionados pela primeira vez no verso quarenta e cinco do capítulo dois; e a Superalma, ou Alma Suprema.

Que o indivíduo que fixa sua consciência em tal Superalma através da devoção e também do conhecimento e que age de forma

apropriada alcança a libertação brevemente é o assunto abordado do verso dezessete ao vinte e seis, libertação esta também obtível pelo processo do *yoga* mecânico, segundo os versos vinte e sete e vinte oito.

No último verso do capítulo, Krishna reúne em torno de Si todo o ensinamento que apresentou até então. Ao dizer que se deve entendê-IO como o desfrutador de todo sacrifício e como o Senhor de todas as deidades, Krishna coloca a importância de que os sacrifícios sejam ofertados a Ele, e não a deuses menores, como Brahmá ou Indra. Dizendo que é o desfrutador das austeridades, liga a Si também o conhecimento, o qual é cultivado por pessoas austeras, ou desinteressados do gozo sensorial. E, finalmente, ao declarar-Se o melhor amigo de todas as entidades vivas, revela que a Superalma presente no coração de todos é Ele. A Superalma é comparada ao melhor amigo uma vez que acompanha a alma por todos os corpos dando-lhe intuição espiritual. Quem compreende Krishna dessa maneira, conclui o capítulo, obtém paz, ou, em outras palavras, a libertação.



1

Árjuna disse:
Caro Krishna, por favor
Fala-me em definitivo
O que é considerado superior:
Abandonar o trabalho ativo
Ou trabalhar para o Senhor?

2

Krishna disse:
A libertação ambos têm por fruto.
Contudo, o serviço em devoção
É superior ao despego da ação

3

É sempre renunciado
Quem não rejeita ou deseja
Os frutos de sua atividade

Destarte, além da dualidade
Vence o enredamento doloroso
Ó Árjuna, guerreiro majestoso

4

Desapego desta matéria
Deste mundo de miséria
É o mesmo que o apego a Mim:
Diz assim, o sábio erudito

5

Quem sabe que o obtido
Pelo estudo analítico
Também o pode ser
Pelo serviço em devoção
Vê as coisas como são

6

Renunciando a toda ação
Sem se dar ao serviço ativo
Ninguém pode ser contente
Mas quem é introspectivo
E no Senhor depende
Rapidamente O alcança

7

A alma pura e devotada
Ó Árjuna, e autocontrolada
Quer o bem de todos
E é nisso reciprocada.
Embora sempre aja
Não cria novo karma

8-9

Embora muitas coisas faça
Quem granjeou a graça
Dentro de si sempre sabe
Em verdade, que nada o abraça

Embora fale, durma, exale
Sempre sabe a realidade:
Com a matéria, é verdade
Interagem os sentidos
Mas o eu, é de tudo distinto

10

Assim como o lótus
Pela água não é tocado
Não conhece pecado
Quem cumpre seu dever
E sabe oferecer
O fruto ao Senhor
A fim de Lhe aprazer

11

Valendo-se dos sentidos, da mente
Do corpo e da discriminação
Agem os iogues, seguramente
Buscando a purificação

12

Vê-se em paz a alma devotada
Porque Me oferece todo fruto
Mas se do Divino separada
Cobiçando o resultado do trabalho
No fardo do egoísmo, dá-se enredada

13

A alma corporificada
Consigo sob a própria diretriz
E renunciante mental das ações
No reino de nove portões, reside feliz
Nem autor, nem causador de intenções

14

Não cria os frutos das ações
Nem atividades e alheias induções
O espírito senhor de seu corpo.
Isto te ensino, querido Árjuna:
O que o faz, são os modos trinos

15

Diferente do pensar dos iludidos
Não é responsável o Senhor
Pelas atividades pecaminosas
Ou mesmo piedosas, em ardor

16

Quando esclarecida a alma, todavia
A ignorância é destruída
E seu conhecimento tudo revela
Como o Sol durante o dia

17

A razão, a mente, a fé, o abrigo
Quando harmonizados comigo
Livram o eu de todo receio
Que prossegue resoluta
Na libertação do enleio
Deste mundo poluto

18

O sábio possuidor de humildade
Devido a saber a verdade
Vê com a mesma visão
Um brâmane e uma vaca
Um elefante e um cão
E a mulher e o homem
Que o pobre perro comem

19

Aquele além de todo erro
De desigualdade e rejeição
Já subjugou a condição
Do nascer, morrer e renascer

É ele, por conseguinte
Perfeito como Brahman
E do Brahman constituinte

20

Quem é igual se perde ou ganha
Entendido na ciência do eu
E na sabedoria de Deus
Jamais toma uma via estranha
E já está em transcendência

21

O transe é sua vivência
E alheio ao prazer exterior
Sempre goza em seu interior
A felicidade ilimitada
De meditar no Senhor

22

Aquele de razão superior
Não se envolve no sofrimento
Do desfrute sensorial.
Por seu julgamento
Entende o tormento
De permitir-se a um prazer
Com princípio e final

23

Antes de deixar o corpo atual
Se alguém puder conter
Os sentidos, o desejo, a ira
Será feliz em sua vida

24

Aquele que regozija
Em felícia interior
E cuja meta da vida
É se conhecer, se iluminar
É um místico superior
Que no Supremo salvar-se-á

25

Aquele além do duvidar
Aquele além do pecar
Cuja mente é autocentrada
E para o bem alheio trabalha
No Supremo salvar-se-á

26

Aquele à perfeição determinado
Autorrealizado, autodisciplinado
Livre da luxúria e do ódio
No Supremo salvar-se-á
Em um futuro próximo

27

O estado perfectivo máximo
De estar sempre liberado
É logrado pelo iogue, destarte
Que controla a mente e a carne
Os ares retidos nas narinas
E acima da vista, a visão
Em grande disciplina

28

Assim, em perfeito domínio
E de todo abomínio liberto
Alguém sempre em tal estado
É liberado – isto é certo

29

Quem Me tem como o desfrutador
De todo sacrifício e austeridade
O derradeiro controlador
Dos planetas e deidades
E o supremo benfeitor
De todo ser e sociedade
Obtém paz em verdade

Meditação e Superconsciência

No par de versos vinte e sete e vinte e oito do capítulo anterior, Krishna falou como a libertação é obtível através do processo do *yoga* mecânico, o qual agora descreverá em detalhes.

Depois de enfatizar nos quatro primeiros versos a importância de ser um verdadeiro renunciante através da renúncia aos frutos da ação, e não através da renúncia da ação em si, Krishna fala, até o verso nove, da relevância do afastamento do gozo dos sentidos e descreve o estado mental de quem conseguiu a perfeição nessa prática.

Do verso dez ao verso trinta e dois, uma descrição bastante longa, Árjuna ouve sobre os elementos da prática do *yoga* mecânico e também seu progresso até a culminação de o iogue ser capaz de ver a Superalma, e, nos versos de trinta e três a trinta e seis, ouve sobre a importância do controle mental.

Árjuna, então, no verso trinta e sete, pergunta a Krishna o que acontece se alguém dá início às práticas ióguicas porém falece antes de atingir a perfeição. Krishna responde até o verso quarenta e cinco que se o iogue morre após pouco avanço, ou seja, morre ainda com muitos desejos materiais, ele nasce nos planetas superiores deste universo, onde há muito gozo sensorial e igualmente vasto conforto, e, após essa estadia celeste, renasce na Terra em uma família rica e aristocrática. Caso o avanço do iogue tenha sido maior, renasce diretamente em uma família de grandes iogues, como Nimi. O iogue, então, deve continuar se esforçando, por quantas vidas forem necessárias, até que atinja finalmente a perfeição.

Krishna conclui o capítulo com outros dois versos, nos quais diz que o iogue é mais elevado do que todos os outros tipos de religiosos, e adiciona que, entre os tipos de iogues, o mais elevado é aquele que tem fé em Sua pessoa, O tem por refúgio, pensa nEle dentro de si mesmo e Lhe presta serviço transcendental amoroso.



1

Krishna disse:
Aquele desapegado
Do fruto do trabalho
É, em verdade, renunciado
E sabedor da misticidade
E não quem não faz o fogo arder
Nem cumpre a obrigação, o dever

2

Deves saber, ó nobre descendente
Que renúncia é o mesmo que yoga
Pois ser um iogue quando tendente
À fixação no gozo sensório
Não é algo possível ou vigente

3

Quem no yoga é incipiente
Recorre ao trabalho
Mas quem é elevado
Cessa o ofício impermanente

4

Está alto em yoga, é dito
Quem do egoísmo é furtivo
E não se dá a atos frutivos
E evita todo gozo, derradeiramente

5

Com a ajuda de sua mente
A pessoa deve se libertar
E não se degradar

Da alma aprisionada
A mente é amiga
E também inimiga

6

A mente é a melhor amiga
Para quem a conquistou
Mas levará consigo
Um formidável inimigo
Quem nisso fracassou

7

Da Alma Suprema o abrigo
Já tem quem a mente dominou
Pois vive com tranquilidade

Para ele, então
Tristeza e felicidade
Calor e frialdade
Honra e humilhação
São tidos em igualdade

8

Está em autorrealização
Em yoga situado
Quem é autocontrolado
E experimenta satisfação

Na visão transcendental
Como algo inteiramente igual
Veem-se ouro, pedra ou terra

9

Quem é igual na paz e na guerra
Tem maior avanço e não erra
Vendo em igualdade os benfeitores
Os invejosos e mediadores
Os piedosos e pecadores

10

Para sua prática genuína
O yoga tem por elementos
A observância do pensamento
O uso do corpo, da mente, do ego
Em atividades para a conexão
E ausência de ambição
Sem considerar-se proprietário

11

Viver solitário é necessário
Sobre grama kusha sentado
E sobre tecido e pele de veado.
Altura média deve ter o assento
E assentado em um local sagrado

12

Firme o iogue deve se sentar, então
E praticar para purificar o coração
Dominando mente, sentidos e ação
E em um só ponto centrando a mente

13-14

Fixamente, fitando o nariz
Quer feliz, quer infeliz
Deve-se sentar ereto, em austeriza
Alinhando corpo, pescoço e cabeça

Assim, sem medo e em celibato
Com a mente em recato
Deve-se meditar em Mim, no coração
E ver a Mim, como a meta de fato

15

Em absoluta persistência
E constante autocontrole
O iogue alcança a morada Minha
E finda esta existência

16

Um iogue ninguém pode ser
Se comer menos do que precisa
Ou se comer em demasia
Se dormir demais constante
Ou se não dormir o bastante

17

Se regulado nos hábitos
De se alimentar e dormir
De trabalhar e se divertir
Ser feliz é possível, então
No processo de conexão

18

Com a mente em estado dominado
O iogue em transcendência, bem situado
Troca a luxúria por real independência

19

Uma vela não tremula sem vento
E um iogue, fixo em seu intento
Permaneça sempre em meditação
Em contemplação no eu superior

20

Na etapa ulterior, em perfeição
Por completo a mente abstém-se
Das atividades mentais

Ademais, caracteriza esse transfazer
O eu poder ver, fora do breu
Bem como no eu sentir prazer

21-22

Em ilimitada felicidade
Nos sentidos transcendentais
Da verdade, se afasta jamais
E julgando inexistir outro ganho
Há de se buscar nada mais

Situado nessa posição
Mesmo envolto em tribulação
Nenhum abalo é experimentado

23

Para o livramento
Do contato material
É o grande referencial
Esse transe de yoga

24

O essencial: fé e determinação
E do caminho não se desviar – não
E abandonar, sem exceção
Todo anseio, nascido da especulação
E controlar com a mente, completamente
Os sentidos e toda interação

25

No eu a concentração
Fixo em um objetivo indiviso
Gradualmente alcança o transe
Com sabedoria e convicção

26

Quando divague a mente
Devido ao feitio seu
Deve-se coibi-la, evidente
E a sujeitar ao eu

27

Árjuna, querido Meu
Alcança em escança
A mais elevada perfeição
O iogue fixo em Mim

Assim, está além da paixão
E vê a igualdade de qualidade com Deus
E se livra de toda reação

28

Acima da contaminação
O iogue autocontrolado
Ao yoga sempre dedicado
Alcança o alvo mais elevado:
A felicidade perfeita em amor
No serviço ao Senhor, amado

29

Quem, assim, Me vê em todos
Todos em Mim vê também
E Me vê em todo lugar
Em cada olhar, sem nunca cessar

30

Para quem vê a Mim em tudo
E vê tudo em Mim
Eu jamais estou perdido
Nem se perde ele de Mim

31

Esse iogue que a Superalma serve
E sabe que a mesma e Eu somos um
Sempre permanece coMigo
Nunca em desabrigo
Em momento algum

32

O máximo empático é o iogue perfeito:
Tem como sua alegria a alegria alheia
E como sua dor a dor que outros rodeia

33

Árjuna disse:
O sistema ióguico que me resumiste
Parece-me impossível – inviável
Pois a mente é inquieta e instável

34

Tão agitada é a mente
E desquietada e entirrada
Que mais fácil me parece
Controlar todos os ventos
Do que esta que tanto aborrece

35

Krishna disse:
É difícil, indubitavelmente
Refrear a mente, ó filho de Kunti
Mas é possível por prática adequada
Quando ao desapego somada

36

Para alguém de mente desenfreada
Difícil empreitada é a autorrealização
Mas a pessoa que tem a mente controlada
Será, em Minha opinião, sim exitosa
Se empenhada de forma proveitosa

37

Árjuna disse:
Qual é o destino do iogue que fracassa
Devido à mentalidade relapsa
E voltar a casa tem por decisão?

Se adota com fé, ao princípio
O caminho da autorrealização
O que é dele se não logra a perfeição?

38

Será que esse iogue caído
Malogra em matéria e espírito
E como uma nuvem que desengruma
Fica sem posição em esfera alguma?

39

À exceção de Ti, caro Krishna
Não há quem possa dirimir
Esta dúvida que em mim continua
Daí eu pedir a resposta Tua

40

Krishna disse:
Quem se ocupa em atos piedosos
Não sofre neste mundo ou no próximo
Pois quem faz o bem, querido amigo
Não é vencido pelo mal
Porquanto está coMigo

41

O iogue malsucedido
Após anos de gozo celeste
Em família rica reaparece
Ou de grande integridade

42

Se intenso o avanço, em realidade
Nasce em família iogue
De grande conhecimento.
Semelhante nascimento, é claro
É muitíssimo raro

43

Por esse advir preclaro
Retoma o progresso anterior
E tenta progredir, com todo amparo
Até se unir ao Senhor

44

Devido à vivência anterior
Sente-se atraído, em seu interior
E de modo natural, pelo processo de união
Alheio à religião, meramente ritual

45

Despindo-se da contaminação
Segue progredindo
Determinado a crescer
Até a perfeição
Após muito renascer

46

O yoga é a melhor religião
Melhor que austeridade
Prosperidade
Ou especulação

Ó Áryuna, sê, então
Sempre um iogue

47

De todo iogue, em Minha opinião
Aquele de muita fé possuidor
E sempre refugiado em Mim,
Que pensa em Mim em seu interior
E presta, assim, serviço com amor
É o mais elevado de todos
E o mais unido a Mim

O Conhecimento Acerca do Absoluto

Tendo identificado no último verso do capítulo anterior que o melhor iogue é aquele que O serve e pensa nEle, Krishna começa o capítulo pedindo a Árjuna que ouça sobre Suas energias materiais e espirituais a fim de que possa pensar nEle mesmo enquanto contemplando este mundo, que é uma combinação de matéria e espírito. Essa explicação se alonga até o verso de número doze.

Do verso treze ao verso dezenove, então, Krishna explica que, uma vez que Ele é o controlador dos três modos da natureza material, quem se rende a Ele pode transcender esta existência. Porém, não são todos que se rendem a Ele, senão que existem quatro classes de pessoas que se rendem e quatro classes de pessoas que não o fazem.

Do verso vinte ao vinte e cinco, Krishna diz quais são as crenças daqueles que não se rendem a Ele: Ou adoram diferentes deuses conforme seus desejos materiais ou são impersonalistas, isto é, não acreditam que a personalidade de Krishna seja eterna e que Ele tenha um reino eterno onde almas puras preservam sua individualidade e O servem em bem-aventurança além de toda influência material do fator tempo. Krishna tece Seu parecer acerca de tais pessoas e revela que as tem em baixa estima.

Como alguém pode ficar livre de tais concepções que são do desagrado de Krishna? Através do serviço devocional, explica Krishna do verso vinte e seis ao final, categoria de serviço esta que eleva a alma acima das dualidades e permite-lhe conhecer Krishna na hora da morte.



1

Krishna disse:
Com plena consciência de Minha pessoa
Mediante o yoga do apego a Mim
Podes ficar livre das dúvidas, enfim

2

Ouve-Me com atenção integral
Pois te declararei neste momento
O saber fenomenal e numenal

Com este entendimento
Nada mais te restará dominar

3

De dez milhões de homens
Um buscará a meta alcançar
E daqueles que a alcançaram
Talvez um conhecer-Me-á

4

Ar, terra, água, fogo e espaço
Junto de mente, intelecção e ego falso
Eis Minha energia material
Que em oito partes tem seu total

5

Mas existe uma energia superior
Que consiste no ser que vive
A alma, centelha do Senhor
Que esta natureza explora
Inconsciente e inferior

6-7

Tem por certo, afora:
Sou o princípio e o fim
Da matéria e do espírito
Pois inexiste outrem
Superior a Mim

Assim, então
Tudo repousa em Mim
Como pérolas num cordão

8

Sou o sabor da água
A luz do Sol e da Lua
A sílaba Om, e todo som
O homem e a destreza sua

9

Sou a fragrância da terra
E a penitência do asceta
Sou o calor no fogo livre
E a vida de quem vive

10

Tudo o que se origine
Tem a Mim por semente
Sou a inteligência do inteligente
E a coragem dos poderosos

11

Sou a força dos vigorosos
Não egoísta ou passional
E sou a vida sexual
Com valores piedosos

12

Todos os estados de existência
– Necedade, paixão, bondade –
Manifestam-se por Minha potência

Embora tudo seja Eu
Independente é Minha identidade

13

Iludido pelos três modos
Desconhece-Me o mundo inteiro
Pois estou acima destes
Sendo eterno e derradeiro

14

Meu poder tríplice e divino
Difícil é de ser suplantado
Mas pode facilmente superá-lo
Aquele a Mim rendido

15

Aquele que é como um asno
Ou que é deveras baixo
Cujo conhecimento é falso
E é expressamente demoníaco
Não Me tem como querido

16

Mas aquele que está aflito
Que deseja riquezas
Aquele inquisitivo
E o buscador da certeza
Têm-Me como querido

17

Aquele sempre dado ao serviço puro
Que tem conhecimento irrestrito
É de todos, sim, o mais maduro
Pois Eu lhe sou muito querido
E ele, muito querido a Mim

18

Maravilhosos são todos os devotos
Mas aquele que Me busca conhecer
Considero tão bom quanto o Meu ser

Ocupando-se em Me servir com pureza
Ele alcançar-me-á, com absoluta certeza

19

Após muito nascer e morrer
O verdadeiro conhecedor
A Mim há de se render
Sabendo que sou o Causador

Muito raramente encontrada
É semelhante grande alma

20

Rende-se aos semideuses
Aquele cujo intelecto
Pelos desejos materiais
Deixou de ser reto

E através da regulação
Própria à sua natureza
Presta-lhes adoração

21

Sentado em seu coração
Ajudo tal alma a ser devotada
Pois mesmo a fé mal aplicada
Somente pode vir de Mim

22

Assim, por seu objeto de devoção
Realiza, então, seus desejos
Mas sou Eu quem deixo
Essa concretização

23

É de intelecto mingüado
Quem os semideuses venera
Pois o fruto que isso gera
É deveras limitado

O benefício de Me adorar
Em contraste, é eterno:
Em Meu planeta morar
O qual, em verdade
Sempre perfeito e superno

24

Outros dizem a verdade ser impessoal
E minha forma espiritual, mera ilusão.
Também confundidos estão
Pois Minha pessoa é a fonte original

25

Embora Eu seja infalível
Eterno e não-nascido
Escondo-Me atrás de maya
Rejeitando o tolo iludido

26

Sei o que se dará no futuro
Sei o ontem e o agora que se tece
E conheço todos no mundo
Mas a Mim, ninguém conhece

27

Todos nascem em ilusão, necedade
Confundidos pela dualidade
Do apego e aversão

28

Adoram-Me em determinação
Livres de toda dualidade
As almas possuidoras de mérito
Neste atual nascimento
E em seu viver pretérito

29

Da velhice e do perecimento
Muito desejosos de livrarem-se
Aqueles de fato sábios
Adoram-Me com seus lábios
Situados no espírito em verdade

30

O sábio que Me tem por regente
Do mundo, dos deuses e toda oblação
Alcança-Me após a morte, certamente
Estando coMigo em perfeita comunhão

Alcançando o Supremo

Nos versos vinte e nove e trinta do capítulo anterior, Krishna Se valeu de complexa terminologia para explicar os pontos filosóficos que julgava pertinentes. Devido a isso, Árjuna inicia o capítulo oitavo pedindo que Krishna defina os seis termos utilizados, o que Krishna faz até o verso quatro.

Árjuna também deseja saber mais sobre uma sétima expressão, a saber, “a hora da morte”, a qual Krishna mencionou no último verso do capítulo anterior. É a esse tema que Krishna dedica a maior parte do capítulo oitavo, explicando que quem dedica sua vida a pensar nEle a todo momento, vendo-O em tudo, sem desvios, pode transcender os três modos da natureza material e alcançar Sua morada eterna. Essa descrição se dá do verso cinco ao verso dezesseis.

Do verso dezessete ao vinte e dois, Krishna contrasta o mundo material e o mundo espiritual, falando como o primeiro é cíclicamente criado e destruído, e como o segundo é alheio a essa realidade ora manifesta, ora imanifesta, sendo transcendente e sendo Sua morada pessoal, habitada somente por almas inteiramente puras.

Por fim, do verso vinte e três em diante, Krishna despe o serviço devocional puro das práticas mecânicas descritas sobretudo no capítulo seis, dizendo que, enquanto os iogues devem deixar este mundo recorrendo ao domínio dos ares e de outros elementos do corpo a fim de que possam morrer em momentos calculadamente auspiciosos, o devoto simplesmente permanece fixo em devoção e depende de Krishna para que este faça todos os arranjos para o seu destino pós-morte ser inteiramente exitoso.



1

Árjuna disse:

O que é Brahman? O que é o eu?
Ó Pessoa Suprema, ó meu Senhor
Explica-me isto, por favor

O que é atividade fruitiva?
O que é esta manifestação?
E os semideuses, o que são?

2

Quem é o Senhor do sacrifício
E onde, enfim, reside em mim?
E como um devoto pode
Conhecer-Te ao chegar a morte?

3

Krishna disse:

Brahman é o espírito de todos
Cuja natureza, o eu, é sempre servir.
Karma é agir, ó Árjuna
E ver surgir um corpo novo

4

Mera matéria é esta manifestação
Que a todo instante se transforma.
O que os semideuses são?
Partes de Minha forma
Como o todo universal

Residindo em todo coração
– De semideus, homem e animal –
Sou a testemunha e o Senhor.
E de todo ato sacrificial
Sou o desfrutador

5

Se estiveres tão-somente fixo em Mim
Quando ao fim tua vida chegar
Alcançarás, sim, a Minha pessoa
Quanto ao que não precisas duvidar

6

Qualquer outro estado de ser
Que prevalecer à hora da morte
Certamente há de ser sua sorte
Quando a próxima vida acontecer

7

Sempre pensa em Mim, portanto
Enquanto cumpres o dever de lutar.
Com teus atos dedicados assim
E tua mente e intelecto fixos em Mim
Indubitavelmente há de Me alcançar

8

Assim agindo, ó filho de Prita
Não te desviarás do caminho.
Livrando-se de toda desdita
Por fim, decerto virás a Mim

9

Deve-se meditar na Pessoa Suprema
Como o único ser onisciente
Como aquele que é o mais velho
E que controla tudo sabiamente

É Ele quem tudo mantém
É Ele menor que o menor
É Ele maior que o maior

Está além da concepção material
E embora inconcebível, é uma pessoa
Luminosa como o Sol e transcendental
Situada além da natureza temporal

10

Com o ar entre as sobrancelhas
E de Mim dependente
Com plena devoção, seguramente
Chegará à morada Minha:
A derradeira promoção

11

O celibatarista o Om pronuncia
E no Brahman tem seu enlevo.
Ouve enquanto descrevo
Esse processo vedantista

12

As portas dos sentidos são fechadas
E a mente é fixada no coração.
A pessoa dada ao yoga, então
Sem que da Superalma se esqueça
Ao topo da cabeça, eleva o ar vital

13

O mundo espiritual
Certamente alcança
O iogue magistral
Que o Om entoa
E medita em Minha pessoa

14

Malgrado, superior a esse tipo de devoção
Com karma, jnana e yoga misturado
É a devoção que somente quer a Mim
Pois, assim, sou facilmente conquistado

15

No efêmero mundo de dores e geadas
Os iogues não mais renascerão
Porquanto a máxima perfeição
Já foi por eles granjeada

16

Dominam toda morada que há
Da mais baixa àquela de Brahmá
A morte e o nascimento

Mas em Minha morada
Jamais se vive algum tormento
Nem é preciso reencarnar

17

O dia de Brahmá, no tempo terrestre
Excede em anos quatro bilhões
E sua vida, muitos trilhões

18-19

Quando Brahmá começa o seu dia
Manifestam-se os seres viventes
E tornam-se inconscientes
Quando a noite se anuncia

20

Há outra natureza
Inteiramente oposta a esta
Ora manifesta, ora imanifesta:
Ela é suprema e nunca aniquilada

Quando findada esta manifestação
Aquela região permanece inalterada

21

Aquilo que é conhecido
Como a perfeição extrema
A morada imanifesta e divinal
O local de onde jamais se cai
– Eis Minha morada suprema

22

Embora nessa morada
Penetro toda a criação.
E pela imaculada devoção
Minha pessoa é conquistada

23

O iogue místico
Sabe escolher quando morrer
Considerando magnífico
Morrer sob a luz
E nunca renascer

24

Parte com o arranjo do fogo
Quem é do Brahman ciente
Quando o dia ilumina o todo
Na quinzena da Lua crescente
Quando o Sol viaja ao norte

25

Na roda da morte, porém, se perpetua
Depois de visitar a prazerosa Lua
Aquele que parte durante a fumaça
Na Lua minguante também
Ou quando o astro do dia ao Sul viaja

26

Morre-se em luz ou trevas
Segundo a escritura:
Quando em luz, a alma se liberta
Quando obscura, ela regressa

27

Embora conhecedor
Dos horários de divisa
O devoto puro prioriza
O serviço ao Senhor

28

Os devotos do Absoluto
Também têm o fruto
Da austeridade e do estudo
Do sacrifício e da renúncia a tudo

Estes se lhes perdem jamais.
Ademais, alcançam a morada Minha
Onde vivem em eterna paz

O Conhecimento Mais Confidencial

Krishna concluiu o capítulo anterior ensinando como alguém deve ser um devoto puro, não misturando práticas mecânicas às suas atividades devocionais, mas antes sempre trabalhando em uma postura de servo de Deus e dependendo unicamente dEle para sua promoção, à hora da morte, para o reino transcendental. Krishna, neste capítulo, desenvolverá o tema do que é ser um devoto completamente puro.

Nos três primeiros versos deste capítulo, Krishna discute a qualificação daqueles que podem receber esse conhecimento tão confidencial e tão puro, e a desqualificação daqueles que não o podem e, por consequência, têm de prosseguir nascendo e morrendo no mundo material.

Em sete versos, os versos de quatro a dez, Krishna fala de todo o conhecimento dos poderes de Deus que é requerido aos devotos em devoção servil.

Como este capítulo tem por objetivo permitir que o ouvinte se torne um devoto puro, Krishna discorre com mais detalhes do que fez nos versos de vinte a vinte e cinco do capítulo sétimo acerca das impurezas do impersonalismo e da adoração aos controladores setoriais deste mundo. Isso Ele faz do verso onze ao vinte e cinco, rebaixando aqueles que se consideram unos com o Supremo, aqueles que O adoram na forma universal, e os adoradores politeístas.

Krishna, então, do verso vinte e seis ao final, canta as glórias do serviço devocional puro a Ele, descrevendo como o serviço

devocional é simples, libertador e querido a Ele. Diz ainda que o devoto é tão querido a Ele que, mesmo se cometa alguns erros acidentais durante suas práticas, Ele os releva. Após dizer que não há importância o nascimento da pessoa ou suas qualificações materiais, sugere a rendição completa a Ele, a absorção completa da mente nEle, em consequência do que, garante, a alma devotada certamente retornará a Ele.



1

Krishna disse:
Porque te afeiçoa a Minha pessoa
E nunca invejas a Mim
À pessoa tua, Eu segredarei
O conhecimento que descontinua
Esta existência e a miséria sua

2

Este mais secreto dos saberes
É a pureza em seu apogeu
É o rei da educação
O acesso direto ao eu
A perfeição da religião

3

Ouve com fé, subjugador do inimigo
Pois os infiéis não alcançam a meta
E não podem viver coMigo

4

Sob Minha forma imanifesta
Eu penetro todo o universo.
Todo ser em Mim resta
Mas não o inverso

5

Considera quão surpreendedor:
Embora quem a todos mantém
Embora também da matéria o mantedor
Desta manifestação, não faço parte
Pois, em verdade, sou a fonte da criação

6

Assim como sopra em toda parte
O vento muitíssimo poderoso
E sempre permanece no céu,
Todo ser, como se a Mim fiel
Em Mim encontra seu pouso

7

Ao fim, entra em Minha natureza
Sim, toda a criação material
E em um recomeço, com efeito
Tudo refarei igual

8

Está sujeita a Mim
Toda a ordem universal
Que se manifesta assim
E se aniquila enfim
Segundo a vontade Minha

9

Observo a criação e a destruição.
Malgrado, ó Dhananjaya
Em neutralidade é como o faço
E, assim, mantenho-Me desapegado

10

É uma energia Minha esta cultura
E é sob Minha direção, então
Que é criada e aniquilada
E produz toda criatura
Móvel e inanimada

11

Prezam-Me como o Maha-Purusha
Julgando essa forma em certo soberana
E diminuem-Me os tolos, entenda
Quando descendo na forma humana
Ignorantes de que é suprema

12

Aqueles assim perplexos
Atraídos por baixas opiniões
Mergulham em ilusões

Ascensão celestial ou libertação
Não hão de conseguir
Senão que demônios nascerão

13

Não se ilude quem é uma santa alma.
Portanto, ó Árjuna, te acalma
Pois és guardado pela natureza divina

Homens como tu
Ocupam-se em serviço devocional
Cientes de Minha posição
Insuperável, perene, original

14

Esforçando-se com determinação
Essas almas adoram-Me com amor
Perpetuamente em devoção
Sempre a cantarem em Meu louvor
E a prostrarem-se ante Mim

15

Sacrificando-se pelo estudo
Outros Me adoram assim
Como o Senhor que
Embora único
Se dividiu em muitos
E na forma universal

16

Mas Eu é que sou o ritual
Sou o ato sacrificial
A oferenda ancestral
A erva medicinal
O canto transcendental.
Por favor, peço que compreendas:
Sou a manteiga, o fogo e a oferenda

17

Este universo é um filho Meu
E sou o avô, a mãe e o sustentador.
Os três Vedas também sou Eu
Porquanto o objeto do saber Eu sou
E a sílaba Om e o purificador

18

Eu sou a meta e o sustentador
A testemunha e o Senhor
A morada e o abrigo
A base de tudo e o amigo

Sou a criação e o aniquilamento
O lugar de repouso por um momento
E a semente que gera sem morrer

19

Eu aqueço, retenho e faço chover.
Sou a imortalidade e o perecer ao fim
E o espírito e a matéria estão em Mim

20

Nasce, é certo, em Indraloka
Que o prazer epitoma
Quem Me presta culto indireto
Estudando os Vedas
E bebendo o Soma

21

Findos seus méritos de piedade
À esfera mortal tem de revolver.
Nascer e morrer, por conseguinte
É tudo o que logra em verdade

22

A quem Me adora em exclusividade
Em Minha pessoa sempre meditando
Quando algo lhe falta, supro Eu
E o que tem, mantenho seu

23

O devoto de deuses outros
Que os adora como crente
Na verdade, cultua apenas a Mim
Mas não o faz devidamente

24

Eu sou o único desfrutador
E o Senhor de todo sacrifício.
Quem Me negligenciar, portanto
Ver-se-á em queda e vício

25

Quem adora os semideuses
Entre os semideuses nascerá.
Terá com seus avós, tios e pais
Quem adora os ancestrais.
E quem os espíritos adora
Dar-se-á entre tais

Mas aquele que Me adorar
CoMigo haverá de viver

26

E se alguém Me oferecer
Com devoção e amor
Água, folha, fruta ou flor
Essa oferta hei de acolher

27

Tudo o que comeres
Tudo o que deres
Tudo o que ofereceres
Tudo o que fizeres
Todo sacrifício teu, enfim
Ó amado filho de Kunti
Faze em oferenda a Mim

28

Procedendo assim
Livrar-te-ás de todo karma
E com a mente em Mim fixada
Renunciado virás a Mim

29

Ninguém Me é objeto de inveja
Nem sou parcial com alguém.
Aquele que Me serve, porém
Permanece em amizade coMigo
E Eu também lhe sou amigo

30

Mesmo que se porte mal
Deve ser honrado
Aquele ocupado
Em serviço devocional

Acidental é seu desvio
E lhe é firme a decisão
Pois o vício não é de seu feitio

31

Logo toda virtude
Alcança essa alma rara
E também infindável paz.
Ousadamente declara:
Meu devoto há de perecer jamais

32-33

Todo aquele que assim quiser
Quer elevado, quer baixo
Quer homem, quer mulher
Pode atingir a perfeição
Devoção ofertando a Mim

Assim, ó ilustre filho de Prita
Já que estás neste mundo
Que torna a alma rota e aflita
Ocupa-te em serviço a Mim

34

Como devoto, reverencia-Me
E faz-Me adoração, então
Sempre a pensar em Mim.
Absorto, destarte, Eu te digo:
Certamente, ao fim, terás coMigo

A Opulência do Absoluto

O capítulo décimo tem início uma vez que Krishna objetiva fornecer em detalhes o conhecimento de por que Ele é adorável, a fim de que Árjuna e os demais ouvintes do *Bhagavad-gita* possam cumprir com facilidade Sua sugestão no último verso do capítulo anterior: sempre pensar nEle.

Do verso um ao verso sete, Krishna diz que quem se convence de Sua opulência e de Seu poder místico de ter uma origem insondável, uma vez que é a origem de tudo e todos, passa a adorá-IO.

Os quatro versos oito, nove, dez e onze contêm de forma muito sucinta toda a essência do *Bhagavad-gita*. No primeiro de tais quatro versos, Krishna fala sobre Seu imenso poder. No segundo, descreve quão dedicados a Ele são Seus devotos, uma consequência natural já indicada no verso anterior. No terceiro verso, Krishna diz como recíproca com tais devotos. E, por fim, no quarto verso, Krishna diz como Ele pessoalmente desperta a verdadeira inteligência do devoto, destruindo por definitivo a escuridão há tanto presente no coração dele.

Nos versos de doze a dezoito, Árjuna dá o seu depoimento e diz que aceita Krishna como Ele Se descreve, e diz, a fim de que não pareça mero sentimentalismo, que o entendimento que ele desenvolveu acerca da posição de Krishna é confirmado por grandes sábios, inclusive Vyasadeva. Pede, então, humildemente, que Krishna fale mais acerca de Suas glórias, o que Krishna atende, enumerando, do verso dezenove ao quarenta e dois, oitenta e dois exemplos de Suas opulências ilimitadas.

É importante atentar que, ao final dessa longa enumeração, Krishna diz que tudo o que Ele descreveu é mero fragmento de Seu esplendor infinito. A meditação proposta por Krishna, por conseguinte, não é uma meditação panteísta, haja vista que Krishna já criticou essa forma de meditação nos versos de quinze a dezenove do capítulo nono. A meditação correta é esta: Se tão imensas são as belezas deste universo – como o Sol entre os luzeiros, o mar entre os corpos d’água, o Himalaia entre os objetos imóveis, Shiva entre os Rudras, Vishnu entre os Adityas – quão mais belo há de ser Krishna, a Divindade Suprema, se tudo isso é apenas uma centelha de Seu esplendor?



1

Krishna disse:
Porque és Meu querido amigo
Para o teu benefício
Continuarei te instruindo

Ó Árjuna de constituição vigorosa
Recebe de Mim a instrução suprema
A qual te transmito agora

2

Nenhum semideus
Nem os grandes sábios
São de Minhas glórias cientes
Pois, sob todos os aspectos
Todo senciente é um subordinado Meu

3

Quem Me conhece como o não-nascido
Como aquele que não tem princípio
Como o Senhor de todos os mundos
Somente este entre todos os encarnados
Não se deixa iludir, e é livre de todo pecado

4-5

Medo, clemência
Destemor, não-violência
Conhecimento, nascimento, acabamento
Equanimidade e inteligência

Controle dos sentidos, veracidade
Controle da mente, caridade
Fama, felicidade
Estar livre de dúvida e ilusão
Infâmia, aflição
Satisfação, austeridade

Apenas por Mim é criada
Toda qualidade

6

E os mais antigos sábios da alvorada
E os progenitores da humanidade
Nascem da Minha mente.
E todos os residentes
Das várias moradas
Descendem nessa linhagem

7

Quem se convence
De Minha opulência
Ocupa-se com reverência
No serviço devocional puro

8

Eu sou a fonte de todos os mundos
E tudo o que existe emana de Mim
Assim, os sábios que isto conhecem
Ocupam-se, então, em serviço devocional
E adoram-me de todo o coração

9

Reside em Minha pessoa
O pensar da alma pura.
Sua vida, ela devota a Mim
E destarte se sente segura

Regozija-se em boa-ventura
Sempre se iluminando
Em conversas sobre Mim.
E estar entre os devotos
É sua grande fortuna

10

Àqueles constantemente devotados
Ao serviço devocional, ao amor extático
Eu dou a compreensão pela qual
Vir a Mim eles podem

11

Para lhes mostrar misericórdia especial
Eu, residindo em seus corações, destarte
Com a candeia brilhante da ciência espiritual
Findo as trevas procedentes da necessidade

12

Árjuna disse:
Sois o Brahman Supremo
E Vossa forma é a mais atrativa
A qual a todos purifica

Vós sois a pessoa original
Eterna e transcendental
Não-nascida e imperativa

13

Nárada, o sábio entre os devas
Certeza confere às palavras minhas.
Asita, Vyasa e Dêvala, fazem-me rima.
Ademais, Vós mesmo tudo confirmais

14

Aceito tudo o que me dissestes por amor:
Nem Brahmá nem Shiva, ó Senhor
Tampouco os demônios, entendo
Vosso advento podem compreender

15

Somente Vós tendes o poder de Vos conhecer
Ó Pessoa Suprema, origem de tudo
Senhor de todos os seres
Deus dos deuses
Senhor dos mundos

16

Todas as opulências divinais
Com as quais Vós penetrais
Todos estes mundos, ó Senhor
Descrevei-me, por favor

17

Ó maior de todos os místicos
Como em Vós eu medito?
Como conhecer-Vos eu devo?

18

Me instigastes a querer mais de Vosso verbo:
Falai-me em detalhes, por obséquio
Acerca de Vossa opulência mística
Pois não me canso de ouvir sobre Vós
Ó algoz do mundo ateísta

19

Krishna disse:
Falar-te-ei, está seguro
Acerca de Minha beleza
Ó melhor da dinastia Kuru
Mas apenas o que é de destaque
Pois é infinita a Minha grandeza

20

És qualificado para a meditação
Porquanto acima do sono estás.
Ouve-Me, então, descrever o Meu poder:

Em todos os seres
Resido no seio.
Eu sou o início deles
Também o fim e o meio

21

Dentre os doze Adityas, sou Vishnu
Dos luzeiros, sou o Sol e a beleza sua
Dentre os ventos, sou Marichi
E entre as estrelas, sou a Lua

22

Entre os Vedas, sou o Sama
Entre os deuses, o rei do paraíso
Entre os sentidos, a mente
E nos seres, a força vivente

23

Dos Yakshas e Rakshasas, sou o senhor do tesouro
Dos oito Vássus, sou o deus do fogo
Dos onze destruidores, sou Shiva
E das montanhas, sou Meru, ó filho de Prita

24

Dos sacerdotes, sou Brihaspati, o principal
Sou também Skanda, o melhor general
E dos corpos d'água, sou o mar

25

Dos ritos, sou o cantar: dos nomes de Deus
Dos objetos inertes, o Himalaia sou Eu
Daqueles de grande erudição, sou Bhriгу
E representa-Me o Omkara entre toda vibração

26

De todas as árvores, sou a figueira-de-bengala
No planeta dos músicos, sou o cantor Citrarata
Dos sábios entre os devas, sou Nárada, com certeza
E entre os seres perfeitos, Kapiladeva

27

Dos cavalos, sou Ucchaishrava
Dos elefantes imponentes, Airavata
E dentre os homens, sou o monarca

28

De todas as armas, sou o raio
Das vacas, sou a Surabhi e seu leite ilimitado
Sou o Cupido na geração do filho, sê ciente
E sou Vasuki, a mais grandiosa serpente

29

Das cobras de muitos capelos, sou Ananta
Dos punidores, sou o deus Yama
Dos aquáticos, Varuna sou Eu
E Aryama entre quem morreu

30

Entre os caídos, sou Prahlada e sua devoção
Sou o tempo dentre os dominadores
Garuda entre os voadores
E dos animais terrestres, o leão

31

Entre os movedores, sou o vento
Dos rios que correm, sou o Ganges
Dos peixes, aquele que baleias come
E dos armidoutos, Rama, o rei de renome

32

Eu sou a criação e a destruição
E também o manutenção, ó Áryjuna.
De todas as ciências, a autorrealização
E entre os recursos lógicos, a conclusão

33

Das letras, sou a letra a
Dos verbos compostos, o composto duplo
Dos criadores, sou Brahmá
E sou o tempo resoluto

34

Entre os tipos de morte
Sou a morte do absoluto esquecimento.
Nas mulheres, sou o discernimento
A fala cortês, a fama e a firmeza
Memória, paciência e beleza

35

Dentre os poemas, sou o Gayatri
Dos hinos do Sama Veda, sou o Brihat-sama
O melhor dos meses margashirsha se chama
Das estações, Minha favorita, a primavera florida

36

Do esplêndido, o esplendor
Nos homens vigorosos, o vigor
Entre os que se enganam, sou a jogatina
Entre os conquistadores, a conquista

37

Dos Vrishnis, sou Balarama e Vasudeva
Dos Pândavas, o conquistador de riquezas.
Vyasadeva Eu sou entre os sabedores
E o mestre dos demônios entre os pensadores

38

Sou o castigo na repressão à ilegalidade
E dos meios para o êxito, a moralidade
Das coisas secretas, sou o silêncio
E nos conhecedores, o conhecimento

39

Ó Árvjuna, acerca disto reflete:
Não há ser algum, móvel ou inerte
Que possa existir sem Mim

40-41

As opulências Minhas não têm fim
O subjugador do inimigo.
Apenas pouco compartilhei contigo

Ó Árjuna, tudo aquilo
Meu querido amigo
Suntuoso, belo e majestoso
É mero fragmento
De Meu esplendor infinito

42

Que necessidade há
De detalhes enumerar, porém?
Um mero fragmento Meu
O universo sustém

A Visão da Forma Universal

Uma das opulências enumeradas por Krishna destacou-se aos ouvidos de Árjuna, a saber, aquela descrita no último verso: Krishna como o mantenedor do universo. Maravilhado diante dessa opulência, e com o objetivo de estabelecer para a posteridade a posição excelsa de Krishna, Árjuna pede a Ele que lhe mostre Sua forma universal.

Krishna ouve a solicitação de Árjuna, junto com mais um depoimento dele sobre seu entendimento pessoal, após o que fala brevemente acerca de Sua forma universal. Então, no verso oito, concede a Árjuna olhos divinos para que possa ver essa forma esplêndida.

Do verso nove ao verso trinta e quatro, Sanjaya descreve a visão de Árjuna, que vê, dos versos quatorze ao dezenove, tudo o que existe reunido em um só lugar; e, do verso vinte ao trinta e quatro, vê a forma do tempo eterno, a quem se dirige e é informado que todos ali no campo de batalha já estão mortos, e que ele é só um instrumento, motivo pelo qual não deve hesitar em lutar.

Do verso trinta e cinco ao quarenta e seis, Árjuna, trêmulo devido ao temor, ora a Krishna pedindo-Lhe desculpas por quaisquer ofensas que acaso tenha cometido e, por fim, solicita-Lhe que revele novamente Sua forma original.

Do verso quarenta e sete ao final, lemos como Krishna atende ao pedido de Árjuna e recolhe Sua forma universal, mostrando primeiramente Sua forma de quatro braços e, por fim, Sua forma primordial de dois braços. Conclui dizendo que Sua forma de dois braços como Krishna, a mais querida forma, somente pode ser vista pelos devotos puros.



1

Árjuna disse:
Teu verbo, querido Krishna
Com o saber secreto, é certo
Revelou em meu coração
O saber antes encoberto

2

Ó Krishna de olhos em flor
Com atenção ouvi-Te
E além de todo limite
Entendi ser o Teu esplendor

3

Embora aqui em Tua forma verdadeira
O melhor objeto de meditação
Mostra-me como esta criação
Tu permeias por inteira

4

Se julgas possível de alguma maneira
Ser-me possível contemplar-Te assim
Peço-Te que mostres a mim, ó onipotente
Essa Tua forma imanente

5

Krishna disse:
Em milhares constituídas
Vê, pois, Minhas opulências
De grande excelência e coloridas

6

Vê as diferentes manifestações
Dos Adityas, Rudras, Asvinis e Vássus
E maravilha-te em muitas visões
De Minha forma invisível como o espaço

7

Observa em um só lugar:
O corpo Meu, a forma universal
Tudo o que queiras contemplar

Tens todo o mérito
Logo podes ver em plenitude
O futuro e o pretérito
O móvel e o imóvel
Em magnitude

8

Vê Meu grande poder:
Dado a manifestação não poderes conter
Dentro de teus olhos atuais
Olhos especiais, há de receber

9

Sanjaya disse:
Ditas essas palavras
O mestre do misticismo
A Divindade Central, ó rei
Mostrou a forma universal
Visão a qual descreverei

10

Lábios ilimitados
Braços ilimitados
E encantos mil
Viu Árjuna na forma
Que ornamentos trazia
E armas de outro mundo
Na inaudita epifania

11

Eram perfumes celestes
O que Seu corpo ungia
E divinas flores e vestes

Tudo era deslumbrante
Brilhante e ilimitado
E crescia a cada instante

12

Não serviria de analogia
Incontáveis sóis nascerem
Para referência ao fulgor
Dessa forma do Senhor

13

Na forma universal, singular
Árjuna viu toda expansão
Em numerosa divisão
Mas em um só lugar

14

De mãos juntas se inclinou
E orou ao Senhor
Estupefato
Arrepiado

15

Árjuna disse:
Ó Senhor, vejo reunidos em Teu corpo
Todos os semideuses e vários outros.
Vejo os sábios todos, bem como Shiva
E Brahmá sobre o lótus, e as cobras divas

16

Ó Ser Primordial, ó forma universal
Expandindo tudo por Teu corpo, sei que és.
Vejo olhos, braços, ventres, bocas e pés
E vejo rostos, mãos, umbigos e seio
Sem início, fim ou meio, ó Senhor

17

Tão formidável é o resplendor
Onidirecional como o fogo ardente
Ou brilhante como o Sol refulgente
Que é difícil ver a forma do Senhor

Mas em todo lugar vejo-Te presente
Adornado por coroas, discos e maçãs
Certamente: Presente e reluzente

18

És a meta primordial derradeira
O mantedor da religião verdadeira
Para o cosmo, o último abrigo
O inesgotável e o mais antigo
A Personalidade de Deus
Este é o juízo meu

19

São os olhos Teus
O astro rei e a Lua.
Tens milhares de braços
E é ilimitada a glória Tua

Ó Tu destituído de origem, meio ou fim
Vejo sim fogo partir de Tua boca, Senhor
E queimas este Universo com Teu fulgor

20

Embora um, Te expandes incomum
Pelo céu, planetas e espaço intermediário
E se perturba todo sistema planetário
Vendo Tua maravilhosa e terrível forma

21

Todas as divindades se rendem a Ti
Atemorizadas, unem as mãos em oração
Todas as divindades entram em Ti

Os sábios e seres perfeitos enaltecem a Ti
“Que haja paz”, eles bradam juntos
Hinos védicos, todos unos, cantam a Ti

22

Os filhos de Aditi e os protetores
Os Vássus e todos os curadores
Os Rudras e os mestres dos ventos
Os parentes de outros tempos

Os Visvedevas e os músicos celestes
Os terríveis demônios e suas pestes
E os Sadhyas e os deuses de perfeição
Em admiração, contemplação voltam a Ti

23

Diante dessa forma de terríveis dentes
E olhos, braços, coxas, pernas e ventres
Perturbam-se os mundos e seus regentes
E eu, igualmente, desorientado estou

24

Ó onipresente, vendo-Te os olhos reluzentes
Tuas muitas cores refulgentes, tocando o céu
Bem como Tuas bocas escancaradas
Pelo medo é minha mente perturbada

Sem firmeza
É-me o momento
E meu discernimento
Perdendo a certeza

25

Supremo Senhor, refúgio da totalidade
Outorga-me Teu favor, Tua bondade
Pois manter o equilíbrio eu não consigo
Diante de Teus rostos resplandecentes
Tão parecidos com a morte, e Teus dentes
Rangentes, com gente, horrivelmente

26-27

Para Tuas bocas, onde vejo cabeças pendentes
Presas entre Teus dentes, terrivelmente
Estão se precipitando em Tua direção
Duryodhana e seus irmãos
Aqueles que com eles lutarão
E Bhisma, Drona e Karna também
Além de nossos grandes combatentes

28

Assim como no oceano
As ondas dos rios deságuam
Todos os grandes beligerantes
Em Tuas bocas, soberano
Entram flamejantes

29

Como mariposas que são destruídas
Quando se lançam no fogo ardente
Vejo todos voando precipitadamente
Em direção às Tuas bocas, medonhamente

30

Com Tuas bocas flamejantes, vejo-Te
Devorando rotos os seres todos
Sobre o mundo morto, triunfante

Todo o universo cobrindo com Teu brilho, ó Senhor
Te manifestas com um fulgor terrível e abrasador

31

Ó aterrador
Senhor de todo senhor
Por favor, sê bondoso
E dize-me quem és afinal

Senhor primordial
Ofereço-Te culto respeitoso
De conhecer-Te desejoso
Pois desconheço Tua missão

32

Respondeu, então, o Senhor:
O destruidor Eu sou, o tempo afiado
E vim matar, neste quando, ambos os lados
Tirados vós, filhos de Pându

33

Ao Meu comando, portanto
Levanta-te e prepara-te
Ó estandarte da glória

Compulsória é Minha vontade:
CoMigo, derrota o inimigo
E desfruta de prosperidade

Já estão mortos
Por Meu arranjo
Neste momento.
E tu, arqueiro:
Mero instrumento

34

Fadei ao perecimento
Drona, Bhisma, Jayadratha, Karna.
Mata, portanto, os poderosos
E remorso não experimentes
Ciente, sim, de que serves a Mim

35

Sanjaya disse:
Ó rei, depois destas palavras do Supremo
Árjuna, trêmulo, muito reverenciou
E malgrado assustado, dirigiu-Lhe o verbo

36

Árjuna disse:
Regozija-se o mundo ao ouvir Teu nome
Ó Senhor dos sentidos, ó supremo renome
E some da presença Tua a horda de demônios
E seres perfeitos ocupam-se em glorificar-Te.
Todos Tu atijas, destarte, segundo a justiça

37

Por que não deveriam adorar-Te
Se és ilimitado e maravilhoso
O Deus dos deuses – grandioso

Se és a fonte invencível e a causa de tudo
E transcendental a este mundo

Se és o criador original, e não Brahmá
E o abrigo da criação universal?

38

Ó Senhor transcendental, ó infinito
És o Deus primordial: o mais antigo
Deste mundo cósmico: o santuário definitivo
Tudo é de Teu conhecer, e és o objeto do saber
E o refúgio iminente, ó Ser, ó onipresente

39

O ar Tu és, e também a Lua
És a água e a natureza sua
És Brahmá, a primeira criatura
És o supremo controlador
E és o fogo e o bisavô

Portanto, por favor
Permite-me oferecer-Te
Respeito e louvor

40

Reverências, ó Senhor, ofereço-Te todas
Ó poder e verdade, ó onipotente
Ó onisciente, ó totalidade

41

Perdoa meus fazeres, por favor
Produtos de loucura ou amor:
“Caro amigo, Krishna, Yadava”
Nesses termos falei conTigo
Tendo-Te como mero amigo
Ignorante do que guardavas

42

Ó Senhor, Teu perdão eu suplico:
Quantas vezes Te ofendi
Gracejando, deitando próximo a Ti
Sentando para comer conTigo
Ora a sós, ora com amigos

43

És o pai desta criação
Do móvel e do inerte
És o mais grandioso mestre
Alguém de grande distinção

Se ninguém iguala a Tua pessoa
E uno conTigo ninguém pode ser
Como poderia haver, Senhor
Em algum reino ou coroa
Alguém como Tu, inconquistável?

44

És a todos adorável
Prostro-me, pois
E peço misericórdia
Ó incomparável

Assim como o pai perdoa o filho
A esposa o marido
Um amigo outro amigo
Por favor, igualmente, ó Senhor
Tem tolerância comigo

45

Após a visão dessa forma do Senhor
Satisfeito estou, certamente.
No entanto, o medo me invade a mente
E, portanto, peço humildemente, em favor
Poder rever Tua forma original
Ó Supremo, ó morada universal

46

Peço a mim revelares
Em favor à minha vontade
Ó Senhor de braços milhares
Tua forma de gentil beleza, gentil amor
E, sobre a cabeça, um elmo
E nas mãos: maçã, disco, búzio e flor

47

Krishna disse:
Através de Meu poder
A ti expandi, com prazer
Essa forma de vastidão
Antes invisível, nesta divisa
Nesta dimensão

48

Jamais vista, até então, pois inacessível
Pelo estudo da verdade, e por sacrifício
E penitência inflexível, rigorosa
Por caridade, e ação piedosa

49

Ante Minha forma pavorosa
Deste contigo perturbado
Mas agora basta, bem-amado.
Com a mente bonançosa
Vê a forma do teu prazer

50

Sanjaya disse:
A Árvjuna, por sua devoção
Krishna exibiu Sua forma Vishnu
E, então, a forma de dois braços
Encorajando o devoto amedrontado

51

Árvjuna disse:
Agora que Te vejo
Aparentemente humano
Neste ensejo, vivamente
Em tamanha beleza
Serenou-se a mente
E reavi minha natureza

52

Krishna disse:
Mesmo o panteão
Fortemente se angustia
Com o desejo da visão
De tão rara e querida epifania

53

Nem pelo estudo védico ou caridade
Nem por rituais vazios ou austeridade
É possível ver-Me como sou em verdade
Como vês com tua visão divinal

54

Somente pelo amor devocional
Posso ser visto assim
E revelados os mistérios
Acerca de Mim

55

Alcança-Me por fim
E vive para sempre coMigo
O devoto de todos amigo
E cujo serviço não tem desvio

O Serviço Devocional

Ao ouvir Krishna dizer expressamente no verso cinquenta e quatro do capítulo anterior que Ele somente pode ser conhecido como Ele é através do serviço devocional puro, Árjuna deseja ouvir mais sobre isso. Embora já estivesse evidente pelos comentários de Krishna em versos do capítulo sete e nove que a prática do serviço devocional a Krishna, Deus, é superior ao impersonalismo, o conceito de que Deus não possui forma ou de que aniquilamos nossa identidade ante a libertação, Árjuna pergunta claramente o que é superior – adorar o impessoal ou o caminho da devoção – a fim de que não haja nenhuma dúvida sobre o assunto.

Até o verso sete, Krishna explica como o caminho do serviço devocional é tanto superior como mais fácil, apesar de que não nega que os impersonalistas fatalmente também O alcançam. No verso oito, portanto, solicita a Árjuna que seja um devoto puro.

Nos versos de oito a doze, Krishna fornece métodos pelos quais alguém pode se tornar um devoto puro, oferecendo métodos de diferentes níveis para que pessoas em diferentes plataformas possam todas, gradualmente, chegar à posição de devoto puro.

Conclui, então, este pequeno capítulo descrevendo, do verso treze ao vinte, as qualidades daquele que alcançou essa posição, assim como descreve os atributos daquele acima da influência dos três modos da natureza nos versos de vinte e dois a vinte e cinco do capítulo décimo quarto.



1

Árjuna perguntou:
Quem é considerado o mais perfeito?
Aquele sempre em serviço devocional?
Ou o adorador do Brahman impessoal?

2

Krishna disse:
Aquele cuja mente é fixa em Minha forma pessoal
E com fé transcendental, sempre Me louva
Considero o mais entendido em yoga

3-4

Aquele que adora o imanifesto, porém
Terminará alcançando-Me também

Adorando-Me além do alcance sensório
Como aquele sempre fixo e imóvel
O onipresente e insondável
Aquele por todo imutável
A concepção impessoal da Verdade

Tal pessoa, sempre dada à bondade
Controlando os vários sentidos
E sendo equânime com todo ser vivo
Também há de viver coMigo

5

Para aquele ao aspecto impessoal apegado
Muito problemático é o progresso.
É muito difícil nesse caminho o sucesso
Àquele em corpos confinado

6-7

Aquele que Me adora, no entanto
Devotando-se a Mim sem pausa
Apenas com Minha pessoa contando
E tudo abandonando por Minha causa

Ocupando-se em serviço amoroso
E meditando em Mim, sempre religioso
Tendo fixado em Mim sua mente
Eu mesmo o salvarei, muito prontamente

8

Teu intelecto
Deposita em Mim
E tua mente
Deves em Mim fixar.
Assim, ó devoto
Sempre em Mim
Tua pessoa viverá

9

Se a mente não fica em Mim sem se desviar
Segue as regulações de bhakti-yoga
E o desejo de Me alcançar
Que tua pessoa desenvolva

10

Se impossíveis as regras de bhakti-yoga
Tenta trabalhar para Mim
Pois, em certa feita
Trabalhando assim
Chegarás à fase perfeita

11

Se em tal consciência é impossível trabalhar
Os resultados do trabalho tenta renunciar
E situar-te no eu procures

12

Se não o podes, em estudo te ocupes
Contudo, é a meditação melhor que o estudo.
E melhor do que meditação
É a ação com renúncia ao fruto
Pois, com semelhante desambição
Tem-se a logração do sossego absoluto

13-14

Aquele que não é invejoso
Mas antes um amigo bondoso
Para com um e com todos

Que não se vê possuinte
E está livre da falsa identificação
Que é igual em alegria e aflição
Que é tolerante, sempre satisfeito,
Estabelecido em pura devoção
E por completo autocontrolado

Tendo sua mente e inteligência em Mim
É-Me um devoto muito amado

15

Aquele igual na tristeza e na felicidade
Aquele que não põe ninguém em dificuldade
E que nada o deixa perturbado
Igual no medo e na ansiedade
É-Me um devoto muito amado

16

Aquele que por este mundo não é trabalhador
Que é puro, perito e despreocupado
Desinteressado de todo resultado
E livre de toda dor
É-Me um devoto muito amado

17

Aquele que não regozija ou enluta
Que renuncia o bom e o ruim
Que não se lamenta nem desfruta
É um devoto muito amado por Mim

18-19

Aquele igual com os amigos e inimigos
Na honra e na humilhação
No louvor e no castigo
No inverno e no verão

Sempre livre de companhia em decadência
Indiferente a qualquer residência

Sempre em silenciosa satisfação
E em devoção ocupado
Ele, fixo em compreensão
É-Me um devoto muito amado

Aquele neste eterno caminho da devoção
Em plena fé situado, ó Árjuna
Tendo em Mim a suprema obtenção
É-Me um devoto muito amado

A Natureza, o Desfrutador e a Consciência

No capítulo anterior, no verso de número sete, Krishna disse que liberta do oceano de nascimentos e mortes todo aquele que se rende a Ele pelo processo do serviço em devoção. No capítulo décimo terceiro, então, Krishna dissertará sobre como se dá tanto a libertação como o condicionamento.

Como no capítulo de número oito, Árjuna começa o capítulo pedindo a Krishna a definição de diferentes termos, desta vez em número de seis: a natureza, o desfrutador, o campo de atividades, o conhecedor do campo, o saber e a meta do saber.

Krishna, até o verso sete, responde o que é o campo de atividades, o conhecedor do campo e o saber. Nos versos de oito a doze, desdobra o saber e também fala sobre a libertação do ciclo de nascimentos e mortes. O que é a meta do saber, a última pergunta de Árjuna, é respondida nos versos de treze a dezenove, ao passo que a definição da natureza e do desfrutador aparece nos versos de vinte a vinte e seis.

Do verso vinte e sete ao final, Krishna fala sobre a visão do conhecimento e sobre, nas palavras com que Ele mesmo resume no último verso, como é possível a alguém ciente da diferença entre o corpo e o ser, percepção esta adquirida pelo conhecimento, libertar-se do enredamento da energia material.

Este capítulo é comumente considerado pelos estudantes do *Bhagavad-gita* como um dos mais difíceis. Na obra *Chaitanya-bhagavata*, descreve-se que mesmo o líder dos devotos de Krishna nos séculos XV e XVI, Advaita Acharya, não conseguia entender

um dos versos deste capítulo. Somente o pôde entender, nos narra o *Chaitanya-bhagavata*, depois de jejuar e esperar que o próprio Krishna lhe esclarecesse o significado do verso. Devemos entender, portanto, que é necessário dedicarmos especial atenção à leitura deste capítulo décimo terceiro a fim de que possamos assimilar com sucesso o seu conteúdo.



1

Árjuna disse:
Peço-Te a gentileza, ó Kêshava
Que comigo compartilhes
O saber sobre a natureza
E sobre o desfrutador
Sobre o campo e seu conhecedor
Da perspectiva correta
E sobre o saber e sua meta

2

Krishna disse:
O corpo, ó Kaunteya
É de o campo chamado
E quem o conhece, nesta cadeia
É o conhecedor do campo

3

Entretanto, em todo corpo
Eu também estou, ó Bhárata
Como quem tem a cognição
E ter de ambos o entendimento
É conhecimento, em Minha opinião

4

Dá atenção a uma breve descrição
Do campo de ação e seus elementos
E ouve-Me descrever, por um momento
Suas mudanças e a fonte que o origina
Quem é o conhecedor do campo da ação
E o que ele influencia

5

Descrevem isto sábios diversos
Em vários escritos védicos, com efeito.
O Brahma-sutra, todavia
Descreve com maior primazia
Em um longo estudo de causa e efeito

6-7

A inteligência e o falso ego
Os cinco elementos e o imanifesto
Os sentidos, a mente e a emoção
O desejo, o agregado, a repulsão

A alegria e os objetos sensoriais
A melancolia e os sintomas vitais
Bem como todas as convicções
São estes o campo de atividade
E suas muitas interações

8-12

Aceitação do valor da autorrealização
Humildade, tolerância e paciência
Simplicidade e não-violência
Ciência do nascer e morrer
Como algo, sim, artificial

Renúncia ao gozo sensorial
Serviço puro e constante a Mim
Aproximar-se do mestre exemplar
Limpeza, firmeza e saber se controlar
Estar livre do enredamento
Com os filhos, esposa, lar e o resto

E também ausência de falso ego
Aspirar a viver num lugar solitário
Contrário ao convívio com a massa
Não se considerar proprietário

Pela filosofia se dar à busca
Pela Verdade Absoluta
Modéstia e equanimidade

Tudo isto é conhecimento
E algo diferente é necessidade

13

Terás, ó Árjuna, a eternidade
Ao conhecer o conhecível
Que agora hei de explicar

Brahman, o espírito sem início
É a Mim subordinado, e situado
Além da causa e do efeito
Deste mundo condicionado

14

Por toda parte
Seus olhos e faces
E pernas e cabeças
Mãos e orelhas
Bocas e cinturas:
Assim existe a Superalma
Como toda criatura

15

Ouve-Me mais uma vez:
Transcende os modos da natureza
Conquanto senhor dos três.
É livre de apego, identificação
Embora na criação, a todos sustente.
E é a fonte dos sentidos
Não obstante nEle ausentes

16

Existe fora e dentro
O Axioma Supremo.
Porém, porque é sutil
Não O vê ninguém
Com poder visual
Ou cognoscitivo
Limitado ao material

17

Embora nos seres pareça dividido
Deve ser entendido, com clareza
Que o Ser Supremo nunca Se divide.
Embora dê a todos sua firmeza
Tudo Ele desenvolve e tudo elide

18

É a fonte da luz em todo luzeiro
Situa-Se além desta escuridão
E em todo e cada coração
É imanifesto e derradeiro

É ainda o aprender
O objeto do entender
A meta do conhecer

19

Brevemente descrevi, assim
O corpo, o sabível e o saber.
Aqueles devotados a Mim
Podem tudo isso compreender
E, por fim, amar-Me por inteiro

20

Meu amigo arqueiro
É preciso entenderes
Que não têm começo
Esta natureza e os seres

Suas mudanças, afinal
E os modos da matéria
São produtos, nuances
Da natureza material

21

De todo efeito e causa
É ela a produtora
E sem trégua ou pausa
É a alma a causadora
Do agrado e desagrado
Experimentado neste mundo

22

Em um envolvimento profundo
Nesse estranho ambiente
Segue a alma os caminhos da vida
Gozando a tríade constringente

Ligada à natureza material
Entre várias espécies existentes
Dá-se corrente, com o bem e o mal

23

Há outro alguém, no corpo, porém
Um desfrutador transcendental
O proprietário do todo, o Senhor
Que age como testemunha e permissor
Sempre livre de toda algema
E conhecido como a Alma Suprema

24

Quem atrema com este conhecimento
À natureza material pertinente
Certamente obterá a libertação
Quando a morte se fizer no momento
Independente de sua posição

25

Alguns percebem pela meditação
A Alma Suprema dentro de si
Outros, pelo estudo prolongado
E outros, pelo trabalho abnegado

26

Outros ainda, embora não versados
Passam a adorar a Pessoa Suprema
Após ouvirem de Sua beleza extrema

Pela tendência a ouvir as autoridades
Dando às suas palavras boa-vinda
Também lhes finda toda mortalidade

27

Quer possuidor de mobilidade, quer não
Tudo o que existe é mera combinação
Do conhecedor do campo
E do campo da ação

28

Então, quem vê a Alma Suprema
Acompanhar toda alma individual
E sabe serem ambas imortais
É alguém com visão fatual

29

Quem vê a Alma Fundamental
Em todo lugar e ser vivente
Não se degrada por sua mente.
Achega-se à meta transcendental
Vendo-O sempre presente

30

Quem vê o corpo tudo fazer
Como se o visse ao longe
Vê que a alma nada faz

Assaz precisa é sua visão
Em virtude do que
Vê com precisão

31

Quando em sensatez
Tu não vês, em verdade
Diferentes identidades
Em corpos diferentes

E quando vires seres em todo lugar
A se expandirem grandemente
O Brahman há de lograr

32

Aquele de visão invulgar
Pode ver que a alma
É imperecível e eterna
Sempre transcendente
Sendo-lhe externa
A dimensão de matéria
Muito seguramente

33

O ar, embora em tudo presente
Em nada se faz misturar.
Similarmente, na visão Brahman
A alma o corpo não se sente
Embora, por ora, seu ambiente

34

Como o Sol a escuridão dissipa:
Dentro do corpo, a entidade viva
Ilumina-o todo, pela consciência

35

Se toma ciência
Pelos olhos do saber
Acerca da diferença
Entre o corpo e o ser

E pode, esse alguém
Saber também, em catarse
O processo de libertar-se
Está devidamente equipado
Para lograr o objetivo desejado

Os Três Modos da Natureza Material

Krishna já mencionou os três modos da natureza material diversas vezes ao longo do diálogo com Seu amigo e devoto, como nos versos de doze a quatorze do capítulo sete e no verso vinte e sete do capítulo três. Como fez nova menção aos mesmos no capítulo anterior, no verso de número vinte e dois, e porque o assunto de libertação e condicionamento torna isso muito propício, Krishna decide descrever em detalhes o que são os três modos da natureza material e como atuam.

Nos versos de um a quatro, Krishna glorifica o conhecimento que começará a transmitir e diz como é através dEle que a energia material é povoada. Nos versos de cinco a nove, Krishna explica que o condicionamento das almas se dá pelos três modos, que as prendem como cordas, e apresenta as definições básicas da tríade.

Nos versos de dez a treze, explica, então, que as almas são ora encobertas pelo modo da needade, ora pelo modo da paixão, ora pelo modo da bondade, e ensina como podemos reconhecer, por diferentes sinais e sintomas, qual é o modo que atua sobre nós ou sobre outras pessoas em determinados momentos.

A preocupação de Árjuna já exposta por ele desde o capítulo um, em relação às reações que nos atam a este mundo, é exposta nos versos de quatorze a dezoito, que mostram as consequências das ações em cada um dos três modos.

Finalmente, do verso dezenove ao final, Krishna diz como a pessoa pode situar-se e agir fora da jurisdição dos três modos e consequentemente não ter de renascer nem nos planetas inferiores, nem

nos planetas intermediários e nem nos planetas celestes. Supera essa influência tríplice aquele que se ocupa em serviço devocional pleno, como já discutido pormenorizadamente nos capítulos de sete a doze. Assim, a pessoa alcança a plataforma Brahman, cuja origem é Krishna.

Este último verso, em que Krishna diz ser a origem do Brahman, é significativo. Há leitores do *Bhagavad-gita* que sugerem que Krishna é o símbolo de algo, comumente o símbolo do Brahman, da inteligência ou da totalidade do cosmo. Porém, tais leituras não são possíveis se considerarmos que, no último verso deste capítulo, Krishna diz ser a base do Brahman. No capítulo sétimo, verso quatro, Krishna afirma que a inteligência é uma energia Sua. No capítulo onze, também vimos como Árjuna pede a Krishna que recolha Sua forma universal e mostre Sua forma original, a forma de dois braços. Deste modo, Krishna, em Seu aspecto pessoal, deve ser entendido como a fonte de tudo, como Ele mesmo declara no verso oito do capítulo décimo, e não como o símbolo de algo inferior.



1

Krishna disse:
Agora, ouve-Me dar-te
Querido Árjuna, mais direções.
Por meio desta arte – do saber
Granjearás todas as perfeições

2

Fixando-se nessa compreensão
Pode-se ser igual a Mim em natureza.
Nessa situação, entende com clareza:
Não se nasce quando há criação
Nem se é perturbado ante a dissolução

3-4

Quando lhe confiro a semente
Aí então – então somente
Manifesta a vida a matéria inerte

Porque dou a semente, ó Kaunteya
Devo ser conhecido como o pai
Como quem povoa esta aldeia
Chamada mundo material

5

Esta natureza temporal
Consiste em tríplice modalidade
– Ignorância, paixão e bondade –
Que de maneiras específicas
Atam as entidades vivas
Neste mundo condicionador

6

Tu te purificas e iluminas
No modo da bondade
O mais puro e redentor
Que te dá conhecimento
E o experimento de felicidade

7

Caracterizam a paixão
Ilimitada ansiedade
E desejo material profundo
O que prende o ser vivente
Aos frutos deste mundo

8

Enlouquecendo e trazendo sono
Propicia o modo da ignorância
A mais densa escuridão
Parecendo à alma sem importância
A busca sincera da iluminação

9

Em brevidade, ó filho de Bhárata
A bondade condiciona à felicidade
A paixão ao ciclo de ação e reação
E a ignorância à insanidade

10

Ignorância, paixão, bondade
Bondade, paixão, ignorância
Constante alternância
É sobre os modos uma verdade

11

As manifestações da bondade
Fazem-se quando as portas do corpo
Estão em sabedoria e claridade

12

Quando se amplia a paixão
Veem-se, então, ação fruitiva
Anseio intenso e labuta excessiva
Bem como forte ganância

13

Quando reina a ignorância
Ó Kaunteya, a alma se vê presa
Em uma cadeia de ilusão
Inércia, loucura e escuridão

14

Quando em bondade falece alguém
Encontra-se com os sábios
Nas moradas elevadas
E lá reside também

15

Nasce quando morto em paixão
Entre trabalhadores compulsivos.
Quando em ignorância, então
Nasce animal, sem brilho expressivo

16

O fruto do ato pio é positivo
E está no modo da bondade
Mas a ação feita em paixão
Resulta em aflição, infelicidade
E o ato ignorante, mais tarde
Mostra-se incoerente e delusório

17

Pelo modo da bondade
A verdade é conhecida.
Do modo da paixão
Nasce a cobiça.
E na ignorância
Afoga-se em ilusão
Insanidade e necedade

18

Aqueles cultivando a bondade
Elevam-se em proporção.
Já os homens em paixão
Não deixam a morada atual.
E quem deita em vil ignorância
Visita o reino infernal

19

Quando vê corretamente
Que em toda atividade
Apenas essa tríade é o agente
E o Supremo reconhece
Como aos mesmos transcendente
A alma transcende, em verdade

20

Da imortalidade, gozar ela pode
Livre do nascer, envelhecer e morte
Quando acima também da bondade

21

Árjuna perguntou:
Meu Senhor, permite-me a pergunta:
Como é alguém transcendente?
Qual é a sua conduta?
Como ele transcende?

22

Krishna disse:
Transcendeu os três modos
Quem não é avesso à iluminação
Nem ao apego ou à ilusão
Quando se fazem presentes
E nem os anela quando ausentes

23

Transcendeu os três modos
Quem em nada se abala
Ante as reações em escala
Permanecendo neutro e acima
Sem pensar “a autoria é Minha”

24

Transcendeu os três modos
Quem está situado no eu
E tem o mesmo comportamento
Perante a felícia e o tormento
Que sabe ver que nada é seu
Quer ouro, pedra ou lama
E é igual com o que detesta e ama

25

Transcendeu os três modos
Quem é igual em louvor e condenação
Em distinção e aviltamento
Que despense o mesmo tratamento
A quem lhe é inamistoso ou amical
E que consegue renunciar
Toda atividade material

26

Quem se dá ao serviço devocional
E não falha em circunstância alguma
Aufere a posição espiritual – Brahman
E acima dos modos se situa

27

Eu sou a base do Brahman impessoal
Que é imperecível e imortal
Eterno e a posição constitucional
Da felicidade última e transcendental

A Pessoa Suprema

No verso vinte e seis do capítulo quatorze, Krishna disse que quem presta serviço devocional sem falha em circunstância alguma transcende sem demora os três modos. Para obter essa devoção, é preciso desapegar-se do mundo, daí começar o capítulo explicando o mundo material, o que faz Se valendo da imagem de uma figueira-de-bengala. Este ensino de desapego do mundo e conhecimento acerca dele junto do serviço devocional também é bastante compreensível se considerarmos a declaração de Krishna no verso cinco do capítulo quinto, no qual Krishna disse que o desapego do miserável mundo material e o apego a Ele são equivalentes.

Nos cinco primeiros versos, Krishna expõe a teologia de que o mundo material é um reflexo perverso do mundo espiritual e afirma ser preciso desapegar-se do reflexo a fim de poder reingressar no mundo espiritual. Esse entendimento do reflexo também combate a ideia de que Krishna é um conceito antropomórfico – ao contrário de Krishna ter uma forma humana pelos homens projetarem seus atributos em Deus, Deus sim projetou em nós Sua forma, Suas qualidades etc. em caráter diminuto.

Do verso seis a onze, Krishna fala sobre como é apropriado o desejo de retornar ao mundo espiritual e sobre como as entidades vivas vagueiam pelo mundo material por diferentes corpos até que o façam. Essa transmigração é algo claramente entendido pelos transcendentalistas, mas ignorado pelos homens comuns.

Krishna, do verso doze ao quinze, diz como torna possível que os corpos das almas condicionadas sejam mantidos por Ele através da manutenção do cosmo e dos corpos; como mantém o processo

transmigratório dessas mesmas almas dando-lhes a lembrança, o esquecimento e o conhecimento entre as diferentes vidas; e como, através do fornecimento do *Vedanta*, a conclusão das escrituras, propicia-lhes os meios necessários para que se libertem do ciclo de nascimentos e mortes.

Então, nos versos de dezesseis a dezoito, estabelece que as almas existem em duas categorias: as almas condicionadas, que vivem neste mundo material, e as almas libertas, que vivem no mundo espiritual. Krishna Se coloca em uma categoria acima mesmo das almas libertas, contradizendo a teoria monista, ou impersonalista, que diz que na transcendência Krishna e a alma são unos.

Nos dois últimos versos, Krishna enaltece o conhecimento que acaba de transmitir e diz que aquele que recebe semelhante conhecimento conseqüentemente quererá adorá-LO.



1

Krishna disse:
Existe uma eterna figueira-de-bengala
Cuja copa desce e a raiz se ala
E cujas folhas são os hinos védicos.
Quem a entende, os Vedas compreende

2

Pelos três modos nutridos
Galhos sobem e descendem.
Os brotos são os objetos dos sentidos
E também há raízes que se prendem
Aos atos fruitivos, na sociedade humana

3

Incompreensível é essa árvore tamanha:
Indizível onde começa, finda ou entranha

Com determinação, não obstante
Com a arma do desapego terminante
Essa árvore se deve derrubar

4

Deve-se, então, procurar
O lugar de onde jamais se retorna
E lá, render-se ao Senhor
O supremo e único gerador

5

Aquele livre da ilusão
Do prestígio e da má associação
Que sabe a eterna verdade
Que se enfatiou da luxúria
Que está livre da dualidade
Sendo igual no louvor, na injúria
E lucidamente se dá ao Senhor
Logra a residência eterna

6

Essa Minha morada de bem-aventurança
Independente de Sol, Lua e fogo
E não volta a este mundo trevooso
Quem esse reino alcança

7

Toda alma é centelha Minha
Mas quando na esfera condicionada
Árdua luta ela empreende
Com os sentidos e também a mente

8

O ar os aromas transporta
E similarmente, leva a alma
De um corpo a outro
Depois de morta
Suas concepções de outrora

9

Cinco órgãos sensoriais exatos
Ao nascer, obtém a alma certamente
Que se agrupam em torno da mente
Para desfrute dos objetos desejados

10

Nem o processo transmigratório geral
Nem uma reação cármica precisada
É o tolo capaz de compreender
Mas a visão em sabedoria treinada
É competente, e isso pode ver

11

Situado em autorrealização
O transcendentalista diligente
Com bastante clareza tudo vê

Quem carece desse saber
Nada entende, contudo
Ainda que ele tente

12

O Sol esplendoroso
O fulgor do fogo
E o prateado da Lua
Têm em Mim a origem sua
E dissipam o breu

13

Na Lua Me torno Eu
E dou a vida a todo vegetal
E em cada planeta entro
Mantendo sua rota original

14

Nos corpos de todos
Sou o fogo, bem como o ar vital.
Faço a digestão dos alimentos
Como os dois elementos
Queimando com o ar
Que entra e se deixar exalar

15

Sentado em seus corações
Causo o conhecer e esquecer
E também as recordações

Sou o conhecedor dos Vedas
O compilador das conclusões
E o objeto de seu verbo

16

Há duas classes de seres:
Os falíveis e os infalíveis.
No mundo material
Falíveis as almas estão.
No mundo espiritual
Infalíveis todos são

17

Acima destes e muito além
Há também o grandessíssimo
O Senhor e a alma das almas
Que entra nos mundos e os mantém

18

Porque sou transcendente
Além do falível e do infalível
E porque sou o grandioso, certamente
Exaltam-Me os Vedas e todos, em verdade
Como a pessoa além da obscuridade

19

Conhecendo Minha divindade
Terás conhecido o bastante
E te despindo de toda dúvida
A todo instante, servirás em unidade

20

Inexiste maior confidencialidade
Em toda a literatura revelada
Do que o saber aqui apresentado.
Quem compreende isto é sábio
E seus esforços redundarão em perfeição
Ó guerreiro sem pecado

As Naturezas Divina e Demoníaca

No verso dois do capítulo anterior, Krishna disse que a figueira-de-bengala, a analogia do mundo material, possui galhos que sobem e galhos que descem. O significado dessa afirmação é que há modos da natureza que promovem a elevação da alma, e outros que promovem sua degradação. Neste capítulo, Krishna discorre sobre a bipolaridade sob o nome de qualidades divinas e qualidades demoníacas.

Nos seis primeiros versos, Krishna lista ambas as classes de qualidades, as divinas e demoníacas, respectivamente em número de vinte e oito e em número de seis. As qualidades divinas, Krishna diz, conduzem à libertação, ao passo que as qualidades inversas perpetuam o cativeiro da alma no mundo material.

Embora Krishna já houvesse falado no verso quatro deste capítulo que *Árjuna* nascera com as qualidades divinas, Krishna decide descrever as qualidades demoníacas detalhadamente a fim de garantir a *Árjuna* que ele não se enquadra nessas qualidades baixas, como poderia pensar erroneamente. Essa vivaz descrição dos atos, palavras e pensamentos daqueles sob o domínio da natureza demoníaca é registrada nos versos de sete a vinte.

Uma vez que as qualidades demoníacas fadam a alma a muitos sofrimentos infernais, toda pessoa sã ciente desse fato desejará se afastar de tais qualidades, as quais Krishna diz serem como portões para o inferno. Nos últimos quatro versos do capítulo, portanto, Krishna incentiva todos aqueles que querem ser felizes que realizem atos que conduzem à perfeição e ao destino supremo conforme prescrevem as escrituras sagradas.



1-3

Krishna disse:

Controle sobre si próprio e clemência
Purificação da própria existência
Estar livre da ira, e não-violência

Tranquilidade e despreensão
Renúncia, firme determinação
Sentir por todos sincera compaixão

Não maledicência, e gentileza
Despaixão pela honra, limpeza
Simplicidade e fortaleza

Cultivo de conhecimento espiritual
Execução sacrificial
Generosidade e estudo escritural

Estar livre da inveja, e caridade
Destemor, vigor, austeridade
Assim como veracidade

Existe nos homens de natureza divina
Ó filho de Bhárata, essa propriedade

4

Cólera, aspereza e ignorância
Orgulho, presunção e arrogância

Essa propriedade maldita
Existe nos homens de natureza baixa
Ó filho de Prita

5

As qualidades divinas
Conduzem à libertação
E as qualidades ímpias
À perpétua prisão

Mas não proves ansiedade
Ó filho de Pându
Dado que contigo trazes
As sagradas qualidades

6

As virtudes divinas
Já Me detive a explicar-te
As qualidades ferinas
Agora ouve, destarte

7

Aquele que é depravado
Não sabe o que deve ser feito
E o que deve ser evitado.
Nele não há verdade ou pureza
Nem proceder adequado

8

Ele diz que este mundo é irreal
E sem fundamento ou controlador
Que é produzido do desejo sexual
E as teorias acerca de tal
É o capricho do propositor

9

Refugiado nesse conceito monomaniaco
O demoníaco, ignorante da correta conduta
E possuidor de inteligência diminuta
Ocupa-se em atividades prejudiciais
Que destroem o mundo, os filhos e os pais

10

Refugiando-se no insaciável hedonismo
E absorto na presunção, no falso prestígio
O demoníaco, nessa ilusão
Dá-se ao trabalho baixo
E pelo efêmero sente-se atraído

11

Acredita que satisfazer os sentidos
É a prioridade da humanidade.
Até o fim da vida, perdido
Imensurável ansiedade

12

A infindáveis aspirações preso
Absorto na ira e sempre luxurioso
Recorre ele a meios tressos
Para obter o recurso e o gozo

13-15

A pessoa propensa
À natureza demoníaca
Pela ignorância consumida
Desta maneira pensa:

Eu sou o senhor de tudo
Tanta riqueza no presente eu tenho
Terei mais por meu empenho
E tudo o que tenho eu desfruto

Perfeito e poderoso sou eu
Meus inimigos, alguns já matei
E algoz dos demais, também serei
Felicíssimo comigo, por meu apogeu

Incomparável o poderio meu
E feliz sou eu, pela tertúlia refinada

Ver-me-ei felício
Com a caridade dada
E o portentoso sacrifício

16

Krishna continuou:
Deste modo confundido
Atônito perante ansiedades
Por demais se permite gozos externos
E preso numa rede de inverdades
Desce a infernos, de sangue e pus

17

Destituída de luz
A pessoa demoníaca
Muito inoportuna
Muitíssimo cínica
Deixa-se iludir
Por sua fortuna

Tal homem, por mera ostentação
Movido pelo falso prestígio
Por vezes executa sacrifício
Mas sem qualquer regulação

18

O demônio inveja Meu devoto
E Me odeia de igual modo
Considerando ruins nossas qualidades
Enleado por força e vaidade
Altivez, luxúria e feridade

19

Os mais baixos da Terra
Aqueles invejosos e maliciosos
Retenho para sempre na matéria
Em muitos ventres odiosos

20

Em copiosos nascimentos baixos
Jamais Me alcançam, quem Eu rebaixo

Assim, afundam-se em abominação
Conseguindo a libertação
Apenas se mortos por Mim

21

Há para o inferno três portões:
A luxúria, a cobiça e a falta de calma.
Devem-se evitar semelhantes perdições
Conducentes à degradação da alma

22

Livre dos umbráticos portões do inferno
O homem age para o autoconhecimento
E aufere, por fim, o destino supremo

23

Quem age segundo seus caprichos
E rejeita a norma da escritura
De valor eviterno
Não alcança boa-ventura
Nem perfeição ou o destino superno

24

Deve-se entender
Pela evidência escritural
O que é dever
O que não é dever

De modo gradual, então
O homem deve elevar-se
Conhecendo toda regulação

As Divisões da Fé

Este capítulo é mais um em que Árjuna inicia endereçando uma pergunta a Krishna. No primeiro verso do capítulo anterior, Krishna apresentou o estudo escritural como uma das qualidades divinas e, até o verso três, descreveu as qualidades prescritas nas escrituras sagradas. Ao final do capítulo, no verso vinte e três, qualificou os indivíduos demoníacos como aqueles que rejeitam as escrituras e agem segundo seus próprios caprichos. A dúvida levantada por Árjuna, então, é: Qual é a posição daqueles que têm fé em algo que não é escritural?

Até o verso seis, Krishna responde que aquele cuja fé não é escritural poderá ter três tipos de fé, conforme o modo da natureza material que o governe. Então, do verso sete ao vinte e dois, Krishna aponta as qualidades dos três modos também nos hábitos alimentares, nos sacrifícios, nas austeridades e nos atos caritativos. Estas exemplificações dos modos materiais nas atividades e escolhas das entidades vivas muito nos ajudam a visualizar as descrições mais abstratas dos três modos fornecidas no capítulo quatorze.

Nos versos de vinte e três a vinte e oito, então, Krishna conclui apresentando a Árjuna a definição da tradicional expressão Om Tat Sat e diz que sacrifícios, caridade e penitência realizados sem fé no Supremo, sem um objetivo superior, são inúteis, o que é um convite a que adotemos diretamente a consciência de Krishna, em vez de optarmos por algum roteiro de purificação gradual.



1

Árjuna perguntou:
Qual é a situação, ó Krishna
Daqueles que não recorrem à escritura
Mas adoram segundo a imaginação?

2

Krishna disse:
Todo pensamento e ação
Pode ser analisado, ó Árjuna
Se em bondade, trevas ou paixão

3

De acordo com seu coração
Sua fé o homem desenvolve
E sua natureza é conforme
O objeto da adoração

4

Aqueles no modo da bondade
Adoram os deuses com suas ações
E também o Senhor
E Suas encarnações

A demônios prestam homenagem
Desejando riqueza e poder
Assim como fama e prazer
Aqueles no modo da paixão

E aqueles em escuridão
Adoram divindades abstratas
E de qualidades vagas
Bem como espíritos e fantasmas

5-6

Quem se submete a penitências
Contrárias às escrituras
Movido por orgulho, egoísmo e luxúria
Que é apegado e tolo
Tortura o corpo
E perturba a mente
Bem como a Superalma
É um demônio tão-somente

7

Atentamente, ouve-Me explicar-te
A arte da análise dos modos
Também em comida e austeridade
Bem como sacrifício e caridade

8

Os alimentos em bondade
Aumentam a duração da vida
E alegria e saúde conferem
Trazem pureza e fortalecem
São integrais e gordurosos
Suculentos e oleosos
E ajudam a atuação do coração

9

Pratos demais amargos
Acres, quentes e salgados
Picantes, secos e ardentes
Apreciam aqueles apaixonados.
Misérias, doenças e sofrimentos
Decorrem de tais alimentos

10

Alimento que esfriou e não tem gosto
Insípido, sobra alheia e mal-cheiroso
Bem como carne ou algo putrefato
É do gosto, de fato, do ignorante

11

Consoante o texto sagrado
É o sacrifício em bondade
Quando por dever realizado
E sem recompensa em mente

12

Muitíssimo diferente
É o sacrifício passional
Feito por algo material
E movido por vaidade

13

No modo da necessidade
Não são escriturais os sacrifícios
Não se recompensa o pontifício
Não se distribui alimentos puros
Não se cantam hinos propícios
Nem na fé estão seguros

14

A austeridade corporal
É adorar o Supremo
Os duas vezes nascidos
O mestre espiritual
E os superiores em geral

Também é austeridade corporal
A limpeza e a abstinência
E simplicidade e não-violência

15

Falar em plena consciência
É a austeridade da fala
Cujo verbo se revela benéfico
Assim como veraz
E invocador da paz

Não falar para atacar ou se vingar
E recitar a escritura revelada
Também é austeridade ao falar
Peço que a isso atentes

16

Quanto à austeridade da mente:
Satisfação e purificação de si
Autocontrole e gravidade
E cultivo de simplicidade

17

Feito com fé completa
Esse trino de austeridade
Sem ambição secreta
É austeridade em bondade

18

Quando é por orgulho a austeridade
E visa honra, respeito e adoração
É modo da paixão, e não há continuidade

19

Quando fruto de rivalidade
E néscia e com autotortura
Semelhante sujidade
É austeridade muito impura
Da ignorância produzida

20

Feita sem expectativa
De ganho pessoal
E feita a alguém exemplar
No momento ideal:
Eis a caridade em bondade

21

Quando feita com má vontade
Desejoso, na verdade, de recompensa
Com expectativa de colheita frutiva:
Eis o modo da paixão na caridade

22

Dada a pessoas sem integridade
Em lugar e momento imperfeito
E sem respeito, sem atenção:
Eis a caridade em needade

23

Desde o começo da criação
São usadas três palavras
Para indicar a verdade mais elevada

Dos lábios dos sábios
Om Tat Sat se faziam ouvir.
Em louvor, hinos cantavam
Nos sacrifícios ao Senhor

24

Aqueles que buscam o primor
Portanto, segundo as escrituras
Junto da feitura de caridade
E sacrifício e austeridade
Recitam, ao início, a sílaba Om

25

Com a palavra Tat
Deve-se fazer caridade
Austeridade e sacrifício
Sem desejar resultados frutivos
Mas como um ofício
Buscando a libertação

26-27

O alvo do sacrifício em devoção
É a Verdade Absoluta.
Sat indica essa verdade
E o executor da adoração

Recebe ainda esta designação – Sat
Todo sacrifício, caridade e austeridade
Em harmonia com a natureza absoluta
Cuja feitura quer agradar a Divindade

28

Todo sacrifício e toda caridade
Igualmente: toda austeridade
É impermanente, caso sem fé

Chama-se Asat, e é inútil
Nesta vida e naquela que vier

A Perfeição da Renúncia

Um tema muito recorrente no *Bhagavad-gita* é a renúncia, dado que esse tema foi cogitado por Árjuna, ao começo da obra, como uma possível solução para evitar a luta e supostas reações pecaminosas decorrentes da luta. Dado que no verso vinte e cinco do capítulo anterior, Krishna disse que o propósito da execução de diferentes atividades religiosas é livrar o sujeito do enredamento material, Árjuna traz novamente à tona o assunto a fim de que o mesmo seja concluído.

Nos versos de um a doze, Krishna defende que um verdadeiro renunciante não renuncia seu trabalho, mas sim os frutos do mesmo. Conclui Krishna, então, que a posição renunciada e a ordem renunciada são unas.

Citando o *Vedanta-sutra*, a famosa obra de Vyasadeva, cujo comentário mais famoso é o do próprio Vyasadeva, o comentário de nome *Srimad-Bhagavatam*, Krishna esquadrinha as ações como consequentes a cinco fatores, entre os quais o mais importante é a Superalma presente no coração de todos. Tal estudo, compreendido entre os versos treze e dezoito, tem por objetivo nos ensinar como podemos agir sem nos enredarmos.

Em seguida, tornando este capítulo o mais dedicado a exemplificações dos três modos da natureza, Krishna dedica os versos de dezenove a quarenta a apontar como as atividades nos mencionados cinco fatores são ditadas pelos três modos da natureza material.

Do verso quarenta e um ao sessenta e seis, Krishna descreve como todos podem servi-LO com suas aptidões e reitera como o serviço a Ele é a ocupação livre de reações.

Os versos de número sessenta e cinco e sessenta e seis são os últimos versos do *Bhagavad-gita*. No primeiro, Krishna apresenta conclusivamente, entre todos os processos de religião, Sua predileção pelo serviço devocional puro, e pede a Árjuna que se situe em tal processo. No verso seguinte, a fim de que não fique nenhuma dúvida de que apenas o serviço devocional deve ser adotado, diz que toda outra forma de religião deve ser abandonada, a saber, o trabalho frutivo, a especulação filosófica e as práticas mecânicas do *yoga*. Krishna garante a Árjuna que, caso se renda da forma solicitada, o livrará de todas as reações pecaminosas.

Interessante notar que, no verso sessenta e cinco, Krishna diz a Árjuna que ele deve se render como um devoto, após o que diz a Árjuna que deve abandonar todas as outras formas de religiosidade. Depois de sugerir esse abandono, Krishna reitera o processo do serviço devocional ao dizer: “unicamente te rende a Mim”. Algumas vezes, lemos e ouvimos pessoas dizerem que o serviço devocional é um meio que deve ser abandonado em determinado momento da vida em busca da autorrealização a fim de que se adotem as práticas de austeridade, estudo escritural especulativo ou meditações monistas. Essa leitura, contudo, é impossível no *Bhagavad-gita*, que é uma obra essencialmente devocional. Sua conclusão nestes dois últimos versos é clara.

Do verso sessenta e sete ao setenta e um, Krishna fala sobre a divulgação do *Bhagavad-gita*: quem é qualificado para receber esse conhecimento, como Lhe é querido o pregador e quais são os benefícios para quem estuda e ouve Seu diálogo com Árjuna.

No verso setenta e dois, Krishna pergunta a Árjuna se ele foi capaz de entender completamente o significado de Sua canção, disposto a ensinar todo o *Bhagavad-gita* novamente a Árjuna caso necessário. O verso setenta e três registra a última fala de Árjuna, que diz estar livre da ilusão, com a memória recobrada e pronto para agir conforme a vontade de Krishna.

Do verso setenta e quatro ao setenta e sete, Sanjaya revela sua gratidão a seu mestre espiritual, Vyasadeva, que lhe permitiu ouvir o *Bhagavad-gita*. Sanjaya também deixa transparecer em tais versos bastante de sua devoção a Krishna.

No último verso, enfim, Sanjaya responde à pergunta implícita no primeiro verso do *Bhagavad-gita*. O rei cego, Dhritarastra, desejava saber se seu filho, Duryodhana, seria capaz de vencer o exército rival, onde estavam Krishna e Árjuna. Sanjaya responde francamente: “Onde estejam Krishna e Árjuna, ali estará a vitória”.



1

Árjuna disse:

Ó Tu que és deveras poderoso
Dou comigo desejoso, Senhor
De entender a posição renunciada
Bem como a ordem assim anunciada

Assim como mataste o perverso Kêshi
Peço-Te, por favor, que não deixes
Ó senhor dos sentidos, esta dúvida comigo

2

Krishna disse:

Renúncia ao gozo dos sentidos
É a ordem de vida renunciada
Afirmam seguramente os eruditos

E abdicar o resultado dos atos, sê ciente
É o que chama de renúncia o sábio

3

Para os atos fruitivos
Alguns eruditos
Tendo-os por imperfeitos
Recomendam a inação

Sugerem a preservação
Outros doutos, porém
Da caridade e austeridade
E sacrifício também

4

Minha compreensão
Ouve então, ó Bhárata:
A escritura fala da renúncia
Em divisão tresdobrada

5

Sacrifício e caridade
Assim como austeridade
Jamais devem ser deixados
Mas sim executados

Na verdade, ó homem tigrino
Sacrifício, penitência e caridade
Purificam mesmo um ser divino

6

Esse fazimento trino
Em Minha final opinião
Deve ser realizado, então
Mas sem apego ao resultado

7

Jamais se rejeita o dever decretado
Sendo renúncia em escuridão.
Se isso feito, é devaneio, ilusão

8

É renúncia em paixão
A renúncia do dever
Em razão deste trazer
Inconveniência, perturbação

9

Quando renuncia a má associação
E quando, ao fruto, não mais é afeito
Cumprindo seu dever, arguto
Porque tem de ser feito
Vê-se aí, querido Árjuna
Um renunciante insuspeito

10

O renunciante em bondade, com efeito
Que não discrimina entre as atividades
Em termos de deleitantes ou desagradáveis
É bem situado, e tudo sabe sobre o trabalho

11

De fato, para um ser corporificado
Impossível é a total inatividade.
Contudo, quem abdica o fruto
Renuncia em verdade

12

Quem não é renunciado
Tem de o resultado viver:
Desejável, misto, contrário

Sufrimento e prazer
Quem é renunciado
Por outro lado
Não precisa receber

13

Nos eventos a todo instante
Há, segundo o Vedanta
Cinco determinantes
Ó musculoso Árjuna

14-15

O agente, o corpo, os sentidos e o ato
E, é claro, a Alma Suprema:
Qualquer ação, acertada ou errada,
Em quantia pequena ou extrema
Destes cinco fatores deriva

16

É incorreta a perspectiva, portanto
De quem desconsidera todo fator
E considera a si, por ignorância
O único fazedor

17

Quem não é motivado pelo ego falso
E cuja inteligência não está enredada
Embora mate, não mata
Nem se enreda no karma

18

Os saberes e os objetos dos saberes
Bem como os sabedores
São nas ações os três motivadores
E os sentidos e os atos e os autores
São nas ações os três constituintes

19

Em seguinte, falar-te-ei da tripartição
Do saber, do exercer e da ação
Em bondade, paixão ou necessidade

20

É tida como visão em bondade, nitidez
A visão de uma só classe de alma
Indestrutível e em um corpo por vez
Celestial, terreal, animal, abismal

21

É um entendimento em paixão
O saber que vê, em cada corpo
Um diferente tipo de ser
E dá ouvido a toda opinião
Do corpo escritural contorto

22

O saber que é mera especulação
Que fomenta comer, gozar e beber
Que é deveras longe da verdade
É conhecimento em needade

23

O trabalho com regularidade
É ação em bondade, além da dualidade
Quando livre do apego por obtenção

24

Mas é ação em paixão
O trabalho intenso e egoísta
E com fim de exibição

25

O trabalho produto de ilusão
Ação morta, ó guerreiro
É alheio ao verbo escritural
E, em fazer o mal, não se importa
Indiferente ao futuro enleio

26

Humilde, puro e em anseio
A bondade rege o trabalhador
Quando pleno de determinação
E igual, em sucesso ou frustração

27

Aquele apegado ao trabalho
Desejoso de gozar os frutos
Que é cobiçoso, invejoso, impuro
E afetado por alegria e tristeza, aflição
Está em paixão, em certeza

28

Trabalha obscura
A pessoa que age sem finura
Preguiçosa e irresoluta
Trapaceira e desanimada
Materialista e obstinada

29

Ouve, Árjuna, como a determinação
Dirigem os modos tríplices
Bem como o entendimento
Conforme a situação

30

Aquela compreensão, ó Parta
Do que nos prende à matéria
E do que dela nos aparta
Do que fazer e quando abster
Do que recluir e quando afrontar
É bondade na cognição

31

Mas é regida pela paixão
A pobre compreensão
Incapaz de distinguir
Correta ação e não religião

32

Quando em ilusão, escuridão
Considera-se errada a religião
E atinada, a filosofia contrária ao darma

33

Ó Parta, é determinação em bondade
Quando firme a vontade
Mesmo se aflito, na tempestade
Se pelo yoga fortalecido: controle mental

34

Mas é determinação passional
Aquele pela qual, ó Árvjuna
A meta é algo material

35

E se não pode superar
A ilusão e o recear
O olhar tristonho
A ignorância e o sonho:
Semelhante força de vontade
Em realidade, é trevas

36

Tua atenção reserva, por bondade
E ouve sobre três felicidades
As quais atam a alma e, por vezes,
Livram-na de sua enfermidade

37

Felicidade em bondade
Ilumina e aproxima de Mim.
Parece veneno ao começo
Mas é doce por fim

38

Os sentidos se aprazem
Na felicidade em paixão
Que parece doce ao começar
Mas, no tempo circular
Envenena o coração

39

É ilusão do começo ao fim
A felícia sob o véu trevoso.
Assim, envolve o ser com o sono
E a preguiça, e o faz impiedoso

40

Entre os deuses no céu
Entre quem na Terra é infiel
Ou entre quem é réu, em vida infernal
Não existe ser algum, afinal
Livre da tríade material

41

A quádrupla divisão social
De brâmanes, xátrias, vaixás, shudras
Surge das qualidades dos modos
Conforme a natureza individual
Ó castigador de todo transgressor

42

Tranquilidade, austereza
Honestidade, pureza
Religiosidade, paciência
Autocontrole, sapiência
Gosto por filosofia
E grande sabedoria:
Eis as qualidades naturais
Com as quais, agem os brâmanes

43

Destridade e autoridade
Bravura no desafio
Determinação e poderio
Coragem no confronto
Para a caridade sempre pronto:
Eis as qualidades naturais
Com as quais, agem os xátrias

44

Os vaixás protegem o solo e o gado
Para lucrar e então investir.
E para ajudar a servir
O shudra é empregado

45

Sujeitando-se a seu trabalho
Todos podem, sem demora
Serem sim perfeitos.
Ouve, portanto, agora
Como pode ser levado a efeito

46

Por louvor ao Senhor
Presente em toda direção
Cumprindo o dever próprio
Auferirão, certamente
Toda a perfeição

47

Ainda que imperfeitamente cumprida
É melhor a própria ocupação
Do que a obrigação alheia
Mesmo em perfeição

Por reação e impureza
Nunca são afetados
Os deveres decretados
Conforme a natureza

48

Cumpra teu encargo, filho de Kunti
Mesmo se amargo, ou sem fama
Pois defeitos cobrem todo agir
Assim como a fumaça cobre a chama

49

Contendo todos os sentidos
E a ânsia por ação em egoísmo
Ele abdica, assim, em perfeição
E encerra, enfim, toda reação

50

Quem atingir tal perfeição
Poderá auferir, então
A mais elevada etapa
Brahman: a suma perfeição

51-53

Quem rejeita o que é material
Abandona o gozo sensorial
No controle da mente é perspicaz
Está em paz – constantemente

Não tem errônea ideia de propriedade
Está livre da dualidade: atração e aversão
Possui intelecto de purificação

Vive em lugar isolado
É regulado em seu comer
Não objetiva poder
É desapegado – autocontrolado

E está sempre em transe
Livre do ego e da luxúria
Do orgulho e toda fúria:

Da autorrealização
Por certo logrou
Esse alguém
Essa posição

54

Liberto de lágrimas e anseio
No seio: bem-aventurança
Para com todos, igualmente disposto
Obtém, por fim, o serviço a Mim

55

Somente pelo serviço consumado
Pode alguém conhecer-Me de fato
E assim absorto, quando morto, o apogeu
Adentrar o eterno: o superno reinado Meu

56

Sob Minha proteção
Embora dado a atos vários
Meu devoto puro alcança a morada
Da completa perfeição

57

Em toda ação, atividade
Conta apenas coMigo
Com Minha proteção, Meu abrigo

E no serviço em devoção
De Mim sê consciente, Árjuna
Por inteiro e plenamente

58

Hás de te desencaminhar
Se procederes em falso ego
Mas se em tua mão Eu pego
Possibilitarei teu caminhar

59

Se deixares de lutar
Não ouvindo Minha direção
Seguirás, então, uma orientação vulgar

Pela própria natureza tua
Terás de te ocupar na luta

60

Recusas Minha condução
Porquanto, em ilusão, agora estás.
Quando impelido por tua natureza
Agirás fatalmente – sem incerteza

61

No coração de todos, em plena calma
O Senhor dirige toda alma
Sentada em uma sorte de máquina
Criada pela energia material

62

Podes obter paz transcendental
E a morada derradeira – eternal
Caso rendido a Ele, completamente
Ó Bhárata, ó nobre descendente

63

O saber mais confidente
Expliquei-te assim, para o teu conhecer.
Delibera sobre isto detidamente
E faze, por fim, o que quiseres fazer

64

Porque és queridíssimo a Mim
Mais segredos, sim, compartilho a ti.
A atenção de teus ouvidos mantém
Dado, amado, que falo ao teu bem

65

Não fiques aquém
Do pensar sempre em Mim
Mas em Meu devoto converte a ti
E adora-Me e homenageia-Me
Pois, assim, virás a Mim:
Minha palavra te dou aqui
Porque Me és querido sim

66

Abandona, enfim, toda religião
E unicamente te rende a Mim.
De toda reação, hei de te livrar
Motivo pelo qual, nada hás de recear

67

Àqueles que não são austeros
Não pode isto ser explicado
Nem a quem Me inveja
Ou não Me é devotado

68

Aqueles que explicam este segredo
Granjearão a mais pura devoção
E, sem medo, por fim
A Mim retornarão

69

Em Me amar, não há servo maior
Tampouco um dia haverá

70

E com sua inteligência Me agracia
Quem se dedica a estudar
Esta sagrada poesia

71

Quem ouve com a fé despertada
E com a inveja dominada
Livra-se da reação dos pecados
E, no paraíso, obtém uma morada

72

Ó Parta, ó Dhananjaya
Ouviste-Me com a mente atenta?
Ou contra ti ainda atenta
A poderosa energia maya?

73

Árjuna disse:
Por Tua misericórdia
Recuperei minha memória
E se dissipou a velha ilusão

Não há mais dúvidas aqui
E a Tua instrução
Estou pronto a cumprir

74

Sanjaya disse:
Tão esplêndido o poema
Dos poetas Árjuna e Deus
Que se arrepiam os pelos meus

75

Porque deu-me Vyasa sua bênção
Testemunhei em meu coração
O senhor do misticismo, do yoga
Dirigir-se a Árjuna em solidão

76

Recordando essa versação
Esse diálogo puro e estupendo
Assenhora-se de mim a emoção
E grande prazer experimento

77

Conforme em Krishna penso
Em Sua forma de encanto imenso
Mais intenso se torna meu afeto
E me regozijo, me aprazo, me alegre

78

Onde esteja Krishna
O Senhor da religião
E onde esteja Árjuna
O arqueiro em devoção

Ali haverá poder e prosperidade
Em grande profusão
E vitória e integridade:
Esta é minha opinião

Posfácio

por Stephen Knapp

Com o término da leitura do *Bhagavad-gita*, algumas perguntas podem estar visitando sua mente agora: “Esse diálogo realmente aconteceu?”, “O campo de batalha de Kurukshetra é um lugar histórico?”, “As semelhanças entre o *Bhagavad-gita* e a devoção cristã a Deus indicam que o *Bhagavad-gita* foi falado e escrito depois do nascimento de Jesus?”. “Quão antigo é o vaishnavismo, ou o culto a Vishnu e Krishna?”. Tentaremos sanar essas e outras questões neste breve posfácio.

A questão de quando o Senhor Krishna esteve presente na Terra é um ponto que gera muitas opiniões, mas que agora está mais claro do que nunca com as pesquisas e descobertas mais recentes.

O astrofísico Dr. Narahari Achar, um físico da Universidade de Memphis, demonstra claramente com análises astronômicas que a guerra do *Mahabharata* ocorreu em 3067 a.C. Dr. Achar também soube que S. Raghavan, em 1969, chegou à mesma data.

Para determinar a data da guerra do *Mahabharata* em Kurukshetra, podem-se usar referências astronômicas no épico, as quais somam mais de cento e cinquenta. A maior parte dessas, que é relativa à guerra – embora haja referências dispersas pelo texto –, encontram-se no *Udyoga-parva* e *Bhisma-parva*. Aquelas presentes no *Bhisma-parva* são especialmente sistemáticas e também estão de acordo com os augúrios astrológicos descritos no *Atharva Veda* e seus *parishishtas*, referentes sobretudo a cometas. Quando esses são unidos com o movimento retrógrado de Marte antes de chegar a Jyestha, isso produz a data única de 3067 a.C. para a data da guerra, que já fora, como dito, proposta anteriormente pelo professor Raghavan.¹

Isso corrobora a visão de que a era de Kali, a atual era de hipocrisia e desavenças, começou em 3102 a.C., de acordo com Dr. Achar. Como declaram os *Puranas*, Kali-yuga já começara, mas sua influência total foi atrasada devido à presença do Senhor Krishna. Então, quando o Senhor Krishna partiu deste mundo, o que se diz ter acontecido 35 anos depois da guerra de Kurukshetra em 3067 – ou seja, 3032 a.C. –, então Kali-yuga começou a mostrar mais de seus efeitos.²

Na cronologia da partida do avô Bhishma, por exemplo, é dito que Bhishma faleceu em Magha (janeiro/fevereiro) *shukla ashtami*, depois do solstício de inverno, o que produz a data de 13 de janeiro de 3066 a.C.³

Então, considerando a cronologia de acordo com o professor Raghavan, temos: a partida do Senhor Krishna de Upaplavya-nagara em Sua missão de paz, em 26 de setembro de 3067 a.C.; a chegada de Krishna a Hastinapura, em 28 de setembro de 3067 a.C.; eclipse lunar, em 29 de setembro de 3067 a.C.; a conversa de Krishna com Karna, em 8 de outubro de 3067 a.C.; eclipse solar, em 14 de outubro de 3067 a.C.; o começo da guerra, em 22 de novembro de 3067 a.C.; o décimo quarto dia de guerra, que continuou até as primeiras horas da manhã, em 8 de dezembro de 3067 a.C.; o retorno de Balarama, em 12 de dezembro de 3067 a.C.; solstício de inverno, em 13 de janeiro de 3066 a.C.; e a morte de Bhishma, em 17 de janeiro de 3066 a.C.⁴

Esses são os números para os 48 dias do acamamento de Bhishma até o momento de sua morte. Entretanto, aceita-se em geral que o avô Bhishma teve 58 noites em claro desde o acamar-se até a hora de sua partida deste mundo. Se considerarmos os 10 dias em que ele liderou os exércitos na guerra, ao longo dos quais é possível que também não tenha conseguido dormir, temos o total de 58 noites em claro como descrito.⁵

O famoso texto astronômico conhecido como *Surya Siddhanta* também declara que o Sol estava 54 graus distante do equinócio primaveril quando Kali-yuga começou em um dia de Lua nova, que corresponde a 17/18 de fevereiro de 3102 em Ujjain.

A partir da evidência interna no texto do *Mahabharata*, a coroação de Maharaja Yudhisthira pode ser determinada como sendo 36 anos

antes do começo de Kali-yuga, ou aproximadamente em 3138 a.C. Um estudioso, Dr. Patnaik, calculou a data do começo da guerra do *Mahabharata* como sendo 15 de outubro de 3138 a.C. a partir de referências disponíveis no próprio épico.

É claro que diferentes estudiosos podem chegar a conclusões variadas, e há algumas diferentes versões do *Mahabharata*, além de que, ao longo dos muitos séculos desde que foi escrito, são reconhecidas interpolações. Por exemplo, os versos 2.28.48-49 mencionam *roma* e *antakhi* em sânscrito, o que os estudiosos interpretam como sendo Roma e Antioquia. Isso torna tais menções não mais antigas do que 300 a.C., haja vista que Antioquia foi fundada em 301 a.C.⁶ Isso, entretanto, não limita o tempo da edição mais antiga do *Mahabharata*, que é reconhecida como tendo sido escrita pouco depois da guerra de Kurukshetra.

Não obstante, como B. N. Narahari Achar explica, outros estudiosos propuseram variados anos para a guerra do *Mahabharata*, com datas entre 3102 a.C. e 3139 a.C. Nenhuma dessas datas, no entanto, pode produzir as configurações astronômicas descritas no *Mahabharata*.

Outro ponto a se considerar é que geralmente se aceita que a era de Kali começou em 17/18 de fevereiro de 3102 a.C., que também coincide com as configurações astronômicas. Isso também é endossado pela tradição Aryabhata, em que Aryabhata, que viveu em 476-550 d.C, explica que, quando tinha 23 anos de idade, 3600 anos de Kali-yuga haviam se passado. Aryabhata, um dos grandes matemáticos e astrônomos da Índia no século V d.C., examinou as posições astronômicas registradas no *Mahabharata*. Em seu trabalho, o *Aryabhattiya*, calculou que a data aproximada seria 3100 a.C., justificando a data de acontecimento da guerra de Kurukshetra como cerca de 5000 anos atrás, como a tradição em si e a maioria dos hindus sempre disseram.

Isso novamente identifica o ano de 3102 a.C., mas o *Mahabharata* em si não descreve quando Kali-yuga começou. Tudo o que diz é que a guerra se deu em algum momento durante o intervalo entre Dvapara-yuga e Kali-yuga, e certamente se deu antes de o Senhor Krishna deixar este mundo. Todavia, há evidências de que Kali-yuga já começara antes do desaparecimento do Senhor Krishna.

No *Srimad-Bhagavatam* (1.15.36), explica-se: “Quando a Personalidade de Deus, o Senhor Krishna, deixou este planeta terrestre em Sua própria forma; nesse mesmo dia, Kali, que antes aparecera parcialmente, tornou-se completamente manifesta para criar condições inauspiciosas àqueles possuidores de apenas um pobre fundo de conhecimento”.

Kali-yuga, por conseguinte, já aparecera, mas, apenas pela presença do Senhor Krishna, sua influência estava sendo estorvada. Depois que Ele deixou este mundo, todavia, toda a potência de Kali entrou em vigor, o que também é afirmado no *Kali-rajá Vrittanta*. Assim, o mais provável é que a guerra tenha ocorrido em 3067 a.C., e o começo de Kali-yuga é aceito como 3102 a.C.

Algumas pessoas, como Max Muller e outros, tiveram dificuldade em aceitar essa data como o tempo do *Mahabharata* em virtude de que acreditavam que as descrições das posições planetárias dos *saptarishis* (Ursa Maior) não eram reais. Uma descrição similar, todavia, é apresentada no segundo capítulo do décimo segundo canto do *Srimad-Bhagavatam*, o que ajuda a comprovar o tempo do *Mahabharata*.

Tempo do Senhor Krishna

Uma pequena evidência que pode ajudar na averiguação do tempo do Senhor Krishna foi encontrada em Mohenjodaro: um bloco datado de 2600 a.C. retratando o Senhor Krishna em Sua infância. O mesmo mostra que o Senhor Krishna era popular pelo menos antes dessa data.⁷

Também temos registros de viajantes gregos que foram à Índia depois da invasão de Alexandre e que deixaram referências sobre Krishna. Escritores como Plínio se referiam a Krishna como Heracles, baseado em Hari Krishna. Eles registraram que Heracles (Krishna) era tido com estima especial pela tribo Sourseni (Shuraseni, baseado em Shurasena, o pai de Vasudeva e avô do Senhor Krishna) em locais como a grande cidade de Methora (Mathura).

Os registros gregos chegam a informar que Heracles (Krishna) viveu 138 gerações antes do tempo de Alexandre e Sandrocottas,

que viveram por volta de 330 a.C. Isso resulta, considerando 20 anos por geração, por volta de 3090 a.C., o que é próximo do tempo correto considerando 3102 a.C. como a data quando Kali-yuga teve início. Assim, o Senhor Krishna foi uma figura genuinamente histórica, que viveu entre 3200 e 3100 a.C. por cerca de 125 anos.

Quando Krishna Deixou Este Mundo

Isso nos conduz à data aproximada de quando o Senhor Krishna deixou este mundo. Como B. N. Narahari Achar novamente descreve, “de acordo com o épico *Mahabharata*, Krishna aparece pela primeira vez [no épico] no tempo do casamento de Draupadi, e Sua partida é exatamente 36 anos após a guerra. Nenhuma informação sobre Seu nascimento está disponível no próprio épico, embora haja informações atinentes à Sua partida. Krishna observa presságios (*Mahabharata* 14.3.17) similares àqueles vistos no tempo da guerra, então indicando a completa destruição dos Yadavas. Simulações [astrológicas] mostram que, no ano de 3031 a.C., trinta e seis anos depois de 3067 a.C., houve uma série de três eclipses. Um eclipse solar em 20 de outubro foi seguido por um eclipse solar anular em 5 de novembro, seguido, por sua vez, por um eclipse lunar penumbral em 19 de novembro, dentro de um intervalo de 14 dias e em um tempo *aparvani*. Assim, a data da partida do Senhor Krishna é consistente com a tradição popular de que Ele partiu 36 anos após a guerra. As informações pertinentes a Seu nascimento podem ser reunidas do *Harivamsha* e do *Srimad-Bhagavatam*. Deve-se entender, entretanto, que a data de Sua partida deste mundo está estabelecida nas informações no épico *Mahabharata* e com base nas simulações [astronômicas], e resulta em 3031 a.C.”.⁸

A Antiguidade do Culto Vaishnava

Algumas vezes, há comentários e até controvérsias entre aqueles que são menos informados em relação a se o cristianismo ou o hinduísmo (a cultura védica) veio primeiro. Algumas pessoas apontam que os elementos devocionais dentro da tradição védica, especialmente em relação aos movimentos de *bhakti*, têm que ter vindo do cristianismo primeiro e, então, aparecido na tradição védica vaishnava, cujos

seguidores exibem grande amor e devoção pelo Senhor Krishna, Vishnu e Seus outros *avatars*. Essa ideia, entretanto, não poderia estar mais distante da verdade. O fato é que há provas arqueológicas de que a tradição vaishnava de devoção ao Senhor Vishnu existia muitos anos antes do aparecimento do cristianismo.

Não distante do local de peregrinação budista de Sanchi, na Índia central, viajamos 45 minutos por uma estrada esburacada para Vidisha, ou Beshnagar, onde encontramos a coluna de Heliodorus, conhecida localmente como “o pilar de Khamb Baba”. A mesma foi erigida por Heliodorus, o embaixador grego para a Índia, em 113 a.C. Heliodorus foi enviado à corte do rei Bhagabhadra por Antialkidas, o rei grego de Taxila. O reino de Taxila era parte da região bactriana no noroeste da Índia, que fora conquistada por Alexandre, o Grande, em 325 a.C. Na época de Antialkidas, a região sob o reinado grego incluía o que hoje é o Afeganistão, Paquistão e Panjabe.

Heliodorus escreveu no pilar de pedra o tempo em que foi erigido e o fato de que se convertera ao vaishnavismo, ou a adoração ao Senhor Vishnu. A inscrição na coluna, como publicada no periódico da Royal Asiatic Society, diz:

“Esta coluna do Garuda de Vasudeva (Vishnu), o Deus dos deuses, foi aqui erigida por Heliodorus, um adorador de Vishnu, filho de Dion e habitante de Taxila, que veio como embaixador grego do grande rei Antialkidas para o rei Kasiputra Bhagabhadra, o Salvador, então governando prosperamente no décimo quarto ano de seu reinado. Três importantes preceitos, quando praticados, levam ao paraíso: autodomínio, caridade e escrúpulo”.

Isso demonstra que Heliodorus se tornara um adorador de Vishnu e era bem versado nos textos e na conduta ideal dessa religião. Podemos imaginar que muitos outros gregos se converteram ao hinduísmo vaishnava se houve a conversão de tão notável embaixador. Isso prova conclusivamente a apreciação da Índia e de sua filosofia por parte dos gregos.

Foi o general Alexander Cunningham, que fez uma pesquisa arqueológica em 1877, que notou pela primeira vez a importância da coluna. Ele, entretanto, não notara a inscrição na mesma porque

estava coberta por cinabre. Isso em razão de que os peregrinos que a adoravam tinham o costume de passar cinabre nela.

Foi apenas em janeiro de 1901 que Sr. Lake removeu a pintura de sobre o que ele imaginou que fossem alguns dizeres. Uma vez que o antigo texto brami foi traduzido, a importância histórica da coluna se tornou ainda mais evidente.

Os sanscritistas britânicos, devido a se superestimarem, desenvolveram a ideia de que muito das tradições védicas e lendas do Senhor Krishna haviam sido incorporadas da Bíblia e das histórias de Jesus. Entretanto, essa coluna de Heliódorus foi a descoberta arqueológica que provou aos desapontados britânicos que o conhecimento de Krishna e a tradição vaishnava antecederiam o cristianismo em pelo menos 200 anos. A coluna indicou que os indianos não adotaram as lendas de Cristo para colocaram em seus *Puranas* como histórias de Krishna, como os britânicos haviam hipotetizado.

Outro ponto a ser considerado é que, se um oficial grego impressionou-se tanto com a filosofia do vaishnavismo a ponto de se converter em 200 a.C., isso significa que o vaishnavismo e o elemento de devoção espiritual a Deus, como encontrado na tradição de *bhakti*, tinha de ter-se originado muitos séculos antes, se não muitos milênios, para que houvesse se desenvolvido a um estágio em que os gregos pudessem ter-se convencido tanto de seu valor. Trata-se, portanto, de um importantíssimo lugar histórico para se visitar.

A coluna de Heliódorus também indica que a tradição védica aceitava conversões naquele tempo. Foi apenas depois das dificuldades entre hindus e muçulmanos que passou a existir hesitação por parte dos hindus quanto a aceitar conversões para a tradição védica. A religião védica se via como universal e dava boas-vindas a todos interessados em a ela aderir. Como Raychaudhari escreve, “o registro de Beshnagar testifica o zelo proselitista dos *bhagavatas* [vaishnavas] nos séculos pré-cristãos e mostra que sua religião era excelente o bastante para capturar o coração de gregos cultos, bem como católica o bastante para admiti-los”.

Isso evidencia ainda mais que os gregos nada foram além de uma parte da cultura védica e que repetiram o que essa cultura e seus

filósofos haviam aprendido com os sábios védicos, e não que são uma fonte dos níveis mais elevados de filosofia, como alguns acreditam.

Descobertas arqueológicas adicionais incluem as inscrições do poço de Mora e na pedra de Ghosundi, que nos falam que o rico e complexo conceito vaishnava de Deus e as completas expansões do Supremo no universo material já estavam bem estabelecidos nos dois primeiros séculos antes de Cristo. Onze quilômetros a oeste de Mathura, na pequena e tímida vila Mora, o general Cunningham fez outra descoberta vital em relação à historicidade do vaishnavismo. Em 1882, no declive de um poço antigo, descobriu uma grande placa de pedra repleta de inscrições. Embora mais da metade dos escritos do lado direito já houvessem se perdido, o restante era legível. O texto foi transcrito, e um fac-símile da inscrição foi publicado no relatório anual da Archaeological Survey of India, um departamento do governo da Índia ligado ao Ministério da Cultura. A mensagem era clara. Não apenas Krishna era adorado nos séculos antes de Cristo, mas também Suas expansões e associados, especialmente “os cinco heróis do clã Vrishni”. Pesquisas acadêmicas esclarecem que esses cinco são Krishna (Vasudeva), Balarama (Sankarshana), Pradyumna, Samba e Aniruddha.

Essa é uma prova de que as complexas teologia, metafísica e cosmologia do vaishnavismo definitivamente já existiam em um estado avançado séculos antes de Cristo. A inscrição do poço de Mora é uma importante prova arqueológica desse fato histórico.

Ademais, na vila de Ghosundi, no distrito Chitor do Rajastão, encontra-se a inscrição de Ghosundi, que reforça a mensagem da inscrição do poço de Mora. Kaviraja Shyamala Dasa foi quem pela primeira vez apresentou ao mundo essa evidência, em *The Journal of the Bengal Asiatic Society*. Hoje, a inscrição pode ser inspecionada no Museu Victoria Hall, em Udaipur.

A parte relevante dessa inscrição para este posfácio traz os seguintes dizeres: “[Este] balaústre de pedra para fins de adoração é do complexo Narayana, [dedicado] aos bem-aventurados [*bhagavabhyam*] Sankarshana e Vasudeva, os deuses...”.

A inscrição está na forma de uma escrita sânscrita chamada “brami do norte”, que data a inscrição como sendo do século II a.C.,

ou no fim do período Maurya ou no começo do período Sunga. Uma inscrição quase idêntica também foi descoberta próximo dali e se chama inscrição Hathi-vada. Segundo K. P. Jayaswal, da Archaeological Survey of India, essas inscrições demonstram que não eram apenas os xátrias, mas também os brâmanes, ou a classe sacerdotal e intelectual, que adoravam Krishna como “o Senhor de tudo e todos”, em virtude do que o vaishnavismo estava em toda a sociedade indiana.

O mesmo ponto é estabelecido na famosa inscrição da caverna Nanaghat no estado de Maharashtra, onde Vasudeva e Sankarshana (ou Krishna e Balarama) estão inclusos na invocação de um brâmane. No campo epigráfico, essa inscrição é datada conclusivamente como oriunda da segunda metade do século I a.C.

Além disso, Raychaudhuri reporta: “A inscrição de Nanaghat mostra ainda que a religião *bhagavata* [vaishnava] não mais estava confinada no norte da Índia, mas já se difundira para o sul e capturara o coração do povo vigoroso de Maharashtra. De Maharashtra, estava destinada a se difundir para Tamil e, então, retornar com força renovada para os cantos mais remotos do mundo védico hindu”.

Há também muitas evidências numismáticas que corroboram a antiguidade de Krishna. Por exemplo, escavações em Al-Khanum, ao longo das fronteiras do Afeganistão e da União Soviética, conduzidas por P. Bernard e uma expedição arqueológica francesa, desenterraram moedas emitidas pelo governante indo-grego Agathocles (180?-165? a.C.). As moedas têm escritos tanto em grego como em brami e, o mais interessante, mostram uma imagem de Vishnu, ou Vasudeva, carregando um *chakra* e um vaso em formato de pera, ou búzio, que são dois dos quatro principais símbolos sagrados de Deus no vaishnavismo.

Essas evidências, enfim, servem de testemunho para o fato de que a tradição cristã e seu elemento central de devoção ou *bhakti* a Deus era encontrada na cultura védica muito antes de aparecer nos confins do cristianismo. Com efeito, muito da filosofia espiritual mais profunda no cristianismo nada é senão uma repetição do que fora previamente estabelecido e com muito maior profundidade desenvolvido na tradição védica mais antiga. Para investigar os

aspectos mais profundos dos diferentes níveis de devoção a Deus, portanto, o sujeito pode estudar a tradição védica e vaishnava de modo a aprender os detalhes mais refinados.



Notas do Posfácio

1. B. N. Narahari Achar, *Origin of Indian Civilization*, Editado por Bal Ram Singh, Center for Indic Studies, Dartmought, EUA, 2010, p. 203.
2. Nicholas Kazanas, *Origin of Indian Civilization*, Editado por Bal Ram Singh, Center for Indic Studies, Dartmought, EUA, 2010, p. 53.
3. B. N. Narahari Achar, *Origin of Indian Civilization*, Editado por Bal Ram Singh, Center for Indic Studies, Dartmought, EUA, 2010, p. 225.
4. *Ibid.*, p. 231.
5. *Ibid.*, p. 244.
6. Nicholas Kazanas, *Origin of Indian Civilization*, Editado por Bal Ram Singh, Center for Indic Studies, Dartmouth, EUA, 2010, p. 53.
7. V. S. Agrawal, *India in the Days of Panini*, 1953.
8. B. N. Narahari Achar, *Origin of Indian Civilization*, Editado por Bal Ram Singh, Center for Indic Studies, Dartmought, EUA, 2010, p. 246-7.

Sobre o Autor

Bhagavan Dasa, de nome civil Thiago Costa Braga, é natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, e graduado em Letras.

Iniciou seus estudos sobre o *Bhagavad-gita* em sua cidade natal no ano de 2004. Despertado grande interesse em sua pessoa, decidiu pela vida monástica, internando-se no Seminário de Filosofia e Teologia Hare Krishna, com sede em Campina Grande, PB, onde estudou com o corpo de professores da instituição o *Bhagavad-gita* segundo os ensinamentos sistêmicos de Visvanatha Chakravarti Thakura (1626?-1708?), A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977) e do estudioso contemporâneo Bhurijana Dasa.

Ao término do currículo do seminário, submeteu-se ao exame internacional *bhakti-shastri*, que avalia o candidato em seu entendimento de cada um dos dezoito capítulos do *Bhagavad-gita*, bem como noções de língua sânscrita e domínio de obras védicas suplementares ao *Bhagavad-gita*, como a *Ishopanishad*. Recebeu da comissão de Mayapur, Índia, então, o título *bhakti-shastri*, ou “conhecedor das escrituras devocionais”.

No mesmo ano, recebeu iniciação formal do coordenador do seminário onde residira, Dhanvantari Swami, recebendo o nome Bhagavan Dasa, “servo de Bhagavan”, e sendo oficialmente admitido na sucessão discipular Brahma-madhva-gaudiya, a qual, segundo a tradição, começa com o próprio orador do *Bhagavad-gita*, Krishna.

Em 2006, deu início a seu envolvimento com a editora The Bhaktivedanta Book Trust, a maior editora de livros no Ocidente sobre o pensamento indiano, na qual atua até hoje na competência

de chefe do departamento de revisão e tradução. Já traduziu mais de duzentos artigos e mais de vinte obras que abordam direta ou indiretamente os ensinamentos do *Bhagavad-gita*. Entre as obras por ele traduzidas, figuram o *Mahabharata*, o épico dentro do qual está registrado o *Bhagavad-gita*, e também o comentário ao *Bhagavad-gita* de nome *Sarartha Varshini Tika*, do já mencionado Visvanatha Chakravarti Thakura.

Atualmente, concilia seu tempo entre ministração de aulas regulares do *Bhagavad-gita*, seu ofício de tradutor e revisor e sua graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É casado e pai de um menino.



Glossário

Abhimanyu – Filho de Árjuna com sua esposa Subhadra. Seu nome significa “irado”.

Aditi – Mãe dos semideuses.

Adityas – Filhos de Aditi, que são em número de doze, a saber, Dhatri, Aryama, Mitra, Varuna, Indra, Vivasvan, Pushan, Parjanya, Amsu, Bhaga, Tvastri e Vishnu. Vishnu apareceu como filho dela especificamente na forma do anão Vamana.

Airavata – O elefante celeste sobre o qual Indra monta.

Ananta – Uma encarnação do Senhor Supremo como uma serpente de mil cabeças, sobre a qual Vishnu repousa.

Anantavijaya – O búzio do rei Yudhisthira, cujo nome significa “vitória infundável”.

Árjuna – O ouvinte do *Bhagavad-gita*, amigo íntimo de Krishna, filho de Kunti e um dos cinco Pândavas. Seu nome significa “luzente”.

Aryama – O semideus encarregado do planeta dos ancestrais.

Asvatthama – O filho de Drona com a irmã de Kripa. Seu nome significa “possuidor de força cavalari”.

Asvinis – Deuses gêmeos que atuam como médicos celestiais.

Balarama – Irmão mais velho de Krishna, cujo nome significa “força e prazer”.

bhakti-yoga – Processo de reconexão com Deus através da prestação de serviço devocional amoroso.

Bhárata – Um importante rei com o qual os Pândavas são aparentados; “descendente de Bhárata”.

Bhima – Filho de Kunti e um dos cinco Pândavas. Seu nome significa “medonho”.

Bhisma(deva) – O avô dos Pândavas e o mais poderoso e respeitado guerreiro no campo de batalha de Kurukshetra. Seu nome significa “terrível, horrendo”.

Bhrigu – Líder de muitos sábios residentes em uma dimensão superior.

Bhurisrava – Guerreiro Kuru e um dos três filhos de Somadatta, um rei da dinastia Kuru. Seu nome significa “muito louvado”.

Brahmá – Semideus que superintende o modo da paixão e que se encarrega da criação do universo material e das formas de vida dentro do mesmo.

Brahman – Espírito. Porque Brahman significa “espírito”, e tanto Deus quanto a alma são espírito, algumas vezes as declarações referentes ao Brahman são entendidas como dizendo que Deus e a alma são unos. No *Bhagavad-gita*, entretanto, Krishna é tratado como o Brahman Supremo, mostrando que existe hierarquia entre o que é espiritual: a alma é espiritual, ou Brahman, mas é inferior a Krishna, que também é espiritual porém é supremo. Brahman também pode se referir à refulgência corpórea de Krishna, onde de fato se fundem os praticantes de *jnana-yoga*, também conhecidos como monistas ou impersonalistas.

brâmana (brâmane) – A primeira das quatro classes védicas, que se constitui dos religiosos intelectuais.

Brihaspati – *Guru* de Indra e o principal sacerdote dos semideuses.

Brihat-sama – Canção presente no *Sama Veda* cantada por vários semideuses. Possui uma melodia primorosa e é cantada à meia-noite.

chakra – Uma das quatro insígnias de Vishnu, que consiste em um disco usado como arma.

Chekitana – Guerreiro da dinastia Yadu que lutou do lado dos Pândavas. Seu nome significa “inteligente”.

Chitrarata – O rei dos Gandharvas e o melhor cantor entre eles, os quais são dançarinos, cantores e musicistas dos planetas superiores.

darma – Códigos de conduta em conformidade com a natureza dos indivíduos e do mundo.

Devadatta – O búzio de Árjuna, cujo nome significa “presente divino”.

Dhananjaya – Um dos nomes de Árjuna, cujo significado é “conquistador de riquezas”.

Dhristadyumna – Primogênito de Drúpada e irmão de Draupadi. Seu nome significa “aquele de esplendor notável”.

Dhristaketu – Guerreiro que tomou o partido dos Pândavas na Guerra de Kurukshetra. Seu nome significa “aquele de lustre notável”.

Dhritarastra – O pai dos Kurus e tio dos Pândavas cuja tentativa de usurpar o reino deles em prol de seus filhos resultou na Guerra de Kurukshetra. Seu nome significa “aquele cujo reinado é assistido”.

Draupadi – A filha do rei Drupada e esposa dos Pândavas. Foi uma grande devota do Senhor Krishna.

Drona(charya) – O preceptor marcial tanto dos Pândavas quanto dos Kurus; o comandante-em-chefe dos Kurus. Seu nome significa “nascido de um cântaro”.

Drúpada – O rei de Panchala e pai de Draupadi e Dhristadyumna. Seu nome significa “aquele de passadas rápidas”.

Duryodhana – O filho mais velho de Dhritarastra e o principal rival dos Pândavas. Seu nome significa “aquele contra quem é árduo lutar”.

Gandiva – O famoso arco de Árjuna, presenteado a ele por Agni, o deus do fogo. Seu nome significa “feito da planta *gandi*”.

Ganges – Rio sagrado em razão de ter lavado os pés de Krishna em Sua encarnação como o anão Vamana.

Garuda – O devoto águia transportador do Senhor Vishnu.

Gayatri – *Mantra* sagrado que os brâmanes cantam silenciosamente três vezes ao dia ao nascer do Sol, ao entardecer e no poente a fim de alcançarem a plataforma transcendental.

Gudakesha – Um dos nomes de Árjuna, cujo significado é “aquele que inspira (*akesha*) devoção (*guda*) mesmo em Vishnu (*a*), Brahmá (*ka*) e Shiva (*isha*)”.

Himalaia – A mais alta cadeia montanhosa do mundo.

Indraloka – O mesmo que Svarga.

Janárdana – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “mantenedor do povo”.

Jayadratha – O rei de Sindhu, que lutou contra os Pândavas. Seu nome significa “aquele cuja quadriga é triunfante”.

jnana – No contexto do verso 8.14, onde aparece, é o desejo de se livrar do ciclo de nascimentos e mortes. Krishna diz que isso é uma mácula no *bhakti-yoga* porque, no serviço devocional puro, o devoto deseja servir Krishna em qualquer lugar, sendo indiferente em relação a se serve Krishna dentro do mundo de nascimentos e mortes ou fora dele, no reino de Deus.

Kapiladeva – Encarnação de Krishna, filho de Devahuti e Kardama Muni, que apresentou a filosofia *sankhya* devocional, a análise da matéria e do espírito como um meio de cultivo do serviço

devocional ao Senhor. (Existe também um Kapila ateuísta, mas é posterior e não é uma encarnação do Senhor Supremo).

karma – Ação; a reação das ações materiais, que é a produção de um novo corpo material; o desejo de se assenhorear dos frutos do trabalho.

Karna – O filho mais velho de Kunti, antes de seu casamento com Pându, e, destarte, meio-irmão de Árjuna e dos outros príncipes Pândavas. Seu nome significa “nascido de um ouvido”.

Kashiraja – O rei de Kashi, outro nome de Varanasi.

Kaunteya – Um dos nomes de Árjuna, cujo significado é “filho de Kunti”.

Kêshava – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “controlador (*vayase*) de Brahmá (*ka*) e Shiva (*isha*)”.

Kêshi – Um demônio em forma de cavalo gigante morto por Krishna.

Kripa – Um dos capitães de Duryodhana e cunhado de Drona. Seu nome significa “piedade”.

Krishna – O orador do *Bhagavad-gita* e amigo íntimo de Árjuna. Fez o voto de não combater na Guerra de Kurukshetra, mas serviu de quadrigário e conselheiro de Árjuna. Seu nome significa “o todo-atrativo”.

Kunti – A mãe dos Pândavas e tia e devota de Krishna. Seu nome significa “lança”.

Kuntibhoja – Um rei da dinastia Yadu e pai de criação de Kunti, o qual tomou partido dos Pândavas durante a Guerra de Kurukshetra. Seu nome significa “aquele que propicia alegrias aos residentes de Kunti”, um reino extinto que possivelmente existiu ao norte de onde hoje é Ujjain.

Kuru – O fundador da dinastia na qual os Pândavas, bem como seus rivais, os filhos de Dhritarastra, nasceram. O termo “Kurus” por

vezes é utilizado para designar apenas Duryodhana, Dhritarastra e seus aliados.

Kurukshetra – Uma terra sagrada em decorrência das penitências do rei Kuru. Local onde se deu a grande guerra registrada no *Mahabharata* e onde o Senhor Krishna falou o *Bhagavad-gita* a Árjuna aproximadamente cinco mil anos atrás. Situa-se a cerca de 140 quilômetros ao norte de Nova Délhi e é ainda hoje um local de peregrinação.

libertação – O livramento do ciclo de nascimentos e mortes.

Madhu – Um demônio morto por Krishna em Sua encarnação homem-cavalo de nome Hayagriva.

Madhusudana – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “aquele que matou Madhu”.

Mahabharata – O maior épico da humanidade, dentro do qual está o *Bhagavad-gita*.

Maha-Purusha – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “a pessoa suprema”.

Manipuspaka – O búzio de Sahadeva, cujo nome significa “bracelete de joias”.

margashirsha – O mês de novembro/dezembro, considerado o melhor em virtude de que, na Índia, os grãos são colhidos do campo; o mês quando a Lua entra na constelação de *mriga shiras*.

Marichi – O vento primordial, também chamado Parivaha.

maya – A energia ilusória do Senhor Supremo, a qual faz a entidade viva esquecer-se de sua relação com Deus.

Meru – Uma montanha dourada famosa por seus ricos recursos naturais e morada de alguns semideuses.

Nakula – Filho de Madri e um dos cinco Pândavas. Seu nome significa “solitário”.

Nárada – Um dos filhos de Brahmá, discípulo direto de Krishna e mestre espiritual de Vyasadeva e muitos outros devotos destacados.

Om kara – A sagrada sílaba Om, que é considerada a raiz de todo som e é proferida antes do início de rituais védicos.

Panchajanya – O búzio de Krishna. Seu nome se refere ao demônio Panchajana, em torno de cujo corpo o búzio cresceu.

Pândavas – Filhos de Pându.

Pându – Um grande rei da dinastia Kuru e pai dos irmãos Pândavas.

Parta – Um dos nomes de Árjuna, cujo significado é “filho de Prita”.

Paundra – O búzio de Bhima, cujo nome significa “cana-de-açúcar”, especificamente de uma espécie de fibra clara.

Prahlada – Destacado devoto de Nrisimhadeva, a encarnação homem-leão de Krishna.

Prita – Um dos nomes de Kunti, cujo significado é “produtiva”.

Purujit – Um destacado guerreiro do lado dos Pândavas. Seu nome significa “aquele que conquista muitos”.

Rakshasas – Demônios antropófagos.

Rama – Encarnação de Krishna, também conhecida como Parashurama, que apareceu como um guerreiro em tempos passados a fim de derrubar a classe guerreira quando a mesma se encontrava degradada.

Rudras – Expansões destinadas a destruir o universo no momento apropriado. Shiva, que também é conhecido como Shankara, como evidencia o *Mahabharata*, é o mais importante dos onze Rudras.

Sadhys – Seres semicelestiais, habitantes de uma esfera entre a Terra e Svarga.

Sahadeva – Filho de Madri e um dos cinco Pândavas. Seu nome significa “acompanhado pelos deuses”.

Sama Veda – Um dos quatro *Vedas*, as quatro escrituras mais antigas da Índia, constante dos acompanhamentos musicais dos hinos sacro-ficatórios; é rico em belas canções cantadas por vários semideuses.

Samadhi – Completa absorção em um dos aspectos do Supremo.

Sanjaya – Quadrigário e ministro do rei Dhritarastra; narrador dos eventos em Kurukshetra. Seu nome significa “completamente vitorioso”.

Satyaki – “Filho de Satyaka”; um proeminente membro da dinastia Yadu, amigo e quadrigário de Krishna e aluno de Árjuna.

Shaibya – Um destacado guerreiro do lado dos Pândavas. Seu nome significa “relativo aos Shibis”.

Shikhandi – Um guerreiro Pândava, filho de Drupada, nascido para matar Bhishma, o qual odiava de sua vida pretérita. Seu nome significa “aquele que tem um tufo de cabelo”.

Shiva – Semideus que superintende o modo da ignorância e que se encarrega da destruição do universo material; considerado o maior dos vaishnavas.

shudra – A quarta das quatro classes védicas, que se constitui dos empregados.

Skanda – Filho de Shiva, deus da guerra e o principal de todos os comandantes militares; também conhecido como Kartikeya.

Soma – Bebida ritual védica feita de uma planta, extinta provavelmente junto da seca do rio Sarasvati.

Subhadra – Irmã mais nova de Krishna, que personifica uma de Suas energias; esposa de Árjuna e mãe de Abhimanyu.

Sugosha – O búzio de Nakula, cujo nome significa “aquele que produz um som agradável”.

Superalma – Expansão de Krishna que reside no coração de toda criatura no ciclo de nascimento e morte e é o objeto da meditação dos iogues.

Surabhi – Vacas da morada espiritual de Krishna, as quais fornecem leite ilimitadamente.

Svarga – Morada temporária para onde vão os adeptos do sistema *karma-kanda* dos *Vedas* e também os guerreiros que morrem em combate de acordo com o darma.

Ucchaishrava – O cavalo celeste sobre o qual Indra monta.

Uttamauja – Um guerreiro aliado dos Pândavas. Seu nome significa “deveras vigoroso”.

vaishnava – Adepto do vaishnavismo, a religião centrada no culto a Vishnu ou Krishna.

vaixás – A terceira das quatro classes védicas, que se constitui dos comerciantes, agricultores e protetores das vacas.

Varanasi – Uma cidade do atual estado de Uttar Pradesh, especialmente sagrada para os devotos de Shiva.

Varshneya – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “descendente de Vrishni”.

Varuna – O semideus encarregado dos oceanos.

Vássus – Grupo de oito deuses, composto de Apa, Dhruva, Soma, Dhava, Anila, Pavaka, Pratyusha e Prabhasa. Pavaka, o deus do fogo, é o mais importante entre eles.

Vasudeva – Nome dado a qualquer forma de Krishna fora de Vrindavana.

Vasuki – Rei das serpentes.

Vedanta – O tratado filosófico escrito por Vyasadeva, que consiste em aforismos que abrangem o significado essencial das *Upanishads*. Considerado a conclusão (*anta*) de todo conhecimento (*veda*).

Vedantista – Relativo a *Vedanta*.

Vedas – As quatro escrituras mais antigas da Índia, a saber, *Rig*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva*. Os *Puranas* também são considerados literatura védica uma vez que as *Upanishads* os descrevem como “o quinto *Veda*”.

Vikarna – Um irmão de Duryodhana, cujo nome significa “aquele de orelhas avantajadas”.

Virata – O rei dos Matsyas, que, em segredo, refugiou os Pândavas quando exilados.

Vishnu – A majestosa forma de Krishna de quatro braços; “aquele que permeia todo o universo”.

Visvedevas – Grupo de doze semideuses menores.

Vrikodara – Um dos nomes de Bhima, cujo significado é “barriga de lobo”.

Vrishnis – Descendentes do primeiro rei Yadu, cujo nome era Vrishni.

Vyasadeva – Encarnação literata de Krishna; o maior filósofo dos tempos antigos e compilador da literatura védica. É autor do *Mahabharata* e do mais antigo comentário ao *Vedanta-sutra*, conhecido como *Srimad-Bhagavatam*.

xátria – A segunda das quatro classes védicas, que se constitui dos governantes e guerreiros.

Yadava – Um dos nomes de Krishna, cujo significado é “descendente de Yadu”.

Yakshas – Classe de fantasmas semipiedosos, seguidores de Kuvera.

Yama – O semideus que pune os pecadores após a morte.

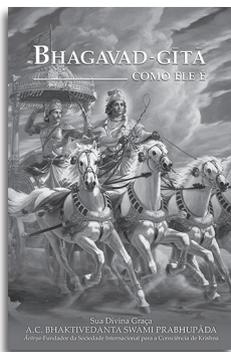
yoga – Qualquer método pelo qual a alma individual possa se conectar com Deus em qualquer de Seus aspectos; processo específico para percepção de Deus como a Superalma dentro do coração sobretudo através de práticas mecânicas.

Yudhishthira – Filho de Kunti e um dos cinco Pândavas. Seu nome significa “aquele que é estável na batalha”.

Yuyudhana – Um dos nomes de Satyaki, cujo significado é “ansioso por lutar”.



Sugestões de Leitura



O Bhagavad-gītā Como Ele É

A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda
Páginas: 800 | Formato: 14x21cm
ISBN: 978-85-7015-156-8

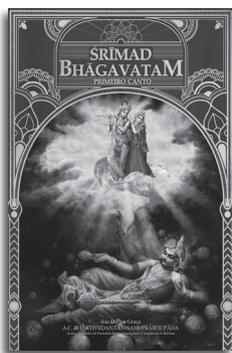
Há milênios, a *Bhagavad-gita* é apreciada por todo tipo de estudiosos e buscadores graças a seu texto rico em saberes pertinentes a muitas esferas do conhecimento, como comportamento humano, organização social e teologia. Com apelo ao coração e ao intelecto, esta obra é um clássico envolvente e que em muito pode aprimorar a vida de seu leitor. Nesta edição, a mais amplamente lida em todo o mundo, você tem acesso ao texto integral e com comentários eruditos que auxiliarão no entendimento da verdadeira essência da *Bhagavad-gita*.



Śrī Īsopaniṣad: O Conhecimento que nos Aproxima do Absoluto

A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada
Páginas: 224 | Formato: 14x21cm
ISBN: 978-85-7015-122-3

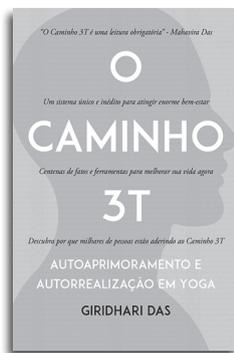
De imenso valor a historiadores das religiões, linguistas, antropólogos culturais e devotos, bem como a todo leitor interessado em questões espirituais, a *Sri Īsopaniṣad* aborda a temática dos diferentes destinos possíveis após a morte, discute a natureza constitucional das entidades vivas, concilia variadas concepções de Deus e assim cumpre, com grande primazia, seu proposto papel de aproximar o leitor da Verdade Absoluta.



Srimad-Bhagavatam

A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada
Páginas: varia a cada volume
Formato: 16x23 cm
ISBN: 978-65-990622-5-4

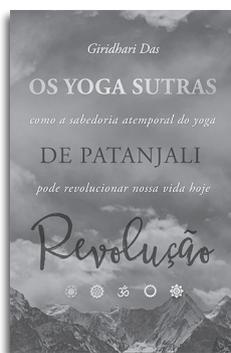
O *Srimad-Bhagavatam* se destaca como a culminação de toda a literatura védica, trazendo tanto o vedanta, isto é, a conclusão de todos os Vedas que o antecedem, como revelando verdades esotéricas não disponíveis em nenhum outro lugar. Abordando os mais variados temas deste mundo e de mundos desconhecidos, entrelaçados em histórias envolventes, esta obra transmite as verdades filosóficas mais profundas de forma atrativa a todas as audiências.



O Caminho 3T: Autoaprimoramento e Autorrealização em Yoga

Giridhari Das
Páginas: 208 | Formato: 14x21cm
ISBN: 978-85-69942-14-6

Descubra o poder de sua mente. Saiba como transformar uma vida de ansiedade, incerteza e falta de rumo em uma vida de paz, força e alegria. Pela primeira vez, encontre em um único livro as principais maneiras de mudar sua consciência e remodelar seu cérebro, para experimentar uma vida melhor. O livro é o fruto de décadas de prática e pesquisa do renomado autor, palestrante e professor de autoajuda e autorrealização em *yoga*, Giridhari Das. Este livro lhe dará as ferramentas para você assumir o comando de sua experiência de vida.



Os Yoga Sutras de Patanjali: Revolução

Giridhari Das

Páginas: 168 | Formato: 14x21 cm

ISBN: 978-85-69942-36-8

Os *Yoga Sutras* podem ser difíceis de se decifrar, para não falar sobre colocá-los em prática, mas, nesta versão, uma apresentação prática do texto, você encontrará uma tradução fácil de entender, acompanhada de comentários. O mundo precisa de uma revolução de consciência. Temos que mudar a maneira como vivemos e como lidamos uns com os outros. Neste livro, você verá como o *yoga* pode nos prover a estrutura para essa revolução.

